CEFET/RJ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

LITERATURA E PERTENCIMENTO: TRAJETÓRIAS E INFLUÊNCIAS DE ESCRITORES NEGROS DOS SUBÚRBIOS DO RIO DE JANEIRO NA ATUALIDADE

Janaína Ferreira do Nascimento

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico-Raciais, do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestra em Relações Étnico-Raciais.

Orientadora: Luciana de Mesquita Silva

Rio de Janeiro

Novembro/2024

LITERATURA E PERTENCIMENTO: TRAJETÓRIAS E INFLUÊNCIAS DE ESCRITORES NEGROS DOS SUBÚRBIOS DO RIO DE JANEIRO NA ATUALIDADE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico-Raciais, do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Relações Étnico-Raciais.

Janaína Ferreira do Nascimento

Banca Examinadora:

_____

Presidente, Professora Dra. Luciana de Mesquita Silva (Orintadora – CEFET/RJ)

_____

Professora Dra. Flávia Pinheiro Meirelles (Examinadora Interna – CEFET/RJ)

_____

Professora Dra. Rôssi Alves Gonçalves (Examinadora Externa – UFF)

SUPLENTES

_____

Professor Dr. Humberto Manoel de Santana Júnior (Suplente Interno – CEFET/RJ)

_____

Professor Dr. Felipe Fanuel Xavier Rodrigues (Suplente Externo – UERJ)

Rio de Janeiro

Novembro/2024

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do CEFET/RJ

N244 Nascimento, Janaína Ferreira do
Literatura e pertencimento: trajetórias e influências de escritores negros dos subúrbios do Rio de Janeiro na atualidade / Janaína Ferreira do Nascimento – 2024.
132f : il. (algumas color.), enc.

Dissertação (Mestrado). Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, 2024.
Bibliografia : f. 127-132.
Orientadora: Luciana de Mesquita Silva.

1. Relações étnicorraciais. 2. Literatura brasileira – Escritores negros. 3. Negros na literatura. 4. Subúrbios na literatura. I. Silva, Luciana de Mesquita. (Orient.). II.Título.

CDD 305.8

Elaborada pelo bibliotecário Leandro Mota de Menezes – CRB/7 nº 5281

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha avó Arlete Moreira Garcia (*in memorian*) e ao meu avô Luiz José do Nascimento (*in memorian*), hoje meus ancestrais. Agradeço imensamente por tudo que fizeram por mim. Sem a presença dos dois em minha vida, o caminho percorrido até a realização desta pesquisa não seria possível.

AGRADECIMENTOS

Gratidão a Olorun.

Gratidão a Oloke.

Gratidão a minha Mãe Osún, ao meu Pai Ayrá, por tudo que fazem florescer em minha vida. Gratidão ao meu Pai Ògún por se fazer presente nas batalhas que valem a pena guerrear. Gratidão a Exu, meu amigo fiel, energia que traz movimento para minha vida.

Gratidão aos Erês que me trazem alegria, em especial a Correnteza. Gratidão também aos meus ancestrais que pavimentaram o caminho para que hoje eu estivesse aqui.

Modupé Babálorisá Rafael Douraddo de Ògún, meu pai, meu amigo, meu exemplo, egresso do PPRER, meu grande incentivador, a mão que me tornou Omo Orisá Osún.

Modupé Babakekere Maxsuel Quenil de Osogiyan, meu pai pequeno, meu amigo, meu exemplo, meu grande incentivador e meu gestor escolar na E.M Jayme Fichman.

Modupé Yalorisá Marilene de Osún, minha avó de Santo, sou imensamente grata pelo seu carinho e ensinamentos.

Salve Dona Cigana!

Salve Dona Padilha!

Salve Dona Maria Navalha!

Salve Sr. Tranca Ruas!

Gratidão a minha mãe Ana Maria Ferreira do Nascimento, que me ensinou valores fundamentais para que eu me tornasse a mulher que sou hoje.

Gratidão a minha tia Ester Ferreira do Nascimento, pelo incentivo aos estudos e apoio desde a minha infância.

Gratidão as minhas amigas Diana Alves e Maria Duarti pelo incentivo e presença amorosa em minha vida.

Gratidão a querida Amanda Carolina Trindade por trazer doçura e alegria a minha vida, em meio a tempos tão corridos, com as visitas dos meus pequenos Bernardo Trindade Medeiros e Malía Trindade Domingues Lannes.

Gratidão as minhas amigas Liz Oliveira pelo incentivo e pelas rezas e a Fabiana Marques do Carmo pelo incentivo e palavras que edificam.

Gratidão a minha orientadora Luciana de Mesquita Silva, pela paciência, incentivo, compromisso, me orientando e contribuindo fundamentalmente nessa jornada.

Gratidão a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) pelo fomento que viabilizou a realização desta pesquisa.

Gratidão a banca examinadora que esteve presente na minha qualificação e defesa: Flávia Pinheiro Meirelles e Rôssi Alves, pessoas que me inspiram e que admiro, suas contribuições foram fundamentais para a condução desta pesquisa.

Gratidão aos membros suplentes da banca examinadora: Felipe Fanuel Xavier Rodrigues e Humberto Manuel de Santana Júnior. Sendo também Humberto Manuel de Santana Júnior meu professor, que contribuiu imensamente nessa jornada e me acolheu gentilmente em sua disciplina, juntamente com a querida professora Aline da Fonseca Sá e Silveira a quem também agradeço imensamente, no meu estágio de docência

Gratidão ao professor Roberto Borges, sem as portas abertas por ele ao criar este programa de mestrado essa jornada não seria possível.

Gratidão a todos os professores e professoras do PPRER, guardarei os ensinamentos e trocas para a vida.

Gratidão ao professor Arthur Baptista e a professora Alessandra Pio, meus professores na Especialização em Ensino de História da África do Colégio Pedro II, grandes inspirações para a minha trajetória acadêmica.

Gratidão as minhas queridas amigas Bruna Oliveira dos Santos, Karen Pegas, Maria Aparecida Lessa, Rosana Rodriguez e Vanessa Muniz pela presença amiga e fortalecedora.

Gratidão as minhas queridas amigas Bianca Toscano, Daniele Siqueira dos Reis, Denise Sanábio, Márcia Santana, Sheilla Teófilo e ao querido amigo André Gabeh, pelo afeto, por me arrancarem as melhores gargalhadas, até em dias nublados.

Gratidão ao Luan Cruz e a Nívia Andrade companheiros de orientação que o PPRER me oportunizou conhecer e estabelecer uma relação de trocas frutíferas e companheirismo ao longo desse caminho até as nossas defesas.

Gratidão aos queridos amigos Paulo Cruz e Antônio Dourado e as amigas: Karen Lamego e Aiume Dias, pelo afeto, pelas trocas, por fazerem parte da minha caminhada no PPRER.

Gratidão aos companheiros e companheiras de jornada no PPRER, pelas trocas e pelas fotos ressignificando o “elevador”… “Somos Herança da Memória”!

Gratidão a todos os escritores e escritoras que me inspiram em minha trajetória literária.

Gratidão aos autores e autoras entrevistados na pesquisa de campo, pelas nossas parcerias estabelecidas, suas trajetórias e escritas me inspiram, na literatura e na vida: Pedro Machado, Fábio Carvalho, Flávio Braga, Philippe Valentim, Fabbi Silva, Paula Ferraz, Taís Espírito Santo, Renato Preto Basquiat e Alberto Flisgo.

Gratidão aos meus parceiros da literatura e da vida que constroem juntamente comigo no Mutirão Cultural Rolé Literário e são os grandes protagonistas desta pesquisa.

Gratidão as minhas compaheiras insurgentes do Sarau Vingando Ismênia (Carla Pepe, Etel Oliveira, Fabbi Silva, Ionara Oliveira, Paula Ferraz e Suedi Fernandes).

Gratidão Adriana Vaitsman da editora Letras Virtuais e Raquel Menezes da editora Oficina Raquel pelo incentivo, oportunidades criadas e por acreditarem na potência da minha escrita.

Gratidão aos meus alunos e alunas pelo afeto e aprendizado diário.

Gratidão as intelectuais e aos intelectuais negros insurgentes, por inspirarem minhas práticas e cosmoconcepções.

EPÍGRAFE

Quando eu morder
a palavra,
por favor,
não me apressem,
quero mascar,
rasgar entre os dentes,
a pele, os ossos, o tutano
do verbo,
para assim versejar
o âmago das coisas.

Conceição Evaristo

RESUMO

Literatura e pertencimento: trajetórias e influências de escritores negros dos subúrbios do Rio de Janeiro na atualidade

Este trabalho tem por objetivo analisar os processos de construção, ao longo dos anos, das literaturas, por vezes chamadas de literatura afro-brasileira (DUARTE, 2010), literatura negro-brasileira (CUTI, 2010), escrevivências (EVARISTO, 2020), dentre outros termos, investigando de que modos têm sido construídas as trajetórias de escritores negros dos subúrbios do Rio de Janeiro, que carregam as temáticas negras e periféricas no DNA de suas escritas na contemporaneidade. A partir desse ponto propõe-se um caminho metodológico partindo da revisão bibliográfica sobre questões relacionadas a raça, racismo, branquitude, educação, presença negra na literatura brasileira, presença de escritores dos subúrbios do Rio deJaneiro, com levantamento de informações e conhecimentos a partir de diferentes materiais já publicados, trazendo o diálogo com diferentes autores como: Cuti (2010), Eduardo de Assis Duarte (2010) e Conceição Evaristo (2020). A pesquisa também estabelece diálogo com os reflexos da raça, do racismo, da branquitude e da herança escravagista que permeiam a literatura brasileira. Para essa construção são utilizadas as obras das autoras Cida Bento (2022), Grada Kilomba (2020) e Sueli Carneiro (2023) e dos autores Dennis de Oliveira (2021), Kabengele Munanga (2004), Frantz Fanon (2022), Octávio Ianni (1996) e Sílvio Almeida (2018) como embasamento teórico. Para a pesquisa de campo foram realizadas entrevistas semiestruturadas com nove escritoras negras e escritores negros dos subúrbios do Rio de Janeiro. São mencionados na dissertação quatro desses escritores: Pedro Machado, Fábio Carvalho, Flávio Braga e Philippe Valentim, autores ligados ao Mutirão Cultural Rolé Literário, cuja trajetória e importância também são relatadas neste trabalho. O roteiro seguido trouxe temáticas previamente estabelecidas, combinando com fatos espontâneos, que surgiram ao longo dessas conversas. Essa metodologia propiciou maior interação e espontaneidade junto aos autores entrevistados, colaborando com a fluidez e para que se tornassem os verdadeiros protagonistas e sujeitos desta pesquisa, que demonstra a multiplicidade dos subúrbios e as influências das escritas negras, nesses locais, no processo de pertencimento, gerando reflexões, teorias e estratégias que reverberam na inclusão e no acesso de pessoas negras dos subúrbios a uma literatura na qual se reconheçam.

Palavras-chave: literatura; pertencimento, subúrbios, escritores negros.

ABSTRACT

Literature and belonging: trajectories and influences of black writers from the suburbs of Rio de Janeiro today

This work aims to analyze the processes of construction, over the years, of literatures, sometimes called Afro-Brazilian literature (DUARTE, 2010), black-Brazilian literature (CUTI, 2010), writings (EVARISTO, 2020), among other terms, investigating how the trajectories of black writers from the suburbs of Rio de Janeiro have been constructed, who carry black and peripheral themes in the DNA of their writings in contemporary times. From this point on, a methodological path is proposed starting from the bibliographic review on issues related to race, racism, whiteness, education, black presence in Brazilian literature, presence of writers from the suburbs of Rio de Janeiro, with a survey of information and knowledge from different materials already published, bringing the dialogue with different authors such as: Cuti (2010), Eduardo de Assis Duarte (2010) and Conceição Evaristo (2020). The research also establishes a dialogue with the reflections of race, racism, whiteness and the legacy of slavery that permeate Brazilian literature. For this construction, the works of authors Cida Bento (2022), Grada Kilomba (2020) and Sueli Carneiro (2023) and authors Dennis de Oliveira (2021), Kabengele Munanga (2004), Frantz Fanon (2022), Octávio Ianni (1996) and Sílvio Almeida (2018) are used as a theoretical basis. For the field research, semi-structured interviews were conducted with nine black writers from the suburbs of Rio de Janeiro. Four of these writers are mentioned in the dissertation: Pedro Machado, Fábio Carvalho, Flávio Braga and Philippe Valentim, authors linked to the Mutirão Cultural Rolé Literário, whose trajectory and importance are also reported in this work. The script followed brought previously established themes, combined with spontaneous facts that emerged throughout these conversations. This methodology provided greater interaction and spontaneity with the authors interviewed, contributing to the fluidity and making them the true protagonists and subjects of this research, which demonstrates the multiplicity of the suburbs and the influences of black writings, in these places, in the process of belonging, generating reflections, theories and strategies that reverberate in the inclusion and access of black people from the suburbs to a literature in which they identify.

Keywords: literature; belonging, suburbs, black writers.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Livro *Encruzilhadas suburbanas* com marcadores de página 62
Figura 2- Escritor Pedro Machado 74
Figura 3- Pedro Machado com integrantes do Mutirão Cultural Rolé Literário, no lançamento do livro *Encruzilhadas suburbanas.* 77
Figura 4- Escritor Fábio Carvalho 89
Figura 5- Escritor Flávio Braga 96
Figura 6- Escritor Philippe Valentim 108

SUMÁRIO

Introdução **12**

1 – Raça, racismo e branquitude: questões raciais que permeiam a literatura no Brasil **24**

1.1– Processo diaspórico e os conceitos de raça, racismo, etnia e branquitude 25

1.2– Questões raciais na realidade brasileira 32

1.3 – Autorias negras na literatura brasileira 35

2 - Literatura afro-brasileira, literatura negro-brasileira e escrevivências: formas de existência para além dos conceitos **42**

2.1– Literatura afro-brasileira: produções literárias e autorias negras como sujeitas de suas escritas 43

2.2– Literatura negro-brasileira: vivências da população afrodescendente na literatura brasileira 50

2.3 – Escrevivências: escritas do cotidiano e das lembranças, que revelam as condições das pessoas negras no Brasil 55

3 - Os subúrbios em verso e prosa: literaturas suburbanas do passado e na contemporaneidade **60**

3.1– Entre rolés e teorias: as vozes suburbanas que emergem das encruzilhadas que nos guiam 63

3.2– Pedro Machado 73

3.3– Fábio Carvalho 88

3.4– Flávio Braga 96

3.5– Philippe Valentim 107

Considerações Finais **123**

Referências **127**

Introdução

Por que escrevo?

Escrevo porque transbordo,
Porque sou intensa em minha forma de
Amar, de agir, de sentir, de viver a vida em
Suas diversas áreas e múltiplos aspectos e
Ainda não aprendi a fazer diferente disso.

Escrevo porque a vida, por vezes, é um
Processo doloroso demais e
Me deixou muitas marcas
São cicatrizes tão profundas que feriram a
Minha alma e transformaram a minha
Existência de uma forma irreversível.

Escrevo porque minha criança interior grita,
Tem muitos traumas, quer ser cuidada,
Quer fazer pirraça, é orgulhosa e sente falta
De pessoas que se foram,
Do pai que não teve e
Do afeto que lhe foi negligenciado.

Escrevo porque minhas histórias
Atravessam a de outras mulheres pretas
Sentimos a mesma dor, a mesma agonia
Somos pressionadas a sermos completas,
Fortes e guerreiras mesmo com a
Autoestima ruída e o coração aos pedaços.

Amor e desamor

Tristeza e euforia
Remendos na alma e lembranças felizes
Responsabilidades e vontade de colocar
Uma mochila nas costas
Ser feliz e ganhar o mundo
Relacionamentos que aprisionam
E liberdade.

Um mix de sentimentos que por vezes me
Sufocam e que não podem ficar guardados
Por isso eu escrevo.

Escrevo porque a todo tempo tentam nos
Empurrar goela abaixo que esse
Não é o nosso lugar e que
Nossas escrevivências não têm valor.

Para "eles" preto e pobre
Não pode ser escritor
Se não estiver dentro da ABNT,
Não conter nota de rodapé e
Referencial teórico…
Não serve!
Mas eu gosto é de afrontar
E por isso eu escrevo.

Escrevo porque, por mais que a vida inteira
Tenham tentado me provar o contrário,

EU EXISTO!

A história desta pesquisa surge, justamente, do meu percurso como muher negra, periférica, candomblecista, escritora, poeta, pedagoga, professora, ativista e articuladora cultural. Costumo dizer que o poema ― Por que escrevo? — escrito e publicado por mim nas antologias *Que toda palavra, dita ou escrita, seja amor!* (2021) e *Literatura negra feminina: poemas de sobre(vivência)* (2021) — é o meu cartão de visitas, é um poema que sempre recito em eventos, saraus, oficinas de escrita criativa onde sou facilitadora, dentre outros espaços. É uma escrita que fala muito sobre minha vida e sobre caminhos percorridos para chegar até a realização desta pesquisa acadêmica.

Nasci em 1978, na maternidade pública Herculano Pinheiro em Madureira, um bairro do subúrbio do Rio de Janeiro, um verdadeiro quilombo urbano e cultural no Rio de Janeiro, que se fez presente em minha vida, na minha formação e identidade cultural desde a infância até os dias atuais. Uma vivência que atravessou o tempo, através do cinema, dos espaços públicos, das rodas de samba, do baile charme, da cultura hip hop, da literatura e de onde herdei o amor pela Escola de Samba Portela.

Cresci em Parada de Lucas, um bairro do subúrbio do Rio de Janeiro, sempre lembrado nos noticiários e jornais, desde a minha infância, pela violência, e não pela potencialidade e cultura de seu povo. Morei nesse local até os 25 anos de idade, quando me mudei para o município de Duque de Caxias, na Baixada Fluminense, local em que moro até a atualidade.

Aprendi a ler e escrever entre quatro e cinco anos, na minha época de infância não tinham muitas vagas em turmas de educação infantil em escolas públicas no subúrbio. Estudei em uma escolinha de fundo de quintal do bairro, conduzida por uma mulher negra, a tia Marlene, onde fui alfabetizada. Saí de lá para uma escola do bairro onde pelo fato de já ter passado pelo processo de alfabetização e estar adiantada entrei já na segunda série. Realizei meu Ensino Fundamental e o antigo Segundo Grau (hoje chamado de Ensino Médio) em escolas públicas.

Desde o momento em que aprendi a ler e a escrever a leitura se tornou minha paixão. Passava horas com gibis, livros infantis e qualquer outra leitura que estivesse ao meu alcance, como aquelas enciclopédias de capa vinho da época, que enfeitavam a estante da sala, juntamente com as canecas de louça personalizadas dos festivais de refrigerante e de chope, frequentados pela minha família.

Eu morava com minha mãe, minha avó materna, meu avô paterno e minha madrinha, cercada de adultos, em um sobrado azul. Da varanda do quarto dos meus avós via amendoeiras frondosas do outro lado da rua, às 6 horas da manhã e às 18 horas escutávamos a sinfonia de pardais e outros pássaros em um tempo que não tínhamos a tecnologia dos despertadores nos celulares.

Minha mãe se preocupava em ver uma menina tão pequena agarrada por tanto tempo nos livros e volta e meia gritava: ―Menina, larga esses livros e vai brincar! Mal ela sabia que aquela era uma das minhas brincadeiras preferidas, além de gostar também de escrever num quadro com giz, brincando de escolinha e de criar histórias com as bonecas. Quando eu completei nove anos ganhei uma máquina de escrever, costumo dizer que era uma máquina de escrever sonhos. As brincadeiras infantis já anunciavam os lugares aos quais a menina criada no subúrbio chegaria, mas que nem nos seus melhores sonhos poderia imaginar.

Comecei a trabalhar com 16 anos, em 1995, ano seguinte ao término do meu Ensino Médio, na área do varejo onde entrei como atendente de restaurante e vislumbrei em uma empresa multinacional a oportunidade de crescimento pessoal e financeiro. Nesse período não existiam ações afirmativas e políticas públicas que garantiam acesso de jovens como eu às universidades. Permaneci por doze anos e meio nessa empresa, onde me destaquei e recebi sete promoções até me transformar em gerente geral de unidade.

Desde o início da trajetória profissional o sonho de cursar uma universidade permanecia em mim. Coloquei como meta de que assim que recebesse a minha primeira promoção para cargo gerencial eu realizaria o vestibular e iria custear os meus estudos acadêmicos. Assim aconteceu e no ano de 2001 realizei o vestibular para o curso de Pedagogia na mesma instituição onde na sequência também cursei Pedagogia Empresarial e Gestão Escolar.

Fui aprovada e com a nota atingida recebi uma bolsa de 30% e uma das melhores oportunidades da vida, pois tive o privilégio de no primeiro ano de estudos conviver com Azoilda Loretto da Trindade como minha professora em duas disciplinas e como coordenadora do curso de Pedagogia no campus em que estudava. Na época eu não tinha a dimensão da importância que essa influência representaria em minha vida e na minha prática pedagógica.

Voltando a minha infância, uma das lembranças muito vivas em minha mente é a de uma cartilha muito famosa nos anos 80 que se chamava *O sonho de Talita.* Essa cartilha tinha uma turminha de personagens e uma única personagem negra que se chamava Diva. Nas histórias a Diva sempre era retratada como preguiçosa, gulosa, as outras crianças da história riam da Diva sem motivo, numa demonstração explícita de reprodução do racismo. De acordo com Fernando Santos Jesus (2012):

> É de salutar importância saber que durante a década de 1980 circulava nas escolas de ensino fundamental uma cartilha chamada O sonho de Talita da Editora Didática e Cientifica das autoras Manoelita Marcello Pimenta Bueno e Maria do Carmo de Freitas Guimarães. Essa cartilha foi duramente combatida pelos movimentos negros e pelo ex-senador e intelectual negro Abdias do Nascimento, pois nesse material estavam contidos diversos ataques racistas a uma personagem negra chamada Diva. Diva sempre estava presente na trama como a menina desobediente, traquina, sem família, de hábitos condenáveis pelas demais crianças em contraponto a Talita, essa sim dotada de bons hábitos, requintes e querida por todos. A autora exaltou todos os traços positivos concentrados em uma criança branca e tudo aquilo que não corresponde de bom agrado na sociedade fora atribuído a criança negra. (JESUS, 2012, p.157)

Ainda de acordo com Jesus (2012) é de fundamental importância trazer esse debate, no intuito de sinalizar para leitores, alunos e professores que os processos de marginalização, exclusão e discriminação de pessoas negras não foram construídos apenas com bases econômicas e políticas. A instituição escola também teve um papel decisório nesses processos, prescrevendo, incentivando e formulando formas de pensar a sociedade que também colaboraram na propagação de estereótipos racistas e sexistas.

Nesse sentido, é notório que, ao longo dos anos haja uma carência de propagação de ideias e imagens positivas, também em meio aos setores técnicos (que elaboram e distribuem livros didáticos e paradidáticos), em relação à população negra. O não reconhecimento desses sujeitos, em detrimento a um padrão estético e moral imposto, nega a cultura negra ao mesmo tempo em que a constrói no imaginário a partir de discursos de alteridade.

Alteridade é o estudo das diferenças e o estudo do outro, ela assume um papel essencial na antropologia. A alteridade é importante nas relações sociais, por exemplo, no combate ao racismo e a diversos outros tipos de preconceito, violência e objetificação contra os seres. Mikhail Bakhtin (1993) compreende que é na relação com a alteridade que os indivíduos se constituem e que a partir do momento em que o

indivíduo se constitui, ele também se altera, constantemente. Nessa perspectiva o sujeito é situado, tendo sempre presente a situação social e histórica concreta do sujeito.

A minha vivência pessoal, social, religiosa, acadêmica e profissional me fez compreender e acreditar na democratização da leitura e da escrita e que precisamos contar as nossas histórias a partir das nossas próprias narrativas. Pessoas negras e periféricas precisam ser ouvidas e também ter o instrumento de poder que é a caneta nas mãos, para que dessa forma outras pessoas se vejam nessas leituras, sintam pertencimento e também se encorajem e compreendam que podem apreciar e fazer parte dessa literatura através de seus próprios escritos e que a escrita também pode ser um lugar para elas.

A troca de ideias entre os múltiplos espaços de aquilombamento me energiza para as lutas. Para além da universidade, sou forjada na rua, no terreiro, no baile funk, nos bailes de charme, nas rodas de samba, no conhecimento adquirido com minhas ancestrais e em toda a vivência e convívio com as pessoas nos subúrbios e na Baixada Fluminense. Quando penso no sentido de aquilombamento automaticamente rememoro o princípio filosófico africano *sankofa,* olhando para o passado, aprendendo com o passado para seguirmos nos inspirando na ancestralidade, nos reinventando, para criarmos estratégias no presente que também virem um legado para a posteridade.

Beatriz Nascimento (1985), historiadora pioneira nos estudos sobre quilombos, resistência cultural negra e racismo, nos apresenta a perspectiva de que cada cabeça é um quilombo. Trazendo esse pensamento para o campo do fazer literário das autorias negras periféricas, estar junto, produzir e realizar na companhia de mentes, que são quilombos e traduzem a experiência negra diaspórica por meio de seus escritos, também é construir novas possibilidades de contar nossas próprias histórias, por meio de narrativas que trazem pertencimento.

Sendo assim, o ato de aquilombar-se nos remete a uma ideia de movimento de busca do quilombo, de formação do quilombo, de tornar-se o próprio quilombo. Quando nos aquilombamos, também assumimos uma posição de resistência contra a hegemonia que vigora, a partir de um corpo político. Aquilombar-se nos dias atuais, também é assumir uma posição de resistência contra-hegemônica, é reescrever, contar a história de um Brasil que nunca foi narrada legitimamente pelos seus sujeitos, com vistas à realidade histórica do negro e do indígena. Ainda sobre aquilombamento,

Stéfane Silva de Souza Souto (2020) nos diz que:

> Se o quilombo não é uma ideia localizada no passado, mas sim um espaço de agregação que se reconfigurou diversas vezes na história da diáspora afro-brasileira, constituindo-se a partir do assentamento de comunidades negras e fortemente ligado aos aspectos territoriais, pedimos licença para desdobrar a enunciação feita por Beatriz Nascimento e desembocar na ideia de ―aquilombamento enquanto dispositivo derivado da instituição quilombo, porém destituído do seu caráter territorial, no intuito de demonstrar a continuidade do ato de aquilombar como estratégia de resistência e coletividade e designar experiências de organização e intervenção social protagonizadas pela população negra na atualidade. (DE SOUZA SOUTO, 2020, p. 141)

Os caminhos que se cruzam nas encruzilhadas e experiências da minha vida refletem em minha forma de ver o mundo e de me posicionar, em minha prática pedagógica e em minha escrita, que parafraseando Conceição Evaristo não é feita de histórias para adormecer a casa grande. A escritora em entrevista a TV Brasil (2017) disse que quando está escrevendo e outras mulheres negras também o fazem, lhe vem à memória a função que as mulheres africanas —– dentro das casas-grandes, escravizadas —– tinham de contar histórias para adormecer a casa-grande. Para ela os nossos textos tentam borrar essa imagem. Nós não escrevemos para adormecer os da casa-grande, pelo contrário, é para acordá-los dos seus sonos injustos.

A motivação para a realização da pesquisa *Literatura e pertencimento: Trajetórias e influências de escritores negros dos subúrbios do Rio de Janeiro na atualidade* surgiu através de oficinas de escrita criativa, ministradas por mim, realizadas com jovens de 14 a 23 anos (formação escolar diversificada), que participavam do programa de jovens aprendizes na instituição formadora CIEE (Centro de Integração Empresa Escola).

O CIEE é uma empresa filantrópica criada há mais de 55 anos que é agente de integração, organização não governamental, de âmbito nacional,sem intuitos lucrativos, de utilidade pública, filantrópica e beneficente de assistência social, que promove a integração dos jovens estudantes ao mercado de trabalho, aperfeiçoando sua qualificação profissional, por meio da promoção de programas de aprendizagem e de estágios nas empresas conveniadas à instituição.

Trabalhei nessa instituição entre os anos de 2017 e 2020, nas unidades de Nova Iguaçu e Duque de Caxias, na Baixada Fluminense. Infelizmente fui desligada em 2020, juntamente com quase todo o corpo pedagógico, devido à crise econômica gerada pela

pandemia de COVID-19 no Brasil. A metodologia do programa, nos anos em que trabalhei, era desenvolvida em parceria com a Fundação Roberto Marinho, e surpreendia positivamente, principalmente pelo fato de ter temas voltados para respeito à diversidade, juventudes, violência, desigualdade social, políticas públicas e ações afirmativas, dentre outros assuntos que muitas vezes são negligenciados pela escola tradicional, e pelo fato de os educadores e as educadoras terem a liberdade de fazer modificações durante o planejamento e acrescentar questões e materiais extras relacionados aos temas dos encontros.

As turmas no geral possuíam um número significativo de jovens negros —– muitos não se reconheciam como tal —– e jovens em vulnerabilidade social. Um espaço de aprendizagem desafiador e com grande diversidade, com jovens que cursavam o Ensino Fundamental, o Ensino Médio, alguns que já haviam terminado o Ensino Médio e outros que já eram universitários, devido ao leque de idade que o programa abrangia, onde dependendo do tipo de turma tínhamos entre 30 e 100 jovens em sala de aula e as atividades eram realizadas de forma participativa e antirracista.

Os aprendizes demonstravam muito interesse em conhecer mais sobre ahistória e cultura africana e afro-brasileira. A grande maioria demonstrava falta de informações a respeito, pois não tiveram o embasamento necessário na educação básica. Durante os encontros os aprendizes traziam episódios de discriminação que vivenciaram, inclusive na escola, por parte de seus professores.

Tais fatos ratificam a aplicação inadequada da Lei 10.639/2003 e a reprodução do racismo estrutural nas instituições propagando a visão eurocêntrica do negro como escravo, preguiçoso, desprovido de inteligência. Como se não existisse história dessas pessoas antes de serem escravizadas, como se as mesmas não tivessem contribuído de forma fundamental em várias áreas para o desenvolvimento do Brasil.

A 10.639/2003 é uma lei do Brasil que estabelece a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras dos Ensinos Fundamental e Médio. A lei também estabelece o dia 20 de novembro como o Dia da Consciência Negra no calendário escolar, promovendo o resgate da contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

O CIEE realizava anualmente um concurso literário para os jovens aprendizes,

com temas atuais e pertinentes, com premiações e menções honrosas e cerimônia de premiação realizada na Academia Brasileira de Letras. Nesse sentido, nós, educadores e educadoras do CIEE, realizávamos atividades de sensibilização para inscrição dos jovens no concurso literário. A unidade onde foram realizadas as oficinas, no ano de 2019, fica situada na Baixada Fluminense, em Duque de Caxias.

Sendo assim, muitos não se sentiam habilitados, capazes de apreciar ou fazer literatura. Achavam esse lugar muito distante de suas próprias realidades. Através dessa percepção, as oficinas de escrita foram ministradas a partir da perspectiva da obra de Conceição Evaristo e do conceito de escrevivência. A grande maioria das turmas não conhecia a escritora. Além da obra da autora, os jovens também conheceram a biografia e obra de sete cronistas negros e negras do subúrbio do Rio de Janeiro —– escritores e escritoras com os quais eu convivia mesmo antes de avançar na minha própria produção litarária —– para além de um conjunto de dinâmicas e contextualização sobre os gêneros literários.

A partir dessa experiência, os jovens realizaram produções significativas e impactantes tanto artisticamente como socialmente, pois se reconheceram nas narrativas apresentadas e perceberam que não é preciso ser um acadêmico ou acadêmica para produzir e apreciar literatura. Como resultado, quase 100% dos aprendizes que participaram das oficinas realizaram a inscrição no concurso literário.

Tal experiência vivenciada com a juventude me fez refletir sobre a importância de pensar sobre o tema da literatura atrelada ao pertencimento e à construção de uma narrativa que investigue a importância desse sentimento em relação à literatura para pessoas negras. Essa pesquisa tem como foco evidenciar e apontar os caminhos para compreensão do sentimento de pertencimento para autores negros dos subúrbios do Rio de Janeiro, ao longo de suas trajetórias de vida e literárias.

De acordo com alguns autores e algumas autoras, o subúrbio é retratado como um local distante do centro. No entanto, Nélson da Nóbrega Fernandes (2011) investigou a história da categoria subúrbio no Rio de Janeiro entre 1858 e 1945, percebendo que esta palavra sofreu uma transformação em seu significado tradicional, fazendo com que ela deixasse de representar todas as áreas circunvizinhas à cidade para designar, de forma particular e exclusiva, os bairros populares situados ao longo das ferrovias nos setores norte e oeste.

A pesquisa tem como objetivo geral analisar os processos de construção, ao longo dos anos, dessas literaturas, por vezes chamadas de literatura afro-brasileira (Duarte, 2010), literatura negro-brasileira (Cuti, 2010), escrevivências (Evaristo, 2020) dentre outros termos, investigando de que modos têm sido construídas as trajetórias de escritores negros dos subúrbios do Rio de Janeiro, que carregam as temáticas negras e periféricas no DNA de suas escritas na contemporaneidade. Dentro dos objetivos específicos a pesquisa se debruçou em:

- Identificar escritores negros dos subúrbios do Rio de Janeiro;
- Descrever sua produção literária;
- Levantar informações sobre suas trajetórias;
- Verificar se as literaturas de autorias negras têm influenciado as suas caminhadas.

Não podemos deixar de lembrar que devido aos múltiplos atravessamentos ocasionados pelo racismo, não pertencimento e falta de representação, alguns escritores negros desenvolvem a síndrome do impostor —– onde há uma construção, uma percepção de si mesmo de incompetência ou insuficiência —– e mesmo já tendo realizado publicações de obras, não conseguem se enxergar como escritores que são.

A metodologia utilizada consiste na revisão bibliográfica sobre questões relacionadas a raça, racismo, branquitude, educação, presença negra na literatura brasileira, presença de escritores dos subúrbios do Rio deJaneiro, com levantamento de informações e conhecimentos a partir de diferentes materiais já publicados, trazendo o diálogo com diferentes autores como: Cuti (2010), Eduardo de Assis Duarte (2010) e Conceição Evaristo (2020).

Na segunda etapa, após identificar escritores negros de subúrbios do Rio de Janeiro, realizei a pesquisa de campo com algumas dessas pessoas, através de entrevistas semiestruturadas (MANZINI, 2004), onde segui um roteiro de perguntas previamente estabelecidas, combinando com perguntas espontâneas que surgiram ao longo das conversas realizadas de forma remota e presencial. Creio que esse tipo de entrevista propiciou proximidade e maior interação com as pessoas entrevistadas, colaborando para que se tornassem protagonistas e sujeitos da pesquisa. As entrevistas foram a metodologia principal na condução desse trabalho e para uma compreensão das

realidades nas quais os escritores entrevistados se inserem.

Grada Kilomba, em sua obra *Memórias da plantação* (2019), analisou, segundo ela mesma afirma, a atemporalidade do racismo cotidiano, através da combinação das palavras plantação e memórias, trazendo esse racismo cotidiano como um trauma gerado pelo passado colonial. Ao longo dos capítulos, a autora revisita conceitos e analisa os depoimentos das entrevistadas Alícia, uma mulher afro-alemã e de Kathlleen, uma mulher afro-estadunidense que vive na Alemanha. Kilomba no último capítulo denominado "Descolonizando o eu", revisita e teoriza sobre os temas importantes que vieram à tona no livro, nos trazendo importantes e possíveis estratégias de descolonização.

Dessa forma, analisar a construção, ao longo dos anos, das literaturas com protagonismo negro e suburbano é de fundamental importância, dentro de um Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Relações Étnico-Raciais, no intuito de entender a possibilidade de influências e importância na construção literária de autores negros e dos subúrbios na atualidade.

Buscamos também conhecer, compreender a trajetória dos autores e as questões encontradas ao longo do processo, para que se reconhecessem enquanto escritores, para que esse resultado possa colaborar no entendimento da importância da identificação dos leitores com as narrativas a eles apresentadas através da literatura. Além disso, verificamos de que forma isso influencia no processo de pertencimento, gerando reflexões, teorias e estratégias que reverberam na atuação dos escritores e geração de oportunidades para alcance, inclusão e acesso de pessoas negras dos subúrbios a uma literatura na qual se reconheçam.

Os capítulos adiante serão organizados da seguinte maneira:

O capítulo 1, intitulado Raça, racismo e branquitude: questões raciais que permeiam a literatura no Brasil‖ trata dos reflexos da raça, do racismo,da branquitude e da herança escravagista que permeiam a literatura brasileira. Para essa construção utilizei as obras das autoras Cida Bento (2022), Grada Kilomba (2020) e Sueli Carneiro (2023) e dos autores Dennis de Oliveira (2021), Kabengele Munanga (2004), Frantz Fanon (2022), Octávio Ianni (1996) e Sílvio Almeida (2018) como embasamento teórico. O capítulo é subdividido nas seguintes seções:

A primeira seção traz a discussão teórica sobre a relação entre o processo

diáspórico e os conceitos de raça, racismo, etnia e branquitude. Na segunda seção falamos sobre os efeitos dessas questões em nossa sociedade. E na terceira seção tazemos elementos sobre as estratégias criadas por autores negros em meio ás tensões e tentativas de silenciamento das nossas narrativas.

O capítulo 2, intitulado Literatura afro-brasileira, literatura negro-brasileira e escrevivências: formas de existência para além dos conceitos trata de autores e autoras como Cuti (2010), Eduardo de Assis Duarte (2010) e Conceição Evaristo (2020), que são teóricos fundamentais para o embasamento dessa escrita.

O capítulo 3, intitulado Os subúrbios em verso e prosa: literaturas suburbanas do passado e na contemporaneidade, trata do conceito de subúrbio (FERNANDES, 2011) do Rio de Janeiro e as manifestações culturais e referências literárias do século passado aos dias atuais, como o Mutirão Cultural Rolé Literário, apontando para o papel de escritores negros, como os autores entrevistados nesta pesquisa: Pedro Machado, Fábio Carvalho, Flávio Braga e Philippe Valentim, na construção de novas narrativas e perspectivas. O capítulo também consiste na apresentação dos autores entrevistados e na análise de suas entrevistas. Temos a teórica Rôssi Alves Gonçalves (2013) e os teóricos Nélson da Nóbrega Fernandes (2011) e Rafael Mattoso (2009) como base para a construção e embasamento deste capítulo.

1. Raça, racismo e branquitude: questões raciais que permeiam a literatura no Brasil

Ainda tem gente com fome!

Os anos passam
E as notícias não se renovam
Uma realidade que nunca muda
Parte de um povo sem memória
Com suas histórias negligenciadas
Num Brasil que se repete:
A crueldade se repete!
O racismo se repete!
O genocídio se repete!

A Herança colonialista segue viva
E todo dia nos traga e nos impede
O trem segue correndo …correndo!
Serviço ruim, passagem cara
Trabalhador passando aperto
E violências diárias
O camelô tirando dali o seu sustento
A vida se repetindo a cada estação

Do sudeste ao norte
Tem tantos brasileiros que
Não nasceram com o privilégio
E a sorte de terem o mínimo
Como lá atrás já dizia Mestre Solano
"Tem gente com fome!"
Nos dias atuais:
Ainda tem gente com fome!

Centenas de Yanomamis assassinados
A cultura e a força
Dos nossos povos originários
Dizimadas pela desnutrição
E pelo garimpeiro com ambição
Tem homem preto asfixiado
Pela fome, pela doença e pela vida,
Que não melhora nem com o
Avançar da idade,
Querendo apenas …
Descanso e Tranquilidade

Tem mãe solo na favela

Fazendo a partilha da escassez
Com seus irmãos e irmãs
Que ainda menos tem
O Psiuuu... Não pode mais nos calar,
Silenciamentos não podem nos parar
Ainda tem gente com fome!
De comida, de educação,
De paz e de dignidade
O autoritarismo que se cale
Se ainda tem gente com fome
Precisamos matar essa danada,
Que por aí tanto mata.

"Ainda tem gente com fome!" é um poema de minha autoria escrito em 2023, em uma alusão e homenagem ao escritor Solano Trindade e seu poema "Tem gente com fome". O poema trata sobe questões presentes neste primeiro capítulo, relacionadas à estrutura racista ainda vigente nos dias atuais que mata, oprime e cerceia direitos de pessoas negras em nossa sociedade.

O presente capítulo trata dos reflexos da raça, do racismo, da branquitude e da herança escravagista que permeiam a literatura brasileira. Para essa construção utilizarei as obras das autoras Grada Kilomba (2020), Cida Bento (2022) e Sueli Carneiro (2023) e dos autores Dennis de Oliveira (2021), Kabengele Munanga (2004), Frantz Fanon (2022), Octávio Ianni (1996) e Sílvio Almeida (2018) como embasamento teórico.

Na seção 1.1- Processo diaspórico e os conceitos de raça, racismo, etnia e branquitude, falaremos sobre os conceitos de raça, racismo, etnia, ebranquitude. Na seção 1.2- Questões raciais na realidade brasileira, traremos elementos sobre os conflitos raciais e o apagamento cultural que ainda são realidades na contemporaneidade. Na seção 1.3- Questões raciais na literatura, apontaremos elementos sobre como as questões raciais impactaram na construção da literatura brasileira e citaremos autores e movimentos com pessoas negras que atuaram de forma contra-hegemônica desde o século XIX até os dias atuais.

1.1– Processo diaspórico e os conceitos de raça, racismo, etnia e branquitude

Do ponto de vista histórico, o Brasil foi um dos países mais impactados pelo tráfico interatlântico de africanos escravizados em direção ao Brasil, iniciado em

meados do século XVI, perdurando até a criação da Lei Eusébio de Queiroz, promulgada em 1850. Apesar disso, há registros de tráfico ilegal de pessoas escravizadas ocorrendo na costa brasileira até o ano de 1856, não havendo nenhuma indicação de outras embarcações e comércio portuário dessa natureza posteriormente a essa data[1].

As principais rotas utilizadas para o tráfico de africanos escravizados foram as de Guiné, Mina, Angola e Moçambique. Os principais portos de desembarque foram: Rio de Janeiro, Salvador, Recife, São Luís e Belém. Extrapolando os efeitos demográficos imediatos desse tipo de comércio, a presença africana conferiu novos sentidos à formação nacional, gerando marcas significativas na configuração da sociedade brasileira.

A esse respeito, vale afirmar que as relações foram recorrentemente mediadas por tensões, conflitos, dissimulações e rearranjos, características que de algum modo subsistem ainda no presente. O tráfico de pessoas na condição de escravizadas, responsável pelo transporte de mais de quatro milhões de africanos ao Brasil2 acarretou em desdobramentos significativos do ponto de vista identitário, o que acabou por comprometer a percepção de comunidades inteiras a respeito das suas origens e ancestralidade.

O eurocentrismo pressupõe a centralidade e superioridade da visão europeia sobre as outras visões de mundo, sem contemplar com a devida importância as outras formas de expressão e interpretação da realidade. E dentro das narrativas eurocêntricas adotadas por muito tempo nas questões concernentes à dinâmica escravista, existe uma tendência em reforçar a ideia de que os segmentos escravizados eram totalmente frágeis e inaptos, o que pode desfavorecer ainda mais as pessoas negras que de algum modo se veem representados seja por uma dimensão de cor, ou mesmo de origem e classe, desde a infância.

Esse processo de apagamento tem sido cada vez mais questionado em tempos recentes. No que se refere ao âmbito educacional, por exemplo, as instituições de ensino

[1] Para análise sobre aspectos comparativos do tráfico transatlântico para o Brasil, ver: Manolo Florentino, Alexandre Vieira Ribeiro, Daniel Domingues da Silva em *Aspectos comparativos do tráfico de escravos para o Brasil (séculos XVIII e XIX)* e *Rotas da escravidão em Só História. Virtuous Tecnologia da Informação,* 2009-2018.

têm sido incentivadas a não apenas revisitar a história do continente africano e de suas populações, mas também a refletir acerca do papel formador da população afrodescendente no Brasil e em outros países do continente americano.

Para avançarmos no entendimento de algumas dinâmicas raciais que ocorrem no Brasil, é de fundamental importância compreender os termos: raça, racismo, etnia e branquitude. Kabengele Munanga (2004), em seu artigo *Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia*, nos apresenta conceitos importantes que trabalharemos nesta seção. O conceito de raça, por exemplo, ganhou novos contornos ao longo do tempo. Segundo Munanga (2004):

> Etmologicamente, o conceito de raça veio do italiano razza, que por sua vez veio do latim ratio, que significa sorte, categoria, espécie. Na história das ciências naturais, o conceito de raça foi primeiramente usado na Zoologia e na Botânica para classificar as espécies animais e vegetais. Foi neste sentido que o naturalista sueco, Carl Von Linné conhecido em Português como Lineu (1707-1778), o uso para classificar as plantas em 24 raças ou classes, classificação hoje inteiramente abandonada. (MUNANGA, 2004, p.17)

Ainda segundo o autor, no latim medieval, o conceito passou a denominar a descendência, a linhagem, representando um grupo de pessoas que possuem um ancestral comum e que, por esse motivo, possuem algumas características físicas parecidas. No ano de 1684, o francês François Bernier passou a empregar o termo como classificação da diversidade humana em grupos fisicamente contrastados, denominados raças. Nos séculos XVI-XVII, esse conceito, passou a atuar nas relações entre classes sociais da França. Com o advento do Iluminismo, o conceito ganha novos contornos:

> No século XVIII, batizado século das luzes, isto é, da racionalidade, os filósofos iluministas contestam o monopólio do conhecimento e da explicação concentrado nas mãos da Igreja e os poderes dos príncipes. Eles se recusam a aceitar uma explicação cíclica da história da humanidade fundamentada na idade de ―ouro‖, para buscar uma explicação baseada na razão transparente e universal e na história cumulativa e linear. Eles recolocam em debate a questão de saber que eram esses outros, recém descobertos.

[2] Ver ELTIS, David, e RICHARDSON, David. *Atlas of the Transatlantic Slave Trade*. New Haven & Londres: Yale University Press, 2010.

> Assim lançam mão do conceito de raça já existente nas ciências naturais para nomear esses outros que se integram à antiga humanidade como raças diferentes, abrindo o caminho ao nascimento de uma nova disciplina chamada História Natural da Humanidade, transformadamais tarde em Biologia e Antropologia Física. (MUNANGA, 2004, p.18)

Dando continuidade a essa ordem cronológica, ainda no século XIX, foram acrescentados ao critério da cor outros critérios como a forma do nariz, dos lábios, do queixo, do formato do crânio, o ângulo facial, dentre outros, no intuito de aperfeiçoar a classificação. No século XX, foram realizadas novas descobertas:

> No século XX, descobriu-se graças aos progressos da Genética Humana, que haviam no sangue critérios químicos mais determinantes par consagrar definitivamente a divisão da humanidade em raças estancas. Grupos de sangue, certas doenças hereditárias e outros fatores na hemoglobina eram encontrados com mais frequência e incidência em algumas raças do que em outras, podendo configurar o que os próprios geneticistas chamaram de marcadores genéticas. O cruzamento de todos os critérios possíveis (o critério da cor da pele, os critérios morfológicos e químicos) deu origem a dezenas de raças, sub-raças e sub-sub-raças. (MUNANGA, 2004, p.20)

A combinação de todos os desencontros e progressos realizados pela ciência biológica (genética humana, biologia molecular, bioquímica) trouxe a conclusão de que na verdade a raça não se trata de uma realidade biológica, e sim de um conceito que cientificamente não dá conta de explicar a diversidade humana. Dessa forma, biológica e cientificamente, as raças inexistem.

Tal invalidação científica do conceito, por sua vez, não significa que todos os indivíduos e todas as populações sejam geneticamente semelhantes. Mas, apesar de possuírem patrimônios genéticos diferentes, isso não é o suficiente para classificá-las em raças. A diversidade genética é indispensável à sobrevivência da espécie humana. Vale ressaltar que cada indivíduo humano é único, se distinguindo inclusive, de todos os indivíduos passados, presentes e futuros. Isso vale para o plano morfológico, imunológico e fisiológico e também para o plano dos comportamentos (MUNANGA, 2004).

É importante frisar que para que uma sociedade maximize as vantagens da diversidade genética de seus membros, ela deve ser igualitária, oferecendo aos diferentes indivíduos a possibilidade de escolher entre caminhos, meios e modos de vida diversos, de acordo com as particularidades de cada um. Segundo Munanga (2004):

> A igualdade supõe também o respeito do indivíduo naquilo que tem de único, como a diversidade étnica e cultural e o reconhecimento do direito que tem toda pessoa e toda cultura de cultivar sua especificidade, pois fazendo isso, elas contribuem a enriquecer a diversidade cultural geral da humanidade. (MUNANGA, 2004, p. 23)

Em contrapartida, enquanto o conteúdo da raça é morfo-biológico, o da etnia é sociocultural, histórico e psicológico. Uma etnia é um conjunto de indivíduos que, histórica ou mitologicamente, têm um ancestral comum; têm uma língua em comum, uma mesma religião ou cosmovisão; uma mesma cultura e moram geograficamente num mesmo território. Algumas etnias constituíram sozinhas nações. Assim é o caso de várias sociedades indígenas brasileiras, africanas, asiáticas, australianas, dentre outras que são ou foram etnias nações (MUNANGA, 2004).

Munanga (2004) também teoriza sobre o conceito de racismo, que segundo o autor foi criado por volta de 1920. Nessa perspectiva, o racismo já foi objeto de diversas leituras e interpretações e recebeu várias definições que nem sempre dizem a mesma coisa, tampouco têm um denominador comum. Por razões lógicas e ideológicas, o racismo é geralmente abordado a partir da raça, dentro da extrema variedade das possíveis relações existentes entre as duas noções.

Segundo o autor se nos basearmos nas relações entre raça e racismo, o racismo seria teoricamente uma ideologia essencialista que ratifica a divisão da humanidade em grandes grupos chamados raças contrastadas que têm características físicas hereditárias comuns, sendo estas últimas suportes das características psicológicas, morais, intelectuais e estéticas e se situam numa escala de valores desiguais. Ainda de acordo com Munanga (2004):

> Visto deste ponto de vista, o racismo é uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural. O racista cria a raça no sentido sociológico, ou seja, a raça no imaginário do racista não é exclusivamente um grupo definido pelos traços físicos. A raça na cabeça dele é um grupo social com traços culturais, linguísticos, religiosos, etc. que ele considera naturalmente inferiores ao grupo a qual ele pertence. De outro modo, o racismo é essa tendência que consiste em considerar que as características intelectuais e morais de um dado grupo, são consequências diretas de suas características físicas ou biológicas. (MUNANGA, 2004, p. 25)

Não podemos falar dos conceitos citados anteriormente sem trazer o conceito de branquitude, que trata sobre o pertencimento étnico-racial de pessoas brancas, levando

em consideração a posição de superioridade racial ocupada por este grupo, seus comportamentos e a forma como perpetuam o racismo mantendo privilégios sociais, econômicos, políticos e subjetivos.

Sobre esse tema, a autora Cida Bento (2022) nos remete a essa movimentação, apontando para o fato de que assim vem sendo construída a história de instituições e da sociedade, uma história pautada na invisibilização da presença e das contribuições negras. Ainda segundo a autora, essa transmissão atravessa gerações e altera pouco a hierarquia das relações de dominação ali perpetradas. A autora denomina esse fenômeno como branquitude, e sua perpetuação ao longo do tempo se deve a um pacto de cumplicidade não verbalizado entre pessoas brancas, que atua na manutenção dos seus privilégios. Tais pessoas também competem entre si, mas a partir de uma perspectiva de disputa entre segmentos que se consideram iguais.

Sobre o pacto de cumplicidade entre pessoas brancas, Sueli Carneiro (2023) nos diz que o contrato racial é datado e nasce a partir do colonialismo e da escravidão, instituindo o branco como o ser universal, e os outros como seres apartados, não seres. É justamente por esse motivo que o branco se assusta quando é chamado de branco. Pois, o mesmo se instituiu como o padrão, se colocando no lugar da representação da humanidade. Tal contrato se apoia na ideia de meritocracia, produzindo um processo brutal de exclusão de negros e indígenas, constituindo todos os privilégios de que a branquitude goza.

Fruto de uma interpretação histórica que romantiza e reforça o caráter miscigenado da população brasileira, o conceito de democracia racial parece esbarrar nas evidências cotidianas que entregam exemplos constantes de permanência da desigualdade atrelada ao racismo, demonstrando que após 136 anos da abolição da escravidão, ainda há muitas barreiras a serem superadas.

Florestan Fernandes (1972) considera que o mito da democracia racial é uma distorção criada desde o sistema colonial diante da inclusão de mestiços nas famílias brancas, fazendo com que a miscigenação aparecesse como elemento de mobilidade social dos negros e omitindo o fato de que a miscigenação era construtora da estratificação social, oferecendo ao mestiço um lugar determinado social e economicamente pelo mundo dos brancos.

Essa visão foi perpetuada ao longo dos anos, se transformando em um discurso

acolhido na sociedade, na mídia, nas escolas e nas instituições. Tal discurso não possui uma reflexão crítica embasada a respeito da trajetória nacional. Esse fato dificulta uma leitura mais adequada do passado e presente brasileiros. De acordo com Nilma Lino Gomes (2005):

> O mito da democracia racial pode ser compreendido, então, como uma corrente ideológica que pretende negar a desigualdade racial entre brancos e negros no Brasil como fruto do racismo, afirmando que existe entre estes dois grupos raciais uma situação de igualdade de oportunidade e de tratamento. Esse mito pretende, de um lado, negar a discriminação racial contra os negros no Brasil, e, de outro lado, perpetuar estereótipos, preconceitos e discriminações construídos sobre esse grupo racial. (GOMES, 2005, p. 57)

Ainda segundo o pensamento de Gomes (2005), quando se segue a lógica do mito de que todas as raças e/ou etnias existentes no Brasil possuem igualdade sociorracial e sempre tiveram as mesmas oportunidades desde a formação do Brasil, poderemos ser levados a pensar que as desigualdades de oportunidades e posições hierárquicas existentes entre as pessoas são fruto deuma incapacidade que é inerente aos grupos raciais que estão em desvantagem, como os negros e os indígenas. Nesse contexto, o mito da democracia racial atua como um campo fértil que perpetua estereótipos sobre pessoas negras, negando o racismo no Brasil, ao mesmo tempo em que reforça as discriminações e desigualdades raciais.

Nelson Fernando Inocêncio da Silva (2005) traz o conceito de negrofobia como medo das representações da população afrodescendente. Segundo o autor, esse medo se estende às interpretações sobre o patrimônio material e imaterial da cultura afro-brasileira, corroborando uma série de equívocos e mantendo um círculo vicioso em nossa sociedade. Nesse sentido, a herança do pensamento judaico-cristão enfatiza percepções dicotômicas e antagônicas da realidade favorecendo uma cultura etnocêntrica. O etnocentrismo é a visão de mundo característica de quem considera o seu grupo étnico, nação ou nacionalidade socialmente mais importante do que os demais.

Juntamente com a cultura pautada no etnocentrismo, a desigualdade social também é uma marca forte dos grandes centros urbanos brasileiros. Tais centros possuem diferentes grupos sociais, com convicções, anseios e interesses. O sistema educacional brasileiro é fruto de um processo histórico, um passado escravocrata e

desigual e constitui um aspecto fundamental na divisão social do trabalho. Segundo Miriam Rua Abramovay e Maria das Graças (2002):

> Exclusão social é entendida como mais que desigualdade econômica. Engloba dimensões e processos culturais e institucionais, por meio dos quais numerosas parcelas da sociedade brasileira tornam-se e permanecem alheias ao contrato social, privados do exercício da cidadania, desassistidas pelas instituições públicas, desamparadas pelo Estado. Uma das vertentes socioculturais da exclusão diz respeito à questão racial, aqui tratada em termos de percepções, assim como exemplos de discriminações. De fato, o racismo é uma forma de exclusão social encravada na sociedade brasileira em geral e no sistema educacional em particular e aparece, algumas vezes, de forma explícita e, outras, por meio de atitudes de pseudocordialidade. (ABRAMOVAY; DAS GRAÇAS, 2002, p. 42)

Na próxima seção traremos elementos sobre os conflitos raciais e o apagamento da cultura negra no Brasil que ainda são realidades na contemporaneidade.

1.2– Questões raciais na realidade brasileira

Em uma sociedade onde o racismo é um dos seus traços marcantes, é de extrema importância disputar e desconstruir narrativas nas quais ancestrais africanos e sua descendência são vistos e retratados como pessoas sem agência e pensamentos próprios.

A ideia de passividade propagada ao longo dos anos invisibiliza os valores, os rearranjos sociais realizados na diáspora e aspectos como: a religiosidade, a cultura, a adaptabilidade, que foram formas fundamentais de resistência às amarras e projeto de morte e deslocamento forçado das populações nativas do continente africano, impostos pelo colonialismo. Segundo Nei Lopes (2014), diáspora africana ou diáspora negra é um fenômeno sociocultural ligado à migração que contribui para difusão da cultura africana para além do continente de origem.

Hall (2006) em seu artigo “Identidade Cultural e Diáspora” nos aponta para a experiência da diáspora, a partir de um olhar que não a define por meio de pureza, ou essência. Nesse sentido, o autor nos traz uma perspectiva da diáspora que reconhece a diversidade e a heterogeneidade para a construção de: “uma concepção de "identidade" que vive com e pela diferença, e não apesar dela, por hibridismo. As identidades da diáspora são aquelas que jamais deixam de se ir produzindo e reproduzindo pela transformação e pela diferença” (HALL, 2006, p. 33).

Hall também traz formas de se pensar a diáspora no continente americano:

> A presença do "Novo Mundo" - a América, Terra lncognita - constitui, portanto, o próprio início da diáspora, da diversidade, do hibridismo e da diferença, daquilo que faz do povo afro-caribenho já um povo da diáspora. Utilizo aqui este termo de forma metafórica e não literal: diáspora não nos remete para as tribos dispersas cuja identidade só pode ser garantida na relação com uma qualquer pátria sagrada a que têm, a todo o custo, de regressar, mesmo que isso signifique empurrar outros povos para o mar. Essa é a velha forma, de pendor imperializante e he~ gemonizador, de "etnicidade". (HALL, 2006, p.33)

Com Frantz Fanon, avançamos sobre os desdobramentos ocasionados pelos processos de descolonização —– processo de libertação nacional do controle exercido pelos países colonizadores, raramente obtida por meio de negociação pacífica, ao longo da qual um país que anteriormente era uma colônia adquire independência política, econômica e cultural —– que nunca passam despercebidos. Eles atingem e modificam essencialmente os envolvidos e os transformam de espectadores a atores de tal processo de forma quase que grandiosa pela vivacidade da história. A descolonização cria pessoas novas, novas linguagens e humanidade (FANON, 2020).

A desqualificação social da população negra no Brasil inicia-se no período colonial (1500 a 1822) e se estende na fase republicana (início em 1889 até os dias atuais). A discriminação originada a partir dos moldes da sociedade escravista e o ideal de branqueamento da população fortemente presentes a partir do século XIX foram fatores que influenciaram a historiografia relacionada à participação africana na construção da sociedade brasileira. Munanga (2004) afirma que o racismo atua na disseminação de uma crença que propaga a existência de raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural.

Nesse contexto, o autor nos traz a perspectiva de que o racista cria a raça dentro de um sentido sociológico. No imaginário da população que perpetua e pratica o racismo, não se trata exclusivamente de um grupo definido pelos traços físicos. A raça, seguindo o fluxo de pensamento dessas pessoas, trata-se de um grupo social com traços culturais, linguísticos, religiosos, dentre outros, que podem ser considerados naturalmente inferiores ao grupo a qual ele pertence. O racismo, de acordo com essa lógica, é uma tendência que consiste em considerar que as características intelectuais e morais de determinado grupo são consequências diretas de suas características físicas

ou biológicas.

Dentro dessa perspectiva propagada, é de fundamental importância desmitificar a teoria da coisificação de pessoas escravizadas, por meio da qual a descendência imediata das pessoas mantidas em cativeiro é vista como se fosse composta por seres despersonalizados e destituídos de capacidadede pensamento. Ao invés disso, faz-se necessário evidenciar o seu potencial de articulação individual e coletiva, o que tende a fragilizar a ideia de passividade, assim como fortalecer a noção de que essas pessoas tinham seus próprios valores, formas de sociabilidade, cultura e mecanismos de adaptaçãoe resistência para lidar com as restrições impostas pelo cativeiro (PROENÇA, 2007).

Além disso, o mito de democracia racial, defendido na obra *Casa Grande e Senzala* de Gilberto Freyre (1933), que foi difundido no Brasil e bloqueou durante muitos anos o importante debate nacional sobre as políticas de ações afirmativas —— políticas sociais de combate a discriminações étnicas, raciais, religiosas, de gênero, para promover a participação de pessoas em vulnerabilidade no processo político, no acesso à educação, saúde, emprego, bens materiais, entre outros —— e paralelamente o mito do sincretismo cultural ou da cultura mestiça (nacional) atrasou também o debate nacional sobre a implantação do multiculturalismo no sistema educacional brasileiro (MUNANGA, 2004).

Dessa forma, a raça, a racialização e o racismo são reproduções geradas através da dinâmica das relações raciais, trazendo também as questões políticas, econômicas e culturais. A raça de forma diferente da etnia não é uma condição biológica, trata-se de uma condição social, psicossocial e cultural, criada, reiterada e desenvolvida, na trama das relações sociais, envolvendo progressos de jogos de forças sociais e progressos de dominação e apropriação. Octávio Ianni (2004) observa que a hierarquização racial também é uma prática política que fundamenta as relações de poder, estigmatizando os não detentores deste poder.

De acordo com Munanga (2017, p. 33): “O racismo é um fenômeno presente em diversas sociedades contemporâneas, latente na cultura, nas instituições e no cotidiano das relações entre seres humanos”. Já o racismo estrutural, conceito que, segundo Almeida (2018), naturaliza a presença do racismo nas relações sociais, econômicas e políticas, retroalimenta a ausência de pessoas negras na imprensa, na mídia, nas

universidades, nos espaços políticos, jurídicos e de poder é uma face cruel da desqualificação desta população que também se reflete na identidade social.

Dennis de Oliveira em sua obra *Racismo estrutural – uma perspectiva histórica* (2021) já inicia o texto trazendo a multiplicidade do racismo no Brasil e a perspectiva na qual o racismo é tratado em seu livro. Essa demarcação se faz extremamente necessária e fundamental à medida que a sociedade se midiatiza através do viés das redes sociais, pois ao mesmo tempo em que as mesmas visibilizam o racismo e a luta contra ele podem reduzir essas mazelas a uma questão comportamental, um desvio de conduta, dificultando a construção de uma reflexão mais crítica a respeito de tal conceito e fenômeno.

Na seção seguinte apontaremos elementos sobre o impacto das questões raciais na construção da literatura brasileira e citaremos autores, autoras e movimentos com pessoas negras que atuaram de forma contra hegemônica, produzindo literatura, desde o século XIX até os dias atuais.

1.3 – Autorias negras na literatura brasileira

"Outono chegou e com ele o tapete formado por folhas brilhantes e coloridas, uma paleta variada começando pelo verde, passando pelo vermelho, amarelo e alaranjado. Para quem aprecia tais mudanças diretamente das varandas de seus sobrados antigos é um espetáculo. Mas, para a galera que limpa as ruas, varrer folhas de amendoeira diariamente por vezes se torna um fardo.

Jeane morava no sobrado azul, apreciava essas transformações da janela do seu quarto ou da varanda do quarto do seu avô. Morava na rua principal do bairro, quase ao lado dos Correios. A rua concentrava 80% do comércio local. Tinha duas sapatarias, bar com comida caseira, casa de construção, loja de roupa no estilo armarinho, sapateiro, fliperama, mais bares, loja de móveis, relojoaria, vidraçaria, e uma padaria lá na rua transversal da esquina. Ao lado da padaria ficava a sede da escola de Samba que ia até a outra quadra e dava na rua da igreja do padroeiro do Bairro: São Sebastião".

O conto "Folhas de Outono", de minha autoria, foi publicado em 2023 no livro *Encruzilhadas suburbanas,* idealizado pelo Mutirão Cultural Rolé Literário. A obra

onde sou coautora e uma das idealizadoras, foi organizada por Pedro Machado e publicada pela editora Oficina Raquel. O texto traz memórias da minha infância em Parada de Lucas na década de 80, trazendo as dores, alegrias, surpresas, amores de uma menina negra criada no subúrbio, em um tempo onde as crianças brincavam na rua e nem imaginariam os avanços tecnológicos que estavam por vir. Uma história contada a partir de negras e suburbanas narrativas, livres de estereótipos.

Ao longo dos anos, livros didáticos e obras literárias importantes também reproduziram muitos conceitos e estereótipos sobre a população negra. Tais produções muitas vezes geram um sentimento de não pertencimento, resultando em um desinteresse pela leitura. É importante haver histórias com narrativas com que o leitor se identifique, fortalecendo os processos de identidade e de autoestima.

No Brasil, a literatura está visivelmente atrelada ao poder, seja dentro da perspectiva de quem é que pode escrever e ser publicado (CUTI, 2010), ou atrelado a branquitude na literatura brasileira (DALCASTAGNÉ, 2012). Segundo Cuti: “A literatura, como reflexo e reforço das relações tanto sociais quanto de poder, atuará no mesmo sentido ao caracterizar as personagens negras, negando-lhes complexidade e, portanto, humanidade” (CUTI, 2010, p.16).

Estudos coordenados por Dalcastagné (2005) para a Universidade de Brasília apontam em um recorte temporal de 15 anos (de 1990 a 2004) alguns números importantes sobre os romances publicados pelas principais editoras brasileiras:

> De todos os romances publicados pelas principais editoras brasileiras, 120 em 65 autores eram homens, ou seja, 72,7%. Mais gritante ainda é a homogeneidade racial : 93,9% dos autores são brancos. Mais de 60% deles vivem no Rio de Janeiro e em São Paulo. Quase todos estão em profissões que abarcam espaços já privilegiados de produção de discurso : os meios jornalístico e acadêmico. (DALCASTAGNÉ, 2012, p. 14)

Dentro da perspectiva da literatura ligada ao pertencimento e que favorece o processo de formação das subjetividades, escrever é uma ferramenta de transformação, onde deixamos de ser os outros, para sermos nós mesmos. Passamos de objetos de pesquisa para sujeitos, descrevendo as nossas próprias histórias e não aquela que é descrita, fazendo essa escrita também emergir como um ato político (KILOMBA, 2019).

No século XIX e início do século XX tivemos autores negros na cena do Rio de

Janeiro que nos deixaram um legado importante, mas que foram invisibilizados ou até mesmo embranquecidos através do tempo. Podemos citar Machado de Assis (1839-1908), considerado por muitos pesquisadores o maior autor da literatura brasileira, que teve a sua cor silenciada sendo representado inúmeras vezes como um autor branco. Nasceu no Morro do Livramento, no Rio de Janeiro e nos deixou um acervo importantíssimo com romances, crônicas, contos, poemas, dentre outras publicações. Atuou em cargos públicos e foi o fundador e presidente, até a data de sua morte, da Academia Brasileira de Letras (ABL).

Lima Barreto (1881-1922) também nasceu no Rio de Janeiro e para o autor o subúrbio carioca era o centro do mundo, esse fato ficou evidenciado em suas obras, assim como o realismo e a visão crítica da sociedade. Ao longo de sua vida passou por processos de exclusão social, inclusive nos meios acadêmicos. Enfrentou problemas de saúde, chegando a ser internado algumas vezes em unidades manicomiais.

A partir dos anos 20 no século XX, Solano Trindade (1908-1974) foi uma forte influência no cenário literário. Nasceu em Pernambuco, sua estreia na literatura foi com a obra *Poemas negros* (1936), que foi apenas o início de uma vasta trajetória. A partir da década de 40 fixou residência no Rio de Janeiro, onde publicou o livro *Poemas de uma vida simples* (1944). Essa publicação continha o poema "Tem gente com fome", que gerou um grande incômodo às autoridades da época, resultando na perseguição e prisão do poeta, além da apreensão de seu livro.

Alguns anos depois, Solano funda em Duque de Caxias —– município da Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro —–**,** juntamente com sua esposa Margarida Trindade e o sociólogo Edison Carneiro, o Teatro Popular Brasileiro, com um elenco formado por domésticas, operários e estudantes. Alguns desses espetáculos foram encenados em vários países da Europa. A obra do autor foi um grande demarcador de uma literatura com o viés construído através de narrativas negras.

Cuti (2010), no capítulo chamado "Uma vertente", da obra *Literatura-Negro Brasileira*, faz um comparativo entre fragmentos de artigo publicado em jornal no século XX pelo dramaturgo branco Nélson Rodrigues e um poema escrito por Luiz Gama no século XIX, no livro Trovas burlescas de Getulino, publicado em 1859, no intuito de refletir sobre a questão do sujeito étnico na literatura e suas implicações.

De acordo com o trecho de Rodrigues com grifos de Cuti:

> Não caçamos pretos, no meio da rua, a pauladas, como nos Estados Unidos. Mas fazemos o que talvez seja pior. A vida do preto brasileiro é toda tecida de humilhações. Nós o tratamos com uma cordialidade que é o disfarce pusilânime de um desprezo que fermenta em nós dia e noite. Acho o branco brasileiro um dos mais racistas do mundo. (RODRIGUES Apud CUTI, 2010, p. 18)

Cuti traz como o outro exemplo a poesia de Gama (2000):

> Desculpa, meu amigo
> Eu nada te posso dar
> na terra que rege o branco
> nos privam té de pensar
>
> Ao peso do cativeiro
> Perdemos razão e tino,
> Sofrendo barbaridades
> Em nome do Ser Divino!!
> (GAMA, 2000, p. 33)

Sobre a narrativa de Nélson Rodrigues, Cuti (2010) observa que:

> Nelson Rodrigues, com sua declaração autocrítica, constitui um sujeito étnico branco quando escreve sobre o "preto" para um outro branco, formando com este último um "nós" branco. Nesse caso, negro é objeto da autocrítica, é a respeito dele que se escreve. Não é o negro que dirige a palavra nem é a ele que a palavra é dirigida. O emissor foi caracterizado como branco sem precisar se autodenominar como tal. Ele não expressou: "Sou branco". Usou o negro como o outro e, portanto, um contraponto em relação a ele e a seu interlocutor com o qual formou um "nós". (CUTI, 2010, p.19)

Sobre a narrativa de Luiz Gama, Cuti (2010) afirma que:

> Focalizemos agora o texto de Luiz Gama. Da mesma forma que Nelson Rodrigues, o sujeito do discurso constrói um "nós" com o destinatário e também não diz a sua cor, a não ser pelo estabelecimento do processo de se contrapor ao "branco". Da mesma maneira, tomando este último como o "outro", acaba por se denir como negro também, pelo contexto intra e extratexto. Sendo vítima do branco que os priva "té" de pensar, remete-nos à situação do escravizado cujas privações atingiam inclusive – e, sobretudo – o seu interior, impedindo-o de articular o pensamento livremente e, por conseguinte, impedindo o sujeito de possuir algo para "dar". Na segunda estrofe, aponta o cativeiro como fator da perda de "razão" e "tino". Se o termo "razão" nos remete à losoa, "tino" indica-nos a ideia de inteligência prática, juízo, atenção, noções que sugerem atitude.

Cuti (2010) ainda ressalta que Luiz Gama traz em sua poesia a utilização da divindade suprema pelo branco, no intuito da prática de "barbaridades", como um mecanismo de desestabilização das vítimas. Cuti traduz esse mecanismo na seguinte

frase: “O sagrado, sendo arrolado na prática da barbárie, foi e é o grande sustentáculo da prática da violência humana” (CUTI, 2010, p. 20).

Nesse sentido, Cuti (2010) ratifica que mesmo em vista de posicionamentos diversificados, as narrativas apontam para o negro como sujeito social com uma grande carga de recusa da identidade brasileira, ao mesmo tempo que possuem um sentimento de in ferioridade diante de estrangeiros, devido ao desprezo fomentado por pessoas brancas no convívio social e também a partir de suas escritas e produções.

Com o passar dos anos, temos como exemplo de literatura ligada à questão do pertencimento a antologia *Cadernos Negros*, organizada pelo Quilombhoje de São Paulo. A coletânea surgiu em 1977 e foi criada pelo escritor e poeta Cuti e pelo ativista e poeta Hugo Ferreira. A obra inaugural, composta de 52 páginas, foi uma possibilidade de enfrentamento do apagamento da presença negra enquanto protagonistas e também sujeitos da literatura brasileira.

No início desse movimento os poetas se reuniam na casa de Cuti, discutindo os textos que seriam publicados e a obra de autores já consagrados como Lima Barreto e Solano Trindade. A partir dessas conversas surgiu o Quilombhoje com o objetivo de discutir a presença do negro na literatura brasileira e passando a organizar a construção dos *Cadernos Negros*. Grupos de escritores de outras capitais, incluindo o Rio de Janeiro, também somaram com seus textos. A publicação atravessa décadas e contribui de forma fundamental nesse processo de expansão e legitimidade da literatura negro-brasileira.

Cuti acreditava que o Brasil não poderia viver sem as nossas experiências de vidas negras em sua literatura e que além da representação do cotidiano de pessoas negras, a branquitude também precisava ser vista de outra forma. Cuti segue afirmando na contemporaneidade que a literatura brasileira é abusivamente branca, “em seu propósito de invisibilizar e estereotipar o negro e o mestiço” (CUTI, 2010, p. 32). Em seu livro *Literatura negro-brasileira* publicado em 2010, Cuti teoriza sobre a escrita negra, e apresenta os principais grupos e autores, discorrendo de forma precisa sobre o contexto histórico do racismo no Brasil e o papel da literatura no processo discriminatório.

A série *Cadernos Negros*, para além da contribuição no processo de expansão da literatura negra, também fez emergir as narrativas femininas das periferias

oportunizando a projeção de escritoras negras periféricas. Nomes como: Lia Vieira, Conceição Evaristo, Miriam Alves, Cristiane Sobral e Geni Guimarães, fazem parte do grupo de poetas e escritoras que vêm publicando desde as primeiras edições dos *Cadernos Negros.* Foi com imensa alegria que no decorrer da escrita deste trabalho recebi a notícia de que eu, mulher negra, periférica, também faria parte dessa história e teria minhas poesias publicadas na edição 45 da antologia *Cadernos Negros*, lançado em 2024.

A partir da década de 80 houve um avanço em relação à distribuição de obras produzidas a partir da perspectiva da vivência negra, em vários gêneros literários. Muitos desses escritores e escritoras nasceram ou residiram no Riode Janeiro. Dentro dessa corrente os espaços institucionais e culturais também começavam a ser ocupados por pessoas negras, através dos movimentos negros. As reflexões acadêmicas de intelectuais negros e negras vinculadas a raça e a etnicidade, que anteriormente eram quase que exclusivamente objetos de pesquisa de autores e autoras de outros países, também cresceram, ainda que timidamente.

De acordo com Eduardo de Assis Duarte (2011) a década de 80 foi fundamental para a produção de escritores e escritoras que assumiram seu pertencimento enquanto pessoas vinculadas a uma etnicidade afrodescendente. Essas autorias cresceram em volume e começaram a ocupar espaço na cena cultural. Paralelamente a esse movimento acadêmico, literário, artístico e cultural as demandas do movimento negro se ampliaram e adquiriram visibilidade institucional. A partir dessa movimentação, a reflexão acadêmica voltada para esses escritos cresceu da mesma forma, mas não na mesma intensidade. Tais reflexões ao longo do século XX foram objeto quase que exclusivo de pesquisadores estrangeiros como Roger Bastide, Raymond Sayers, Gregory Rabassa e David Brookshaw, entre outros.

Falando de literatura contemporânea, trago a escritora Conceição Evaristo, hoje um dos maiores nomes da literatura brasileira. A autora ganhou o Prêmio Jabuti de Literatura de 2015 na categoria Contos e Crônicas com o aclamado livro *Olhos d'água*. Evaristo teve sua estreia no ano de 1990, quando seis de seus poemas foram incluídos no volume 13 da coletânea *Cadernos Negros*.

Conceição Evaristo cunhou um termo para sua literatura, comprometida com as condições enfrentadas pelas mulheres negras em uma sociedade marcada pelo racismo:

a escrevivência. As escrevivências nos trazem uma via de mão dupla: é a vida que se escreve na vivência de cada pessoa, assim como cada um escreve o mundo que enfrenta.

Conceição Evaristo nos aponta a perspectiva da existência de um corpus literário específico na literatura brasileira que se constituiria como uma produção escrita marcada por uma subjetividade construída, experimentada, vivenciada a partir da condição de homens negros e de mulheres negras na sociedade brasileira (EVARISTO, 2020). A autora em suas declarações públicas sempre enfatiza que, diante das histórias que incomodam, a escrevivência quer justamente provocar essa fala, provocar essa escrita e provocar essa denúncia, e no campo da literatura é essa provocação que vai ser feita da maneira mais poética possível.

No próximo capítulo trataremos sobre os conceitos de literatura afro-brasileira, literatura negro-brasileira e escrevivências a partir de elementos trazidos por: Cuti (2010), Eduardo de Assis Duarte (2010) e Conceição Evaristo (2020).

2 - Literatura afro-brasileira, literatura negro-brasileira escrevivências: formas de existência para além dos conceitos

Afronta

Não vou parar
Não vou me conter
Não vou me acuar
E muito menos retroceder

Não vou me aprisionar
Nos meus próprios medos
Tampouco me enfiar
Em caixas pré fabricadas
Não quero ser formatada
Dentro da lógica amoral
De quem julga ter moral

Sou forjada através da afronta
Enfrentando estatísticas
E a barbárie do sistema
O que aprisiona
Não me cabe
Sigo buscando gozo e felicidade
Por aqui a liberdade
Também escorre pelos dedos.

Poema escrito e publicado por mim na antologia Cadertnos Negros – *Poemas Afro-brasileiros,* Edição 45, pelo selo Quilombhoje em 2024. O poema trata do enfrentamento das estatísticas e das violências impostas pelo sistema, por mulheres que não se submetem, não se aprisionam, existem e seguem em busca da liberdade para as

suas escolhas e da felicidade, em meio a uma estrutura que as oprimem diariamente.

Este capítulo trata da literatura afro-brasileira, literatura negro-brasileira eescrevivências como formas de existência, em diálogo com autores e autoras como Cuti (2010), Eduardo de Assis Duarte (2010) e Conceição Evaristo (2020), que serão teóricos fundamentais para o embasamento dessa escrita. O capítulo será dividido nas seguintes seções:

Na seção 2.1- Literatura afro-brasileira: produções literárias e autorias negras como sujeitas de suas escritas, falaremos sobre as barreiras relacionadas a visibilidade do corpus literário da afro-brasilidade e da interação dinâmica de cinco grandes fatores que, de acordo com Assis (2010), são de fundamental importância para a constatação plena da existência de uma literatura afro-brasileira.

Na seção 2.2- Literatura negro-brasileira: vivências da população afrodescendente na literatura brasileira, abordaremos o surgimento da literatura negro-brasileira e seus aspectos na contemporaneidade segundo o pensamento de Cuti (2010).

Na seção 2.3- Escrevivências: escritas do cotidiano e das lembranças, que revelam as condições das pessoas negras no Brasil, traremos o conceito de escrevivência cunhado por Conceição Evaristo (2020) e as escritas que emergem e geram pertencimento, por meio desta perspectiva.

2.1 - Literatura afro-brasileira: produções literárias e autorias negras como sujeitas de suas escritas

A Favela ainda não venceu!

Planta oriunda de Canudos
Solução de moradia para
Quem recebeu falsas promessas
E voltou da guerra
Sem soldo e sem teto
Barracos se ergueram pelos morros
Providência foi a primeira parada
Políticas higienistas e eugenistas
Deram o tom para o abandono
Falta de políticas públicas

E extermínio de gente preta e pobre
Desde os tempos da "falsa abolição".

Lugar de gente batalhadora
Que gira a máquina capitalista
Berço de gêneros musicais
Tentaram desde sempre criminalizar
O jongo, o samba, o rap e o funk
Ainda assim esses ritmos
Seguem vivos e ganharam o mundo.

Lugar onde a bala de fuzil
De perdida não tem nada
Elas sempre acham o caminho
Para exterminar os corpos negros
Lugar onde violações
De direitos humanos e chacinas
São legitimadas pelo Estado.

A criançada segue tentando ser criança
Com sorriso no rosto, correndo,
Soltando pipa e brincando de pique
O povo da favela segue solidário,
Virando lage para o amigo,
Regada a comida gostosa
E fazendo batucada
Homens e mulheres seguem
Agarrando todas as oportunidades
Orgulhando pai e mãe.

Os jovens seguem fazendo passinho,
Dando o papo reto no Slam

Lideranças comunitárias seguem
Incansáveis, fazendo o papel do governo,
Salvando vidas com projetos sociais
Colocando comida na mesa
De quem tem fome e pressa.

Escritores, rádios comunitárias
Seguem na contramão
Contando histórias a partir das suas
Próprias e faveladas narrativas
A favela existe, a vida pulsa,
A cultura nesses territórios vibra.

Jacarezinho e Complexo da Penha.
"Pena de Morte" executada...
Pânico e suspensão de aulas
A falácia da meritocracia
Ainda esbraveja que as oportunidades
São iguais para todo mundo.

Virou moda repetir por aí
Que a "Favela Venceu"
Mas, parafraseando Carolina de Jesus
A Favela segue como
O Quarto de Despejo da sociedade
Força, luta e resistência não faltam
Queria hoje falar o contrário
Mas, infelizmente
A Favela ainda não venceu!

"A Favela ainda não venceu!" é um poema de minha autoria, publicado na antologia *A Poética da Resistência* em 2022, livro organizado por mim e pelo escritor

Pedro Machado, um dos escritores entrevistados nesta pesquisa, da editora Alpheratz. O poema trata das violências que corpos negros e favelados sofrem diariamente e também das potencialidades, que essas pessoas com poucas oportunidades e políticas públicas que as favoreçam possuem.

Em uma sociedade onde o racismo é um dos seus traços marcantes, é de extrema importância disputar e desconstruir narrativas nas quais ancestrais africanos e sua descendência são vistos e retratados como pessoas sem agência e pensamentos próprios. O autor Eduardo de Assis (2010) reflete sobre esta questão, no caso específico de nossa produção letrada, e das barreiras que colocam-se a frente da tarefa de tornar mais visível o corpus literário da afro-brasilidade. Tais empecilhos vão desde a estigmatização dos elementos oriundos da memória cultural africana e o apagamento deliberado da história dos escravizados e seus descendentes até o modo explicitamente construído e não essencialista com que se apresentam as identidades culturais. Segundo Assis:

> Desde a década de 1980, a produção de escritores que assumem seu pertencimento enquanto sujeitos vinculados a uma etnicidade afrodescendente cresce em volume e começa a ocupar espaço na cena cultural, ao mesmo tempo em que as demandas do movimento negro se ampliam e adquirem visibilidade institucional. Desde então cresce, da mesma forma, mas não na mesma intensidade, a reflexão acadêmica voltada para esses escritos, que, ao longo do século XX, foram objeto quase que exclusivo de pesquisadores estrangeiros como Bastide, Sayers, Rabassa e Brookshaw, entre outros. (ASSIS, 2010, p. 113)

Felisberto e Miranda (2023) também relatam sobre a reflexão acadêmica com intuito de pesquisar a relação do negro com a escrita, e que a mesma foi estabelecida inicialmente por brasilianistas. De acordo com as autoras, os brasilianistas são acadêmicos, professores, autores ou pesquisadores especializados em temas referentes ao Brasil. O termo é em geral usado em relação a pesquisadores estrangeiros (não brasileiros), ou residentes fora do Brasil. O fato dos mesmos serem do campo das ciências sociais e não das letras, nos revela pouco interesse de debate acadêmico.

Ainda segundo as autoras, o debate da temática no âmbito acadêmico brasileiro é introduzido por Zilá Bernd, nos anos 80, com o seu estudo *Introdução à Literatura Negra* (1988) “no qual define alguns critérios fixos para qualificar tal produção, sendo um dos mais conhecidos a presença do “eu que se quer negro”, baseado na poética de Luiz Gama” (FELISBERTO e MIRANDA, 2023, n.p). Felisberto e Miranda (2023) reforçam a importância do trabalho de Bernd (1988) para o início de um debate crítico

sobre a produção literária de escritores negros e escritoras negras, ainda que o seu trabalho esteja situado no campo da poesia.

Ampliando o debate iniciado na década de 80 por Bernd (1988) , o autor Assis (2010) nos ressalta a importância da série *Cadernos Negros*, que já ultrapassa quatro décadas de publicações sem interrupções. No início desse movimento os poetas se reuniam na casa de Cuti, em São Paulo, discutindo os textos que seriam publicados e a obra de autores já consagrados como Lima Barreto e Solano Trindade. A partir dessas conversas surgiu o Quilombhoje com o objetivo de discutir a presença do negro na literatura brasileira e passando a organizar a construção dos *Cadernos Negros*. Grupos de escritores de outras capitais, incluindo o Rio de Janeiro, também somaram com seus textos. A publicação segue contribuindo de forma fundamental nesse processo de expansão e legitimidade da nossa literatura.

Segundo Assis (2010):

> E, a partir de intensa busca pela ampliação de seu horizonte recepcional, a literatura afro-brasileira adquire legitimidade crescente, tanto nos cursos de graduação e pós-graduação e nas listas dos vestibulares de universidades públicas e privadas, quanto no meio editorial. (ASSIS, 2010. p. 114)

Nesse contexto, Assis (2010) nos aponta elementos importantes para essa construção, como a ampliação do poder de compra, formando o que chamamos de classe média negra, , além do crescimento de pessoas negras nas universidades, a partir da implementação de políticas públicas, tendo como consequência o aumento de profissionais com formação superior. Ainda de acordo com Assis (2010) a instituição de leis como a 10.639/2003 e as ações afirmativas contribuem de forma favorável para a "presença mais significativa das artes marcadas pelo pertencimento étnico afrodescendente" (ASSIS, 2010, p.2). O autor acredita que a partir da interação dinâmica de cinco grandes fatores, é possível a constatação plena da existência de uma literatura afro-brasileira; são elas: temática, autoria, ponto de vista, linguagem e público.

A temática nesse sentido, colabora fundamentalmente para a percepção do pertencimento do texto à lietratura afro-brasileira. Segundo Ianni (1988) é uma abordagem que vai para além do afrodescendente enquanto indivíduo, onde "O negro é o tema principal da literatura negra. Sob muitos enfoques, ele é o universo humano, social, cultural e artístico de que se nutre essa literatura" (IANNI, 1988, p.92).

Assis (2010) enfatiza que:

> A temática afro-brasileira abarca ainda as tradições culturais ou re-ligiosas transplantadas para o Novo Mundo, destacando a riqueza dos mitos, lendas e de todo um imaginário circunscrito quase sempre à orali-dade. Autores como Mestre Didi, com seus Contos crioulos da Bahia, ou Mãe Beata de Yemonjá, com as narrativas presentes em Caroço de dendê e Histórias que minha avó contava, figuram nessa linha de recuperação de uma multifacetada memória ancestral. Além disso, elementos rituais e re-ligiosos são presença constante em inúmeros autores. Exus e Pombagiras povoam Cidade de Deus, de Paulo Lins, enquanto os Orikis transportados pelo Atlântico Negro fazem-se presentes na poesia de Edimilson de Al-meida Pereira, Ricardo Aleixo e tantos mais. Já a peça Sortilégio, de Abdias Nascimento, traz para o palco não apenas o terreiro e o Peji como cenário, mas o culto afro-brasileiro e a memória ancestral como fundamentos do processo de identificação do personagem negro, um dos pontos fulcrais da trama. (ASSIS, 2010, p.123)

O autor segue destacando que dentro desse contexto é fundamentalmente importante ressaltar que, as condições passadas e do presente dos afrodescendentes não podem ser consideradas obrigatórias, ou devem ser vistas como amarras para a construção dessas escritas. É importante que se leve também em consideração os outros fatores que serão aqui abordados, como a autoria.

A autoria é tida por Assis (2010) como uma das instâncias mais controversas, dentro dos cinco fatores por ele abordados, a partir do momento que implica na consideração de outros fatores, como os biográficos e os fenotípicos. O autor também nos apresenta questões delicadas dentro da temática, como a defesa de alguns estudiosos de uma literatura afro-brasileira que englobe autorias brancas. Segundo Assis:

> No primeiro caso, há que se atentar para a abertura implícita no sentido da expressão afro-brasileiro, a fim de abarcar as identidades compósitas oriundas do processo miscigenador. No segundo, corre-se o risco de reduzir essa produção ao negrismo, entendido como utilização, por quem quer que seja, de assuntos atinentes aos negros. Superando-se o reducionismo temático e vendo-se a questão de outra perspectiva, pode-se, por exemplo, reler Castro Alves e concluir que, apesar do epíteto de "poeta dos escravos", sua obra não se enquadra na literatura afro-brasileira. (ASSIS, 2010, p. 124).

Nessa perspectiva, Assis (2010), aponta para o fato de existem ainda escritores e escritoras que não reivindicam para si a condição de afrodescendentes e tampouco a incluem em seus projetos literários. É necessário nos atentarmos para essa atitude, no sentido de demonstração por parte desses autores e autoras de evitar que suas escritas

sofram o processo de redução sociológica e de interpretações de suas obras por meio de fatores externos a ela como “a cor da pele ou a condição social do escritor. No caso presente, é preciso compreender a autoria não como um dado “exterior”, mas como uma constante discursiva integrada à materialidade da construção literária” (ASSIS, 2010, p.125).

O autor salienta que o ponto de vista adotado traz indicações sobre a visão de mundo do autor, além dos valores que fundamentam as ações presentes no texto, que incluem as vocabulares, nessas representações. O autor fala sobre fatores que compõem a literatura afro-brasileira e estão para além da ascendência africana e da utilização da temática. Na concepção de Assis:

> Diante disso, a ascendência africana ou a utilização do tema são insuficientes. É necessária ainda a assunção de uma perspectiva identificada à história, à cultura, logo a toda problemática inerente à vida e às condições de existência desse importante segmento da população. Em suas Trovas burlescas, publicadas em 1859, Luiz Gama, autoproclamado “Orfeu de Carapinha”, explicita a afrodescendência de seus textos ao apelar à “musa da Guiné” e à “musa de azeviche” para, em seguida, promover uma im-piedosa carnavalização das elites. Já em seu romance Úrsula, também de 1859, Maria Firmina dos Reis adota a mesma perspectiva ao colocar o escravo Túlio como referência moral do texto, chegando a afirmar, pela voz do narrador, que Tancredo, um dos brancos mais destacados na tra-ma, possuía “sentimentos tão nobres e generosos como os que animavam a alma do jovem negro” (2004, p. 25) Mais adiante, faz seu texto falar pela voz de Mãe Suzana, velha cativa que detalha a vida livre na África, a captura pelos “bárbaros” traficantes europeus e o “cemitério” cotidiano do porão do navio negreiro. (ASSIS, 2010, p. 128)

A linguagem também se apresenta como um fator importante na distinção sobre as diferenças culturais presentes nos textos da literatura afro-brasileira. É importante a observação da afro-brasilidade que também se demonstra por meio de vocábulos e práticas linguísticas que remetem ao continente africano e foram adicionadas a nossa cultura por meio de: “processo transculturador em curso no Brasil. Ou de uma discursividade que ressalta ritmos, ento-nações e, mesmo, toda uma semântica própria, empenhada muitas vezes num trabalho de ressignificação que contraria sentidos hegemônicos na língua” (ASSIS, 2010, p. 131). Nesse sentido, Bernd (1988) salienta que o discurso trazido pelos afrodescendentes se compromete com a ruptura de uma ordem simbólica estabelecida pelo mundo branco, para a criação de novas formas que expressem os valores dessas autorias negras.

O último e não menos importante fator, trata do público, pois faz parte da

intencionalidade da literatura afro-brasileira a contrução de um público próprio, que também é atravessado por questões trazidas nessa literatura, que possui valores, demarcadores culturais, questões identitárias comuns a esses indivíduos, mas, que afetam a toda coletividade (ASSIS, 2010).

Segundo Assis:

> Esse impulso à ação e ao gesto político leva à criação de outros espaços mediadores entre texto e receptor: os saraus literários na periferia, os lançamentos festivos, a encenação teatral, as rodas de poesia e rap, as manifestações políticas alusivas ao 13 de Maio ou ao 20 de Novembro, entre outros. No caso, o sujeito que escreve o faz não apenas com vistas a atingir um determinado segmento da população, mas o faz também a partir de uma compreensão do papel do escritor como porta-voz da comunidade. Isto explica a reversão de valores e o combate aos estereótipos, procedimentos que enfatizam o papel social da literatura na construção da autoestima. Acrescente-se o fato de que títulos como Axé, Cadernos Negros ou Quilombo de pa-lavras explicitam de imediato um público-alvo a cujas expectativas o escritor espera atender. (ASSIS, 2010, p.130)

Dentro de um contexto com questões relacionadas ao racismo, que refletem ao longo dos anos na literatura, na mídia e no audiovisual, além da falta de investimentos e incentivo ao livro e a leitura, é muito importante democratizar a literatura afro-brasileira, trazendo pertencimento aos leitores, por meio da diversidade apresentada a partir de uma literatura em que pessoas negras se vejam, distanciadas dos estereótipos por tanto tempo perpetuados. No próximo tópico traremos os aspectos da Literatura negro-brasileira, termo difundido pelo escritor por Cuti (2010).

2.2- Literatura negro-brasileira: vivências da população afrodescendente na literatura brasileira

Negras Narrativas

Nossa existência
Não se resume a sofrimento
Ela está pra além da dor
E das tentativas de desumanização e

Apagamento de nossa cultura.

Somos corpos negros
Em movimento
Somos frutos da agência
E dos sonhos dos
Nossos ancestrais.

Somos corpos em luta constante,
Mas também temos
Vivências felizes,
Engraçadas, de sucesso
Onde se transborda afeto.

Temos delírios de amor
Momentos de paixão
Vivemos amores intensos que
Fazem a temperatura subir.

Somos permeados por
Sabedoria ancestral
Fé que move nosso caminhar
Somos centelhas divinas
Orixás na Terra
Nos reinventando nessa diaspóra
Deixando nosso legado.

Seguimos nossa caminhada
Contando nossas
Belas conquistas e histórias
Através das nossas
Próprias e negras narrativas.

O poema “Negras Narrativas’, escrito e publicado por mim na antologia *Literatura negra feminina: poemas desobre(vivência)* (2021) da Editora Mjiba, trata de ancestralidade, pertencimento e da importância de contarmos as nossas histórias a partir das nossas próprias e negras narrativas. Seguindo essa linha, observamos na seção anterior que a série *Cadernos Negros* continua sendo uma produção de muita importância no contexto literário produzido por pessoas negras no Brasil. O escritor Cuti, quando reunia os escritores em sua casa nos idos anos 70, acreditava que o Brasil não poderia viver sem as nossas experiências de vidas negras em sua literatura e que além da representação do cotidiano de pessoas negras, a branquitude também precisava ser vista de outra forma, segundo Cuti (2010):

> Inicialmente, a ideia nasceu comigo e com o Hugo Ferreira e, em 1978, fizemos a publicação de um pequeno livro e já sabíamos que a série iria continuar. [...] E dali em diante fiz a anto-logia com a ajuda de outros escritores, ajudas eventuais, e sempre com a participação financeira de cada um”. (CUTI, 1995, p. 901)

Sobre os Cadernos Negros e o Quilombhoje Silva (2021) nos aponta que a publicação de uma obra que contemplava histórias contadas por meio de narrativas negras foi o primeiro passo dos autores e autoras. O passo seguinte foi a a busca por um lugar que levasse en consideração as especificidades dessa literatura, pensasse sobre a mesma e fosse um espaço público de discussões, foi a partir dessa necessidade que criaram o Quilombhoje em 1980. Nas palavras de Cuti:

> [...] Eu sugeri o nome Quilombo, mais a palavra hoje, que daria Quilombhoje. Uma das coisas que achei curiosa nesse nome, que as pessoas aceitaram, é que a palavra Quilombhoje tem “bojo” embutida. Ela é um neologismo que inclui a atualidade do Quilombo, a noção de nossa retomada histórica e também ela inclui a palavra bojo, ou seja, a nossa literatura está no bojo de um movimento maior, que é o Movimento Negro Nacional. (CUTI, 1995, p. 901)

O autor segue afirmando na contemporaneidade que a literatura brasileira é abusivamente branca, “em seu propósito de invisibilizar e estereotipar o negro e o mestiço” (CUTI, 2010, p. 32). Diante desse fato, a sua obra *Literatura negro-brasileira* (2010) fala sobre a literatura brasileira, trazendo um de seus variados aspectos, a literatura negro-brasileira, discutindo seu corpus e a razão pela qual essa literatura

merece destaque. Segundo Cuti:

> O surgimento da personagem, do autor e do leitor negros trouxe para a literatura brasileira questões atinentes à sua própria formação, como a incorporação dos elementos culturais de origem africana no que diz respeito a temas e formas, traços de uma subjetividade coletiva fundamentados no sujeito étnico do discurso, mudanças de paradigma crítico-literário, noções classicatórias e conceituação das obras de poesia e ficção. (CUTI, 2010, p. 12)

Cuti (2010) aborda que foram os brasilianistas os primeiros estudiosos a trazer indagações referentes aos africanos em diáspora, seus descendentes e a literatura brasileira, que no Brasil, no período colonial (1530 a 1822) e imperial (1922 a 1889) seus autores recebiam grande influência da literatura europeia, em uma época que a dominação política e econômica refletia também na dominação cultural, atingindo também as produções literárias da época e a crítica literária do Brasil, que também fazia parte dos elementos que formavam a conjuntura das relações da época, não cabendo a mesma estar à margem desse processo: "A crítica obedecia aos pressupostos do padrão de escrever da metrópole e por esse viés valorizava ou desqualicava as obras. O século XIX marca o período da nacionalidade brasileira, com a Independência, a Abolição e a República" (CUTI, 2010, p.15). Sobre as temáticas abordadas na época, Cuti afirma que:

> Além da temática (o bom selvagem, os amores arrebatados, a vida social urbana, a saga da escravização), o Romantismo investe na cor local, buscando na geografia brasileira os elementos que caracterizassem um traço identitário. Flora e fauna serão abundantemente exploradas para demarcar a brasilidade. A constituição populacional será, entretanto, o fator predominante. É o período em que temática e ideologia aliam-se explicitamente à forma de escrever dos movimentos artísticos transplantados da Europa. O tom estava dado. Realismo, Naturalismo e Parnasianismo, cada um ao seu modo, também vão enfatizar a nacionalidade, empregando elementos locais. O Simbolismo, que mais se afastou desse processo, acabou, também, dando sua contribuição nessa mesma linha. Até então, nesse contexto, os descendentes de escravizados são utilizados como temática literária predominantemente pelo viés do preconceito e da comiseração. (CUTI, 2010, p.15)

A escravização e seus efeitos trouxeram um estado de coisificação para os escravizados e sua decendência, a literatura enquanto reflexo dos modelos sociais vigentes atuou no papel de reprodução das relações de poder da sociedade, reproduzindo estereótipos a suas personagens negras negando suas subjetividades e

como consequência a humanidade das mesmas (CUTI, 2010).

O autor acredita que mediante a esse processo de negação, denominar a literatura negro-brasileira, uma literatura daqueles que se assumem como negros em seus textos, de literatura afro traz uma projeção sobre a origem continental de seus autores , fazendo com que eles estejam à margem da literatura brasileira, “atribuindo-lhe, principalmente, uma desqualicação com base no viés da hierarquização das culturas, noção bastante disseminada na concepção de Brasil por seus intelectuais” (CUTI, 2010, p.34).

> “Afro-brasileiro” e “afrodescendente” são expressões que induzem a discreto retorno à África, afastamento silencioso do âmbito da literatura brasileira para se fazer de sua vertente negra um mero apêndice da literatura africana. Em outras palavras, é como se só à produção de autores brancos coubesse compor a literatura do Brasil. O aval do Estado Brasileiro dá à denominação “afro-brasileira” um caráter compulsório, enquadrando a produção literária em seus pressupostos ideológicos. O interesse de intercâmbio econômico com os países africanos sustenta as iniciativas de intercâmbio cultural. Atrelar a literatura negro-brasileira à literatura africana teria um efeito de referendar o não questionamento da realidade brasileira por esta última. A literatura africana não combate o racismo brasileiro. E não se assume como negra. (CUTI, 2010, p.34)

A literatura negro-brasileira, na concepção de CUTI (2010) nasce a partir de uma população negra que se forma a partir de suas vivências no Brasil, portanto, fora do continente africano. O autor a partir desse pensamento, nos atenta para a percepção da singularidade negra que é ao mesmo tempo brasileira. Nessa perspectiva vemos a palavra negro embuída de um significado de representatividade e participação nas lutas que definem o futuro da nação “e não se presta ao reducionismo contribucionista a uma pretensa brancura que a englobaria como um todo a receber, daqui e dali, elementos negros e indígenas para se fortalecer” (CUTI, 2010, pp. 44-45) . Ainda segundo o autor:

> […] a continentalização africana da literatura é um processo desigual se compararmos com outros continentes. Países com a sua singularidade estético-literária são colocados sob um mesmo rótulo. A diversidade africana mais uma vez é negada. Como em um navio tumbeiro literário são misturadas as literaturas para venda em outras partes do mundo. Essa negação das singularidades nacionais enfatiza ainda a dominação global, com roupagem de um novo tráco, agora de livros. Africanos de hoje, em particular os literatos, ciosos da busca de reconhecimento cultural de suas nacionalidades, incluindo aí os africanos brancos, tendem a rejeitar uma identidade continental para suas obras, preferindo a caracterização nacional baseada na noção territorial geográfica. (CUTI, 2010, p.34)

Em meio a esse cenário “esta vertente prossegue seu caminho em todas as ramicações, pois a necessidade de expressão literária é vital, seja com qual nome ela venha a ser classicada. À obra, cumpre a função principal de furar as resistências para nutrir a memória afetiva dos leitores” (CUTI, 2019, p. 128). Na atualidade, ainda temos muitas questões relacionadas a democratização dos livros e da leitura, porém em contrapartida muitas pessoas seguem dando continuidade às portas abertas pelos percussores, que seguem produzindo literatura negro-brasileira.

O tópico a seguir tratará das Escrevivências, termo cunhado pela teórica Conceição Evaristo, que trata das escritas do cotidiano e das lembranças, que revelam as condições das pessoas negras no Brasil.

2.3- Escrevivências: escritas do cotidiano e das lembranças, que revelam as condições das pessoas negras no Brasil

“*Dona Janete balançava em sua cadeira na porta de casa enquanto suas bisnetas Amanda e Layse, pré-adolescentes, corriam animadas pela Rua da Vila. Nem as marcas do tempo eram capazes de esconder a beleza dos traços marcantes da senhora centenária, com seus cachos platinados na altura dos ombros e que mesmo estando no quintal da charmosa Vila de subúrbio, onde morava, andava impecavelmente vestida e enfeitada com brincos grandes, colares e muitas pulseiras que com seu chacoalhar denunciavam sua presença por onde passasse. Quem não a conhecia provavelmente não daria mais que 80 anos para ela, que sorria envaidecida e dizia sempre “Santa Melanina”!*

Janete, como uma boa filha de Oxum, sempre esbanjou encanto, desde a sua juventude seduzia com o olhar e seu sorriso largo, adornado pelo batom carmim era como gotas de felicidade que contagiavam a quem estivesse por perto, enquanto sorria seus olhos puxadinhos se fechavam, lhe conferindo certa doçura. Não à toa Alexandre se apaixonou a primeira vista, ficou preso aos seus olhos castanhos, cujo brilho era tão intenso que se assemelhava a um monte de constelações”.

Este é um fragmento do conto “Naquele tempo” do meu livro de contos *Águas que passam não voltam*, publicado pela editora Letras Virtuais em 2022. O texto nasceu a partir de uma provocação do escritor Philippe Valentim, um dos autores entrevistados

nesta pesquisa, para produzir um conto baseado na obra de Pixinguinha. Ao escutar o albúm indicado “O mundo de Pixinguinha” de Hamilton de Holanda, me chamou atenção a música “Naquele tempo”, ao escutar eu senti um misto de emoção e encantamento e não tive dúvidas, a inspiração ali nascia, enquanto saboreava a música, as lágrimas saltavam e a história que mistura ficção, fatos reais, história do Rio de Janeiro e vivências negras, surgia tornando-se posteriormente o primeiro conto da minha publicação.

Em novembro de 2022, lancei meu livro solo *Águas que passam não voltam*, pela editora Letras Virtuais. Uma obra com doze contos que emergem a partir das minhas experiências, reflexões, memórias e convívio com realidades experenciadas por pessoas negras. Pedro Machado (2022) em um dos paratextos do livro reforça o fato de que essas histórias apresentam as dinâmicas das relações humanas, apresentando retratos humanos que vão para além dos julgamentos e tipificações que geralmente nos são impostas. Narrativas construídas com olhar atento à humanidade das personagens e dos leitores que se identificam com essas histórias e personagens. Águas que seguem um curso implacável de uma realidade onde a poesia, o afeto, as violências, prazeres e dores que permeiam as vivências de mulheres negras e homens negros.

Considero que o termo “escrevivência” tem total aplicabilidade quando tratamos da forma como as narrativas de *Águas que passam não voltam* se apresentam. Por esse motivo escolhi para abertura desse tópico o fragmento de um conto dessa obra. A presente seção, trata da escrevivência, termo cunhado pela autora Conceição Evaristo para sua literatura. Conceição Evaristo, hoje um dos maiores nomes da Literatura afro-brasileira, ganhadora do prêmio Jabuti de Literatura de 2015, na categoria Contos e Crônicas, com o aclamado livro *Olhos D'água*, viveu seus primeiros anos na favela do Pindura Saia, uma comunidade extinta na década de 1970, em Belo Horizonte. A escritora teve sua estreia na literatura no ano de 1990, quando seis de seus poemas foram incluídos no volume 13 da coletânea *Cadernos Negros*.

A autora cunhou um termo para sua literatura, comprometida com as condições enfrentadas pelas mulheres negras em uma sociedade marcada pelo racismo: a escrevivência. As escrevivências nos trazem uma via de mão dupla: é a vida que se escreve na vivência de cada pessoa, assim como cada um escreve o mundo que enfrenta. Segundo Evaristo (2020):

> E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais. Potência de voz, de criação, de engenhosidade que a casa-grande soube escravizar para o deleite de seus filhos. E se a voz de nossas ancestrais tinha rumos e funções demarcadas pela casa-grande, a nossa escrita não. Por isso, afirmo: "a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos". (EVARISTO, 2020, p.30)

Conceição Evaristo nos aponta a perspectiva da existência de um corpus literário específico na Literatura Brasileira que se constituiria como uma produção escrita marcada por uma subjetividade construída, experimentada, vivenciada a partir da condição de homens negros e de mulheres negras na sociedade brasileira (EVARISTO, 2020). A autora em suas declarações públicas sempre enfatiza que, diante das histórias que incomodam, a escrevivência quer justamente provocar essa fala, provocar essa escrita e provocar essa denúncia, e no campo da literatura é essa provocação que vai ser feita da maneira mais poética possível.

Na contemporaneidade, o advento das redes sociais, posteriormente seguido pelas reinvenções geradas pela pandemia da COVID-19, fizeram emergir a escrita de mulheres negras periféricas em várias frentes: movimentos culturais, saraus online, páginas, blogs e publicações coletivas em antologias. Esta última, desde 1977, iniciando com os *Cadernos Negros*, vem sendo uma alternativa de driblar as dificuldades encontradas no mercado editorial para que escritores negros e escritoras negras das periferias publiquem suas obras. No capítulo 3 deste trabalho reforço esse fato a partir da minha própria experiência, com publicação em 13 antologias, que em sua maioria são compostas por autorias negras e também por meio dos relatos de Pedro Machado, Fábio Carvalho, Flávio Braga e Philippe Valentim, sobre suas trajetórias e o mercado editorial.

A publicação *Cadernos Negros* atravessa décadas e, até hoje, contribui de forma fundamental nesse processo de expansão e legitimidade da literatura produzida por pessoas negras no Brasil. Nomes como: Lia Vieira, Conceição Evaristo, Miriam Alves, Cristiane Sobral, Elizandra Souza e Geni Guimarães, fazem parte do grupo de mulheres poetas e escritoras que vêm publicando desde as primeiras edições dos *Cadernos Negros*. Com a publicação de três poemas meus na edição de número 45, aos 45 anos de idade, passo também, com muito orgulho a fazer parte dessa hiistória.

A escrita de Conceição Evaristo traz as pessoas negras no centro da obra, como protagonistas humanizadas, com qualidades, defeitos, livres dos estereotipos e julgamentos imputados a estas pessoas de forma comum, ao longo dos anos. Nessa perspectiva, são poucas as personagens brancas em sua obra e assim como no âmbito da nossa sociedade, são retratadas, construídas e representadas, em lugares e espaços de poder, em algumas obras como no caso do livro *Becos da Memória*, tais personagens são praticamente invisíveis, pois apesar do poder conferido a branquidade, as personagens negras é que estão na centralidade das cenas e tramas (EVARISTO, 2020). O conceito de branquidade diz respeito aos sujeitos que negam a importância do conceito de raça enquanto conceito político, não se abrindo para o diálogo sobre essa importância (PINHEIRO, 2019).

Conceição Evaristo (2020) nos apresenta como marco teórico importante da escrevivência o fato de funcionalizar as narrativas de vivências da comunidade negra, retratando personagens de uma forma única e diferente da forma com que foram construídos e tratados pela Literatura Brasileira, ao longo dos anos. De acordo com Evaristo (2010):

> Um exemplo dessa construção é a imagem que crio de um "marginal" no conto "Ana Davenga". O personagem Davenga é um sujeito humano capaz de uma enorme atrocidade, mas é também capaz de viver uma bela e comovente história de amor. O assaltante do ônibus no conto "Maria", antes de assaltar os passageiros, manda um abraço e um beijo para as crianças. Trago outro tratamento, outra construção para essas personagens negras, assim como outro olhar para uma outra ambiência social negra. No conto "Ana Davenga", a personagem dança, aparece como uma bailarina nua nas culturas ancestrais, aos olhos de Davenga, e a descrição de Ana não a faz parecer, por exemplo, com a Rita Baiana. Ela não é a Gabriela Cravo e Canela; busquei outra forma também de compor o corpo negro. (EVARISTO, 2020, p. 40)

Conceição Evaristo (2020) afirma que não existe inocência em sua escrita, ao contrário, há intencionalidade onde os movimentos das palavras são bem arquitetados, tudo é muito bem pensado a partir de escolhas semânticas relacionadas com o contexto social no qual a autora se movimenta e às suas própria experiências vividas. O autor Pedro Machado na introdução do seu livro de contos *A primeira pedra* nos diz que: "A arte literária é sempre sobre pessoas, suas vivências e convivências" (MACHADO, 2024, n.p.). O autor traz ainda uma perspectiva da literatura negra como se a mesma fosse ao mesmo tempo espelho, janela e sedução. Para Machado (2024) a literatura é espelho da dinâmica das sociedades, que pode refletir tanto a lama que espelhou, como

pode também ser consolador refletindo a beleza e o afeto. Segundo o autor:

> Assim, a literatura surge a nós não só como espelho, mas também como janela e sedução: janela que nos permite ver os horizontes escondidos pelas paredes dos nossos conceitos, quando estamos trancados em nosso quartinho dogmático, sedução da conversa e do contato íntimo com o outro, seja nas palavras à vista de todos, seja no oculto das entrelinhas e segredos que só quem os vive sabe. Sem o conhecimento pela janela aberta à diversidade infinita e sem o compreendimento pela verdade da sedução que nos desnuda o mais íntimo, pouco resta além de correntes que oprimem corpos, assim como atrofiam mentes e sociedades. (MACHADO, 2024, n.p.)

Conceição Evaristo (2020) pensa que: a "Literatura Brasileira está precisando de obras que provoquem a academia para rever até o próprio conceito do que seria literatura. Talvez, a minha obra dê para pensar isso também" (EVARISTO, 2020, p.40). A autora provoca de uma forma única esse pensamento, não somente a partir de suas produções e contribuições acadêmicas, mas também por meio da sua literatura, influenciando e inspirando produções acadêmicas e literárias de autores e autoras que apreciam a sua obra.

Um fator unânime entre os autores Cuti, Assis e Evaristo, que são refererenciais teóricos importantes nesta pesquisa, a partir dos conceitos de literatura afro-brasileira, literatura negro-brasileira e escrevivência, nas três seções que compõem este capítulo, é a importância do grupo Quilombhoje e da publicação *Cadernos Negros* na construção das literaturas produzidas por autorias negras, no passado e na contemporaneidade.

O capítulo 2 desta dissertação trouxe a literatura afro-brasileira, a literatura negro-brasileira e as escrevivências como formas de existências negras, para além dos conceitos que estas representam. No próximo capítulo falaremos sobre as literaturas suburbanas do passado e as da contemporaneidade, articulando com as entrevistas realizadas com quatro escritores negros dos subúrbios do Rio de Janeiro: Pedro Machado, Fábio Carvalho, Flávio Braga e Philippe Valentim. Os conceitos e as representações das temáticas abordadas no capítulo 2 deste trabalho seguirão emergindo no capítulo 3, pois uma das questões abordadas na entevista semi-estruturada com os autores, trata das influências dos conceitos de literatura negro-brasileira, literatura afro-brasileira e escrevivências em suas escritas.

3- Os subúrbios em verso e prosa: literaturas suburbanas dopassado e na contemporaneidade

MANIFESTO DO MUTIRÃO CULTURAL ROLÉ LITERÁRIO

Rolé Literário. Data de nascimento: 27 de setembro de 2019, dia de Cosme & Damião. Seis meses antes da pandemia.

"Consideramos que o Rolé Literário é um Mutirão, e não um simples coletivo. De onde somos, mutirão faz crescer casa no muque, na parceria. É a expressão da mais pura camaradagem. Tem o cansaço da obra mas tem poesia. O balde, que virou massa, depois vira repique de mão. Vem a voz, o violão, a cantoria. Um mocotó ou uma feijoada esquentam o bucho. A cerveja esfria o gogó. Se constrói o lar de um amigo, que também passa a ser nossa casa. Essa é a ideia do Rolé: possibilitar uma morada para a nossa subjetividade. Valorizar nossa capacidade de criar. Para ficar bonito: a nossa poiesis. Libertar nossa escrita. Valorizar nossas memórias, lugares, pessoas, modos de vida e de dizer as coisas. A literatura sacralizada não nos interessa. Nossa literatura bebe cerveja, sai no bloco das piranhas, pede licença aos orixás. Quando nos reunimos no Bar do Papa, na rua Cândida Bastos, número 164, espaço que guarda nosso QG, o Espaço Lítero-Etílico Suburbano, queremos nos permitir (e permitir a outros) a alegria de exercer a criação em mutirão. Libertar corpos (corpus?) e mentes. E, entre uma escrita e outra, levantar uns copos. Por que não? Buscamos a difusão, a promoção, a produção e a divulgação do que se escrevem pelos arrabaldes da Região Metropolitana. É pra colocar nossa literatura na pista, na calçada, na praça e em todo lugar mesmo! Não queremos mais esperar alguém "nos dar a fala". Decidimos pegar o microfone. Aproveitamos, assim, para transformar o Bar do Papa em nosso palco, realizando eventos, sempre promovendo a escrita e a cultura suburbana através de saraus, lançamento de livros, oficinas de escrita e aulas públicas. E quando o bar fica pequeno, a festa vai para a rua, como deve ser. E quando até mesmo Cascadura fica pequena para nosso Rolé, vamos para outros espaços, como feiras literárias e exercitamos as multilinguagens, através de movimentos como o Viradão Suburbano, a

FLIPortela, a LER e o Madureira de Portas Abertas. Ou seja, a encruzilhada que ocupamos no bar nos levou a diversos destinos. Como nos diz o grande Luiz Simas: "encruzilhada não é labirinto", ou seja, não é lugar de estar perdido, sem saída. A encruzilhada é, simbolicamente, um espaço de várias possibilidades. É o lugar do encontro, da diversidade. O núcleo desse mutirão cultural, hoje, é composto por: Philippe Valentim, suburbano de Marechal Hermes, professor, escritor, agitador de bagunças culturais e contador de causos. É idealizador do Rolé Literário e do Viradão Cultural Suburbano. Valentim é aquele tiozão que cria os laços familiares, aglutinador. Seu quintal está sempre aberto para a família e os amigos. No peito muito amor e a medalha de São Jorge. Na mão, o copo com a cerveja gelada. Flavio Braga, vascaíno e portelense, apesar de ser ruim da cabeça e doente do pé. É, também, um dos fundadores do Mutirão Cultural Rolé Literário e do coletivo Engenhos de Histórias. Cria da Piedade e do Encantado. Além de escritor, Flavio também é professor e músico. Um rebelde sem calças - usa bermudas. Flavim é a tenacidade do Rolé. A constância diante das adversidades. É como aquele velho morador do bairro que está sempre a varrer a calçada das folhas mesmo sabendo que a tarefa é ingrata. Fábio Carvalho é um professor que teima em escrever, e teima muito bem. É nascido e criado em um bairro, como ele diz, quase desaparecido chamado Andaraí. Chegou ao Rolé pelo Flavio Braga. No futebol, seu coração bate mais forte pelo Flamengo e, no carnaval, pela Flor da Mina do Andaraí. Fábio é aquele amigo que quer nos levar a todos os rolés possíveis. Mesmo que a gente não possa entrar, é aquele que dá um jeito. Janaina Nascimento é filha de Oxum. É cria de Parada de Lucas e rolezeira desde os bailes funk dos anos 90. Chegou ao Rolé Literário pelo Valentim. Tem um coração flamenguista que se deixa levar pelo rio azul e branco da Portela. É professora nas salas de aula e aprendiz nas ruas da vida. É nossa rezadeira. Sempre nos colocando em contato com o sagrado. Ela cura pelas palavras escritas com a caneta do afeto. Pedro Machado é o caçula. Um jovem misterioso e inteligente. Que os mais velhos acham legal porque não é de bobeira e deixam ele participar dos rolés. Estes somos nós. Esse manifesto é mais do que a materialização de um sonho coletivo, é um dos caminhos que nossa encruzilhada nos proporcionou. Coroa uma trajetória em grupo ainda recente, mas movimentada e cheia de riqueza, mostrando que os subúrbios têm muito a oferecer com tantas pessoas apaixonadas pelas letras e pelo pedaço de chão da cidade onde

vivem. É mais um dos nossos "nós por nós", como sempre foi desde o início do Rolé. É nossa laje construída sobre bases sólidas e inspiradoras. Sob as bênçãos de Lima Barreto, Solano Trindade e Carolina Maria de Jesus, nos reunimos nestas Encruzilhadas Suburbanas!"

Figura 1: Livro *Encruzilhadas Suburbanas* com marcadores de página



Fonte: Acervo Editora Oficina Raquel

O Manifesto do Mutirão Cultural Rolé Literário foi publicado no livro *Encruzilhadas suburbanas*, idealizado por mim, Fábio Carvalho, Flávio Braga e Philippe Valentin, integrantes do Mutirão Cultural Rolé Literário, organizado por Pedro Machado, publicado pela editora Oficina Raquel em 2023.

O Rolé literário é integrado por escritores e escritoras, que também são atuantes no campo da educação e buscam potencializar a lieratura dos subúrbios, a partir de narrativas próprias e livres dos estereótipos propagados ao longo dos anos pela literatura, mídia e audiovisual. A literatura dos subúrbios e periferias, por vezes foi colocada num lugar de inferioridade diante da considerada literatura canônica. De

acordo com o dicionário Michaelis Online, subúrbio significa “região que se segue ao arrabalde e que, embora fora da cidade, pertence à jurisdição dela”, ou “arrabalde ou vizinhança da cidade ou de qualquer povoação”.

Este capítulo trata do conceito de subúrbio do Rio de Janeiro e as manifestações culturais e referências literárias contemporâneas apontando para o papel de escritores negros na construção de novas narrativas e perspectivas. O capítulo também consiste na apresentação dos autores entrevistados e na análise de suas entrevistas. Terei a teórica Rôssi Alves Gonçalves (2008) e os teóricos Nélson da Nóbrega Fernandes (2011) e Rafael Mattoso (2009) comobase para a construção e embasamento deste capítulo. Que será dividido em cinco seções, a primeira tratando dos rolés, teorias e as vozes suburbanas que emergem das encruzilhadas, incluindo o surgimento do Mutirão Cultural Rolé Literário e a minha trajetória literária. As seções seguintes são destinadas a cada um dos entrevistados, contendo tessituras entre as conversas que realizei com Pedro Machado, Fábio Carvalho, Flávio Braga e Philippe Valentim.

3.1 Entre rolés e teorias: as vozes suburbanas que emergem das encruzilhadas que nos guiam

O Babálorisá Rafael Douraddo de Ògún em uma conversa que tivemos em 2023, às vésperas do lançamento do livro *Encruzilhadas suburbanas,* definiu a encruzilhada como um portal: “é poder de realização e oportunidade de novas escolhas”. Ainda segundo o professor e Babálorisá: “É onde está Exu, as grandes mães ancestrais, toda a nossa gênese, Egugun e toda a ancestralidade”.

Pedro Machado (2023) um dos autores entrevistados nesta pesquisa faz uma correlação dos subúrbios com as encruzilhadas na apresentação do livro *Encruzilhadas Suburbanas:*

> Os caminhos chegam na encruzilhada ou começam nela? Os subúrbios são encruzilhadas, tanto pelos encontros que permitem, quanto por serem pontos seminais de cultura. Como pensar a cultura sem pensar os subúrbios so Rio? Para não dizer do samba, do funk, do pagode, das festas, como não lembrar da defesa que Lima barreto fazia dos subúrbios, como não atentar para o fato de que Cruz e Sousa quando esteve no Rio foi morar no subúrbio, que Solano Trindade foi morar na Baixada Fluminense. Cada subúrbio é uma encruzilhada de gentes e culturas. (MACHADO, 2023, p.7)

Rafael Mattoso (2009) nos traz o questionamento da aceitação da sociedade sobre a lógica do senso comum, que apresenta os subúrbios como lugares sem importância cultural, histórica e sem beleza, em uma atitude que denomina e menospreza territórios importantes da cidade do Rio de Janeiro. Mattoso (2009) diz que:

> Quando utilizamos jocosamente a palavra subúrbio estamos cometendo erro de ignorar a complexidade de seu significado histórico, sem compreender que a idéia de subúrbio nasce junto ao próprio processo de inteligibilidade da cidade, ao mesmo tempo da própria concepção da urbe. (MATTOSO, 2009, p.25)

O autor Fernandes (2011) em sua obra *O rapto ideológico da categoria subúrbio* nos apresenta o conceito da categoria subúrbio no capítulo nomeado " O Conceito carioca de subúrbio". Segundo o autor:

> O sentido essencial, original e geral da categoria subúrbio reside no fato de representar um espaço geográfico situado à margem, nas bordas, na periferia, localizado extra muros da cidade. Um espaço produzido junto à cidade e tão antigo quanto ela, mas que, por sua localização geográfica, tipo e forma de uso, não se confunde nem com a paisagem nem com o espaço considerado urbano. Outra característica presente na categoria subúrbio é ser um espaço subordinado à cidade, em termos jurídicos, políticos, economicos e culturais , embora isto nem sempre possa ser traduzido em desprestígio social... (FERNANDES, 2011, p. 34)

Mattoso (2009) aponta para o movimento que ao longo dos anos expulsou as pessoas pobres das zonas centrais da cidade. Tais camadas pobres não possuiam opções de novas moradias para além das áreas suburbanas, essa movimentação também deu origem às primeiras favelas. Figuras políticas como Barata Ribeiro e Pereira Passos foram simbólicas nesse processo que estigmatizou as populações desses locais, além de gradativamente segregá-las política e socialmente

Rôssi Alves Gonçalves (2008) nos faz pensar nos subúrbios para além da questão do espaço geográfico, relacionando as diferenças sociais e ausências de políticas públicas com esses espaços. Segundo a autora:

> Por sub-urbanidade deve-se entender aquilo que está abaixo do urbano, do visível, do que é cidadão. É o que não é urbano. A sub-urbanidade não está restrita ao subúrbio, às cercanias, uma vez que é possível encontrar sub-urbanidade em diferentes regiões das cidades. Sobretudo no Rio de Janeiro, é nos subúrbios que se encontra o maior número de não-cidadãos, de indivíduos não visíveis e sem direitos políticos respeitados, mas na zona sul, área nobre ocupada por favelas e morros, há uma enorme quantidade de sub-urbanos. Por isso, não deve ser definida apenas com relação ao espaço geográfico. A sub-urbanidade é, também, um modo de vida que não é

> escolhido e do qual é difícil escapar. (GONÇALVES, 2008, p.1)

Gonçalves (2008) teoriza sobre as representações literárias no contexto dos subúrbio e sobre as escritas que emergiram no fim de século passado, com um olhar sobre as ditas margens. A autora cita o jornalista Zuenir Ventura e a obra *Cidade partida*, como o demarcador para o início de uma legitimação das narrativas periféricas, que cresceram ao longo dos anos, inicialmente denominada como produção marginal.

A partir deste contexto, ainda segundo a autora, os escritores do subúrbio ganharam nuances para além das profissionais: "O autor sub-urbano ganhou, por isso, um status de autor da periferia e voz que busca não somente o reconhecimento profissional, mas, também, divulgar uma identidade outra, diversa daquelas apresentadas pela voz dos de fora" (GONÇALVES, 2008, p. 2).

Segundo Gonçalves (2011):

> Cinema, música, teatro e literatura são formas artísticas que, mesmo timidamente, têm se reciclado, no embalo de uma nova tendência que pode ser definida como "deixa o excluído falar". Sobretudo no campo literário, percebe-se uma enorme transformação: o personagem de antes tomou o lugar do autor. Agora, é ele quem decide como será o enredo, quais serão os personagens e o que merece ser revelado. Ao autor – canônico – coube, apenas, aceitar e se refugiar noutras áreas menos violentas, menos perigosas. Quem manda agora é o personagem cansado de ser expectador da sua história. Se é o mundo cão que interessa, então que ele seja narrado o mais fidedignamente possível. Que falem os favelados, os funkeiros, "os sem cultura", os sem reconhecimento! (GONÇALVES, 2011, p. 179)

Para falar de literaturas negras suburbanas da contemporaneidade, não posso deixar de contar sobre o surgimento do Mutirão Cultural Rolé Literário e de trazer um pouco da minha trajetória. Começo pela história do Rolé Literário, mutirão cultural que vi nascer e que tenho a honra de fazer parte desde 2021.

Surgido em 2019, o Mutirão Cultural Rolé Literário é um movimento de escritores e escritoras das periferias e dos subúrbios que tem como proposta central reunir em espaços não formais e costumeiros a literatura, fazedores e entusiastas. Dessa maneira surge o movimento, como espaço de, e para, encontros entre amantes da literatura, com construções narrativas perpassadas pelos subúrbios do Rio de Janeiro. O mentor intelectual e criador do nome do mutirão foi o escritor Andre Costa Pereira, falecido em novembro de 2024. Nas palavras de Valentim (2024) "Nunca houve como

ficar sério perto do André. E não vai ter como só sentir dor pensando nele. Se há um lugar chamado Rolé Literário é porque fomos passageiros desse contador de histórias".

Democratização, encontro e circularidade literária são os eixos que compõem o Rolé Literário, que desde 2019 realiza encontros e oficinas entre escritoras e escritores no Bar do Papa, localizado na rua Cândida Bastos em Cascadura, na zona norte, subúrbio do Rio de Janeiro. A partir da experiência de ocupação, em dezembro de 2020 é proposto um sistema de parceria com o bar, com a criação do Espaço Literoetílico Suburbano, voltado para a venda de livros, eventos, saraus, oficinas e outras intervenções artísticas e ligadas a identidade suburbana, de forma permanente.

Em junho de 2019 surgiu a "Resenha de Escritores", um encontro que reúne escritoras e escritores dos subúrbios do Rio de Janeiro, sob a finalidade de trocar ideias acerca da cena literária, mercado editorial e formação de público leitor. O encontro se direciona também ao público em geral, levando a convergência entre leitor e escritor, a partir do uso de um espaço não tradicional a literatura - um bar, O Bar do Papa, em Cascadura. A Resenha de escritores funciona a partir do tripé informalidade, "desenrolo" e literatura, buscando, sobretudo, construir um ecossistema literário suburbano.

Em 2020, o Rolé Literário deu início a realização e organização de aulas públicas, com temas que envolvem o subúrbio, seu cotidiano e suas manifestações culturais. A primeira contou com o Professor Dr. Luiz Rufino, já trazendo a principal característica das aulas públicas que o Rolé Literário promove: a popularização do conhecimento e/ou o encruzo de saberes acadêmicos e os "da rua". A proposta dessas aulas é, principalmente, consolidar a construção do conhecimento coletivo e popular a partir do território sagrado do bar, bem no coração do subúrbio, em Cascadura.

Inaugurado em novembro de 2021 graças a uma campanha de financiamento coletivo, o Espaço Literoetílico Suburbano é um espaço dentro do Bar do Papa de exibição e venda de livros de autores suburbanos e/ou de temas ligados aos subúrbios cariocas. Partindo desta proposta, o Espaço também recebe frequentemente lançamentos de livros. Além disso, são promovidos no local eventos com outros parceiros ligados a literatura e a cultura em geral, como o Sarau Literoetílico Suburbano — sarau do Rolé Literário que desde 2023 possui a curadoria do escritor Renato Preto Basquiat, que a partir de 2024 também se tornou um membro do mutirão cultural—, Sarau Vingando

Ismênia, a Liga Mítica de Futebol de Botão, vendas de discos de vinil, dentre outros.

A primeira experiência de grande alcance do Rolé Literário foi a curadoria, produção e execução do "Quintal Literário", no Viradão Cultural Suburbano, festival multilinguagem realizado a partir da junção de diversos agentes, coletivos e fazedores de cultura dos subúrbios carioca. Em quatro edições o "Quintal Literário" recebeu debates sobre a cidade partindo da perspectiva suburbana, com lançamentos de livros, mesas, rodas de conversa e saraus e contou também com a presença de editoras e livreiros.

Além da curadoria do "Quintal Literário" do Viradão Suburbano, o movimento acumula experiência em outros eventos literários e culturais, seja como organizador, colaborador ou participando de rodas de conversa, mesas, saraus ou lançando livros de autores do movimento, como por exemplo a FliPortela, Bienal do Livro do Rio de Janeiro, Ler festival do Leitor, Samba do Capitu, Festival Somos Todas Marias, 21 Dias de ativismo contra o racismo, FliRena, FLIM, Encontro Nacional da Periferia Brasileira de Letras, Burburinho em Casca, FLIS (Feira Literária dos Subúrbios), Sarau Vingando Ismênia no Parque das Ruínas, dentre outros eventos.

Em 2022, o mutirão ganhou o edital Madureira de Portas abertas, uma iniciativa da Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro, através do Zonas de Cultura, com a Federação de Teatro Associativo do Estado do Rio de Janeiro (Fetaerj). Em maio de 2023 o Rolé Literário passou a integrar a Periferia Brasileira de Letras (PBL). De acordo com o site da instituição fazem parte da PBL: rodas de slam, bibliotecas comunitárias, editoras independentes, saraus poéticos, residências literárias, rodas de leitura, teatro de rua e festivais literários; pois entende-se que as muitas formas de se organizar — e mobilizar pessoas — com a palavra poética levam para um mesmo sentido político: a ampliação da democracia dentro das favelas, vilas, comunidades e quebradas brasileiras; e, finalmente, dialoga com a proposição de Antônio Cândido, da defesa da literatura como um direito humano.

Dois conceitos são centrais para a atuação da Periferia Brasileira de Letras: a Promoção da Saúde e a Promoção da Literatura. Com o primeiro foi possível à Cooperação Social da Fiocruz identificar que, através das experiências culturais, em especial as literárias, para além do diagnóstico sobre iniquidades sociais, residem nas favelas brasileiras os mais instigantes e inovadores modelos de formação crítica e

cidadã da população local e que isto é intersetorialidade, uma abordagem da Promoção da Saúde que se refere à articulação de diferentes setores da sociedade para tratar um determinado problema ou questão de forma conjunta e integrada. A Promoção da Literatura se materializa no reconhecimento de que a criação literária é fenômeno estimulador de identidades culturais, pois diante de um mundo desigual tanto uma obra literária pode provocar perspectivas insurgentes sobre o status quo, quanto pode propiciar amálgama de novas ideias, forjando pertenças sociais.

Após a apresentação do Rolé Literário, retomo para a minha trajetória que comecei a contar a partir da introdução desta dissertação trazendo algumas memórias desde a minha infância em Parada de Lucas até a minha chegada na universidade, passando pelo trabalho com os jovens, de onde surgiu, inclusive, a motivação para esta pesquisa. Após a realização das graduações, fiz um MBA com ênfase em gestão de pessoas e cursei duas pós-graduações na modalidade Lato Sensu, uma em Docência do Ensino Superior e a outra em Ensino de História da África, especialização realizada pela primeira vez em uma instituição federal, o Colégio Pedro II. O trabalho de campo da pesquisa realizada para o trabalho final da especialização, foi feito junto aos jovens aprendizes do CIEE. Nesse momento retomo essa trajetória trazendo os caminhos literários que iniciei em meados de 2020, durante o primeiro ano da pandemia da COVID-19.

Em junho de 2020, por conta da crise financeira agravada pela pandemia da COVID-19, quase todo corpo pedagógico da empresa do terceiro setor em que eu trabalhava foi desligado. Um trabalho que significava muito para mim, que marcou o inicio da minha transição de carreira, inclusive, a motivação para a presente pesquisa surge a partir da minha prática pedagógica neste local.

Eu precisava me reinventar, algumas pessoas do meu círculo de amigos e de relacionamentos elogiavam a minha escrita, também tinha, como relatei anteriormente, contato próximo com alguns escritores e escritoras. Após muita insistência e apoio de uma pessoa próxima, comecei um mergulho interior e a publicar alguns textos, crônicas e posteriormente poesias na minha página do Instagram, mudei o nome da mesma para “Escrevivências da Alma” em uma evidente homenagem à grande e inspiradora escritora Conceição Evaristo.

Para além de divulgar a minha escrita na página eu também criei séries como

“Literatura e Pertencimento” que trazia autorias negras com biografia e escritos, “Doc e Memória”, com resenhas de documentários que abordam pautas negras, a Live “Resenha de Segunda”, sempre com convidados e convidadas e assuntos de interesse para a população negra e o “Dicas com pertencimento”, com dicas de livros de autores e autoras negras. Hoje adoto o nome “Janaína Nascimento Escritora” nesta página, que segue sendo utilizada para divulgação de escrita, eventos culturais, oficinas e outras atividades que realizo.

Posteriomente comecei a escrever com mais frequência, me aprimorar em novos gêneros, a realizar também estudos na área por meio de cursos e oficinas com pessoas que admiro como Kiusam de Oliveira, em escritas antirracistas infanto-juvenis, Cristiane Sobral na parte dramatúrgica, dentre outras. Também iniciei a participação em lives, saraus online, conhecendo mais pessoas de forma virtual, do campo da literatura e das artes, em um movimento de aquilombamento. Em meio ao caos provocado pela pandemia de COVID-19, criamos um movimento que ao mesmo tempo em que promoveu cura para nossos leitores, também nos autocuramos por meio da escrita.

Na minha primeira participação em um sarau online, o Sarau Estação 67, com a temática Poesia Preta, um sarau promovido pelo Instituto Territórios Diversos, disponível no Youtube, tive a alegria e responsabiilidade de ser mediada pela talentosa Elizabeth Manja e estar entre autores e autoras que admiro como Ana Cruz, Dóris Barros, Sérgio Alves e o Éle Semog, que organizou um dos meus livros de poesia preferidos, a antologia poética *Amor e outras revoluções* (2019), do Grupo Negrícia, publicado pela editora Malê. Um livro que conta para além de Semog com autores e autoras como Conceição Evaristo, Lawa, Deley de Acari, Hélio, Siqueira, Elisa Lucinda, Salgado Maranhão, Ana Cruz, Luís Turiba, Amélia Alves, Lia Vieira, Vivande B. Filho, Jurema Araújo e Cizinho Afreeka.

O Negrícia Poesia e Arte de Crioulo foi fundado em 1982, no Rio de Janeiro, um movimento contemporâneo ao Quilombhoje em São Paulo, ao Palmares no Rio Grande do Sul e ao GENS em solo baiano. Movimentos que reinvindicavam o direito a escrita, se faziam presentes e foram fundamentais na construção literária que nomeia este capítulo e na abertura de caminhos para que pessoas como eu, hoje possam se autodenominar escritores, escritoras e publicar seus escritos. Neste ano de 2024 recebi com alegria o convite da Elizabeth Manja para estar pessoalmente no Sarau Estação 67

e para participar do livro de poesias *Estação 67 Poéticas do Oeste Carioca.*

Em meio ao desemprego, ocasionado na pandemia, também consegui realizar trabalhos relacionados à escrita, como relatorias, assessorias, entre outros. Destaco dentre eles o convite do FONSANPOTMA (Fórum Nacional de Segurança Alimentar dos Povos Tradicionais de Matriz Africana) para a relatoria poética realizada em 2021 nos encontros para elaboração do roteiro do documentário *A boca que tudo come,* lançado em 2024, em uma experiência colaborativa entre o FONSANPOTMA e a Fundação Oswaldo Cruz. Os poemas elaborados e recitados por mim nos encontros compoem a publicação *Caderno de Experiência de Pesquisa em Documentário: O alimento de diversos mundos: Um diálogo entre os povos tradicionais de matriz africana e a saúde coletiva*, disponível no site da Fiocruz.

Em 2021 a partir dessas articulações, conheci a escritora Rosana Rodriguez que organiza o Sarau online *Que toda palavra, dita ou escrita, seja amor!*, e publiquei três poesias no volume um da antologia organizada por ela, com o mesmo nome, a partir daí surgiram outros convites e concursos para participações em antologias como: *Sintonia Cultural* (2021), *Que toda palavra, dita ou escrita, seja amor* -Volume 2 (2021), *Nossas linhas negras na pandemia* (2021), *Vozes da margem, vozes na margem-narrativas fora de centro* (2021), *Literatura negra feminina – poemas de sobre(vivências)* (2021) E-book *Projeto Sesc Mulheres plurais - Laboratório de narrativas femininas* (o E-book foi lançado em 2022 e neste mesmo ano foi lançado um documentário do qual participei. Na Festa Literária Internacional de Paraty – a FLIP 2024 – foi lançada a obra física), *Prêmio Conceição Evaristo de literatura da mulher negra – Coletânea de poesias* (2022), *Encruzilhadas suburbanas* (2023), *Cadernos Negros - Volume 45* (2024), *Cartas para Azoilda* (2024), *Prêmio Conceição Evaristo de literatura da mulher negra – Coletânea de poesias* Volume 2 (2024), *Estação 67 Poéticas do Oeste Carioca* (2024).

Em 2022 lancei meu livro de contos solo, *Águas que passam não voltam* e organizei duas antologias em parceria com o escritor Pedro Machado: *Sentindo na pele – narrativas em afroperspectiva* e *A Poética da Resistência*. O livro *Sentindo na pele – narrativas em afroperspectiva conta com* a participação do filósofo e escritor Renato Noguera e com a primeira publicação de um texto literário escrito por ele. Escrevi paratextos para a orelha dos livros *Introdução às literaturas africanas de língua*

portuguesa (2021), *Que toda palavra, dita ou escrita, seja amor – Contos de amor preto* (2023) e o prefácio do livro *Nossas Linhas Negras na Pandemia* (2021).

Em 2023 ministrei um ciclo de oficinas de escrita criativa, com base na obra de Carolina Maria de Jesus, nas Casas da Mulher Carioca, a convite da Secretaria Municipal da Mulher do município do Rio de Janeiro, os escritos produzidos pelas mulheres nos encontros comigo e nos encontros ministrados pela escritora Elaine Marcelina deram origem ao livro *Diário da Esperança* lançado na Bienal do Livro do Rio de Janeiro em 2023. Tenho dois livros infanto-juvenis prontos, estou finalizando mais um infanto-juvenil e tenho projetos para serem desenvolvidos em 2025.

A literatura também me abriu possibilidades como articuladora cultural, oficineira de escrita, palestrante, dentre outras, como a atuação como curadora do quintal literário do Viradão Suburbano, ser membra do Mutirão Cultural Rolé Literário atuando na organização de eventos, aulas públicas, saraus, participação em editais, criação, atuação na elaboração de roteiros dos apresentadores do Top Cufa 2022, mediação de mesas, intervenções literárias e palestras pelo Sesc-RJ, dentre outras ações.

Além disso, sou organizadora e cocriadora do do Sarau Vingando Ismênia, um sarau com protagonismo negro feminino que em um de seus eventos lotou o teatro Ruth de Souza (o primeiro do Brasil a ter o nome de uma personalidade negra), em Santa Tereza, no Rio de Janeiro. Eu e meus parceiros e parceiras dos coletivos em que atuo, já concedemos entrevistas para jornais, tivemos aparições e concedemos entrevistas para a tv, em um movimento de pessoas negras que são notícia não pela violência, com destaque em páginas policiais e sim por meio da arte e da literatura. Costumo dizer que a literatura negra me levou a lugares onde a menina Janaína da infância, que gostava tanto de ler, jamais imaginaria estar.

Na segunda etapa da pesquisa, após identificar escritores negros e escritoras negras dos subúrbios do Rio de Janeiro, realizei a pesquisa de campo entrevistando nove pessoas: Pedro Machado, Fábio Carvalho, Flávio Braga, Philippe Valentim, Renato Preto Basquiat, Fabbi Silva, Paula Ferraz, Taís Espírito Santo, Alberto Flisgo, todos e todas com contribuições fundamentais para a literatura negra dos subúrbios na contemporaneidade. Para o presente trabalho, trarei quatro destes autores: Pedro Machado, Fábio Carvalho, Flávio Braga e Philippe Valentim. A justificativa para escolha destes autores está relacionada ao fato dos escritores de alguma forma estarem

ligados ao Mutirão Cultural Rolé Literário, o qual abordo sua criação e trajetória na seção 3.1 do capítulo 3 deste trabalho. Futuramente, após o encerramento das pesquisas desta dissertação, avançarei nas pesquisas sobre a temática e escreverei artigos trazendo as personagens das outras entrevistas realizadas.

As conversas aconteceram de forma presencial e online, através de entrevistas semiestruturadas (MANZINI, 2004), onde segui um roteiro com temáticas previamente estabelecidas, combinando com fatos espontâneos, que surgiram ao longo dessas conversas. Essa metodologia propiciou maior interação e espontaneidade junto aos autores entrevistados, colaborando com a fluidez e para que sejam os verdadeiros protagonistas e sujeitos desta pesquisa.

As entrevistas foram a metodologia principal na condução deste trabalho e para uma compreensão das realidades nas quais os escritores entrevistados estão inseridos. As temáticas abordadas com os escritores foram organizadas da seguinte forma:

- Apresentação, local em que cresceram. Trajetória contada desde a infância, até a vida acadêmica, acesso a leitura na infância, reconhecimento de si próprios nessas histórias.
- Influências e contato com escritores negros nesse processo, como foi, qual o peso disso para chegar até aqui.
- O lugar de onde vêm, como os subúrbios inspiram e influenciam as escritas.
- Os entrevistados como escritores: produções , papel das redes sociais, mercado editorial, entre outros.
- Influências dos conceitos de literatura negro-brasileira, literatura afro-brasileira e escrevivências em suas escritas.
- Pertencimento - O que é pertencimento em suas concepções?
- O que almejam alcançar como escritores daqui para frente e o que querem deixar de legado.

Nas seções a seguir traremos os relatos dos autores entrevistados de forma integral, com trechos intercalados, estabelecendo diálogos com outros autores e autoras e tessituras com observações minhas. Cada sessão se inicia com um texto autoral do escritor, seguido das suas biografias e os trechos das entrevistas na sequência. Os textos dos autores e os seus relatos estão em trazer fotos de cada um dos escritores negros

entrevistados. É muito importante trazer os rostos desses autores, em um contexto social e estrutural onde por muito tempo autores negros foram invisibilizados, embranquecidos e apagados historicamente. itálico, para facilitar a visualização do leitor. Cabe ressaltar a minha intencionalidade ao

3.2 Pedro Machado

"Enquanto Janaína partia desolada, Sebastião terminava o embolso com os ajudantes. Passou água de leve para tirar a massa da pele, falou que os ajudantes podiam ir. Olhou com orgulho o embolso perfeito, guardou em silêncio, mais uma vez, a sua raiva crescente da arrogância do dono da obra, e saiu.

Solitário saiu do trabalho. Solitário andou cansado pela avenida movimentada. Solitário chegou à Central do Brasil, repleta, e solitário se espremeu de pé no vagão do trem com outros duzentos solitários.

Debaixo da pele negra, como a da maioria espremida, a carne cansada e os ossos doloridos eram anestesiados pelos pensamentos em Janaína. Mas a saga era a mesma de sempre: descansar para poder dormir e dormir para estar descansado para voltar cedo amanhã, em ciclo sem fim, que nunca se quebra. Porque ele nasceu e já era assim, para seu pai foi assim, para seu avô foi assim... na incontável cadeia de gerações com seus mil tormentos nesta terra. Ah, por mais quanto tempo, por mais quantos séculos terá de esperar o descanso e a volta ao lar?"

Texto de Pedro Machado, da terceira das quatro seções do conto "O Dia de Janaína e Sebastião", que compõe a coletânea *Encruzilhadas suburbanas*.

Figura 2: Escritor Pedro Machado



Fonte: Acervo pessoal de Pedro Machado

Pedro Machado é escritor e professor (SME-RJ). Nascido e criado na favela Vila Operária em Duque de Caxias, na Baixada Fluminense. É mestre em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa pela UFRJ. Integrou as publicações *Cadernos negros* 43, 44 e 45. É autor da obra *Introdução às Literaturas Africanas – A Literatura nos países africanos de Língua Portuguesa*, do livro de contos *Desnudo* (Alpheratz) e do livro *A primeira pedra* da editora Malê.

Pela mesma casa editorial, organizou, juntamente comigo, as obras *A poética da resistência* e *Sentindo na pele: narrativas em afroperspectiva*, esta última com participação do filósofo Renato Noguera. É o organizador e um dos autores da obra *Encruzilhadas suburbanas*, reunião de contos idealizada pelo Mutirão Cultural Rolé Literário, do qual faço parte e publicada pela Editora Oficina Raquel.

Pedro acredita na literatura como arte de afeto, desnudamento, verdade, sedução, justiça e leitura atenta das pessoas e de sua sociedade. A arte literária pode ser um instrumento na luta contra opressões de todo tipo e um campo fértil para a luta pela liberdade de ser o que se é. Nas suas palavras: “Compreendo a Literatura como um espelho da condição humana. Não como deveríamos ser, mas como somos. Minha Literatura é sobre gente. Seus prazeres, suas dores, suas vivências e suas múltiplas

sabedorias.”

Pedro foi o único escritor que nesse processo de pesquisa entrevistei de forma presencial. Conversamos em um fim de tarde do mês de maio, em uma parte bem tranquila do Shopping da Unigranrio, geralmente frequentado pelos estudantes da Universidade Unigranrio, em Duque de Caxias, município onde residimos.

Conversamos ao longo de três a quatro horas sobre as temáticas levadas a partir do processo de entrevista semiestruturada, onde organizei os eixos, deixando o entrevistado à vontade para responder sobre as questões, incluindo outros elementos que julgava pertinentes.

Conheci o escritor Pedro Machado no início do ano de 2021, em meio a pandemia quando o mesmo organizava a Antologia *Vozes na margem, vozes da margem: narrativas fora de centro*, onde publiquei meus dois primeiros contos. De lá para cá realizamos algumas parcerias literárias e culturais, organizamos dois livros, ele organizou a antologia do Rolé Literário, idealizada por mim e pelos outros membros, e estivemos juntos em algumas publicações, como a edição 45 dos *Cadernos negros*.

Seguem abaixo fragmentos da entrevista com o escritor Pedro Machado:

“Meu nome é Pedro Machado, sou nascido e criado na favela da Vila Operária, em Duque de Caxias. Como foi minha trajetória na escrita? Eu comecei com uma escrita que tinha influências do romantismo brasileiro e influências europeias. Principalmente da literatura alemã, eu me amarrava em literatura alemã. Ainda tenho muito apreço por Goethe, Hoelderlin e Nietzche, por exemplo. Também me identificava muito com a filosofia alemã. Então eu comecei a ler esses autores e tentar imitá-los na minha escrita, numa escrita que, na verdade, tinha um conteúdo mais confessional, mais emocional. Durante todo o meu percurso na academia foi assim.

O único escritor negro a que eu tive acesso, sabendo que ele era negro, foi Cruz de Sousa. É um dos meus poetas favoritos e tem grande influência até hoje sobre a minha obra. Eu escrevia desde os 13, 14 anos, mas só fui publicar em 2020. Entre 2020 e 2022, eu publiquei algumas obras que não tiveram tanta repercussão por vários fatores. Algumas delas eu escreveria bem diferente com a maior experiência e a visão mais ampla de mundo que tenho hoje”.

A fala de Pedro Machado sobre a falta de acesso a escritas negras na infância e juventude demonstra o apagamento de autores negros e o embranquecimento de outros,

pontos ressaltados anteriormente no capítulo 1 desta pesquisa. Juliana Aguiar (2020) em publicação no jornal Diário de Pernambuco aponta que:

> A sociedade brasileira decidiu embranquecer Machado de Assis. Deixaram com que os clássicos perdurassem, mas não se conhecia a imagem do autor enquanto homem negro. Em uma época em que, aos negros, eram destinados os trabalhos braçais, muitos autores como Machado pereceram. Maria Firmina foi esquecida. Lima Barreto só teve suas obras de denúncia conhecidas depois de morto (AGUIAR, 2020, online).

Seguindo com a entrevista, Pedro Machado diz que:

"A minha primeira publicação de fôlego no sentido de alcançar um público maior foi, na verdade, uma antologia que eu organizei, Encruzilhadas suburbanas, onde eu tenho também um conto. De 2020 pra cá, eu tive maior influência de autores negros, principalmente os africanos. Eu tenho mestrado em Literaturas africanas de Língua Portuguesa. Autores como Noêmia de Sousa, Agostinho Neto, Paulina Chiziane me influenciaram na escrita de alguns dos meus contos, assim como Conceição Evaristo e Eliana Alves Cruz, são muitos e de diversos povos os autores que me influenciaram no meu percurso".

Em entrevista concedida a Cristian Sales para Coluna Levantes Literários, Cuti salienta o fato da literatura ser uma forma de se fazer presente, reagindo contra as duras formas de apagamento existentes na sociedade. Cuti ainda nos diz que: "em um país com tão poucos leitores de literatura, produzi-la é algo fascinante, e escrever com a melanina interior de nossas vivências é uma experiência que até nos remete a certa transcendência".

Em seu relato, o escritor Pedro Machado traz a importância do contato e aprendizados nas construções coletivas que realizou com o Mutirão Cultural Rolé Literário, e da dimensão da espiritualidade nas escritas periféricas:

"O contato com o Rolé Literário também me deu uma nova visão sobre os subúrbios, inclusive com a dimensão da espiritualidade afro-brasileira. Eu estou para lançar pela editora Malê, este ano ainda, o Primeira pedra, um livro de contos que trata de vivências negras no recorte evangélico. Que também faz de certa forma, uma ligação com a espiritualidade afro-brasileira. Porque tem a questão da ancestralidade, mesmo no contexto cristão, ainda há aí uma ancestralidade latente. Mas, não são histórias "para ninar a casa grande", são para colocar o dedo na ferida dessas

instituições, para incomodar, até porque as instituições cristãs que temos aqui no Brasil, boa parte delas tem base europeia, então se a gente for pensar um cristianismo a partir de valores africanos, algumas questões institucionais, doutrinárias, já mudam de figura. A própria relação com o corpo, a relação com a sexualidade, já mudam".

Figura 3: Pedro Machado com integrantes do Mutirão Cultural Rolé Literário, no lançamento do livro *Encruzilhadas suburbanas*.



Fonte: Acervo da Editora Oficina Raquel

"Então, na verdade, um cristianismo com influência africana não necessariamente combinaria com as instituições que nós temos hoje, com as igrejas que nós temos hoje e as doutrinas e teologias que elas divulgam. Mas o meu livro de contos Primeira Pedra não é apenas um livro sobre negros evangélicos ou para negros evangélicos, é um livro sobre o ser humano, sobre suas paixões, dores, opressões e libertações. É um livro para todos, apenas deixo bem delineado o contexto sócio-cultural em que os personagens vivem. Um ser humano só pode ser estudado e, muito mais importante que isso, compreendido afetivamente, no contexto social, no espaço e no tempo em que está".

A fé e a espiritualidade se mantêm presentes de uma forma diversa no contexto

das lietaraturas negras e periféricas. Conceição Evaristo (2020) traça um contraponto entre a escrita narcísica e a escrevivência, trazendo a espiritualidade afroreferenciada. Segundo Evaristo:

> Afirmo que a Escrevivência não é uma escrita narcísica, pois não é uma escrita de si, que se limita a uma história de um eu sozinho, que se perde na solidão de Narciso. A Escrevivência é uma escrita que não se contempla nas águas de Narciso, pois o espelho de Narciso não reflete o nosso rosto. E nem ouvimos o eco de nossa fala, pois Narciso é surdo às nossas vozes. O nosso espelho é o de Oxum e de Iemanjá. Nos apropriamos dos abebés das narrativas míticas africanas para construirmos os nossos aparatos teóricos para uma compreensão mais profunda de nossos textos. (EVARISTO, 2020, p.38)

Pedro Machado, nos traz a questão do contato com os livros e leitura na infância, ligados à religiosidade:

"Na minha infância, o meu contato com os livros era mais ligado à religião. Fui criado numa família evangélica, então os poemas que eu lia eram salmos e os contos as histórias da Bíblia. Meu contato com uma arte fora da religião era com o meu tio Luizinho, Jorge Luís, que é músico, foi ele que me apresentou a música clássica e tudo mais. Uma das maiores descobertas da vida que ele me proporcionou foi da música de Bach. Eu só fui conhecer a literatura mesmo, fora desse meio, na escola, no Ensino Médio.

Dois professores, José Luiz, de Filosofia, e Leandro Junqueira, de Literatura, foram determinantes nesse percurso. Lembro que eu ficava lendo os poemas e textos literários dos textos didáticos e muitas vezes conversava, principalmente com o Leandro, sobre questões da vida que apareciam ali. Obviamente, meu entendimento sobre algumas dessas questões era limitado, por conta ainda da pouca experiência de vida, mas ali na minha adolescência as sementes foram plantadas. Foi ali que eu fui conhecer o Cruz e Souza".

A literatura produzida por autores e autoras negras sempre carregou em seu DNA uma essência política, mas ao longo do anos suas obras, foram colocadas à margem da dita literatura tradicional ou canônica, deixando de lado nomes importantes como Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus, Cruz e Souza e Lima Barreto e embranquecendo outros, como no caso de Machado de Assis.

De acordo com Pedro Machado:

"Eu tive contato com Machado de Assis, mas não na perspectiva de um autor

negro e também não era ainda um leitor de Lima Barreto. Quando eu fui para a faculdade, também não ajudou com a questão de referências negras. Na infância eu não tive, foi só literatura religiosa mesmo. O meu tio que me influenciou é um homem negro, né? Aos três anos. Eu ia à casa dele, ouvia lá os CDs dele, ele tocava violão também. Eu ouvia aquelas músicas evangélicas dos anos 80 nas fitas K7, Grupo Logos, Conjunto Sonoros, Grupo Elo, entre outros. Isso também influiu na minha sensibilidade. Isso além das músicas de Bach, Mozart, Handel e Beethoven que me apresentou. Então, é esse contato que eu tinha com a arte, quando eu era pequeno.

Eu só fui sentir que alguma coisa dos livros tinha a ver comigo, primeiramente com uma obra do romantismo alemão. Foi Os sofrimentos do jovem Werther de Goethe mas numa perspectiva puramente sentimental, porque o Werther é um cara que não teve um relacionamento correspondido. Ele sente isso como se fosse o mundo massacrando ele e no final ele acaba se matando. Então, ali o que eu senti não foi vontade de me matar. Mas o que eu senti ali foi que pela primeira vez eu vi alguém como eu que também se sentia isolado, não sentia pertencente ao mundo.

Os meios que eu frequentava eram meios que as pessoas não tinham as mesmas questões que eu, era um meio com uma cultura muito eurocêntrica. Hoje eu consigo ver isso, na época achava que eram outros motivos. Eu só fui encontrar uma literatura mesmo que eu me identificasse 100% quando no ensino médio eu encontrei o Cruz e Souza. Nos livros didáticos de antigamente geralmente sempre tinha o mesmo poema dele, "O Assinalado". Esse poema me passava a imagem do poeta como quem de certa forma é solitário porque vê aquilo que os outros não veem. Mas, mesmo essa solidão, mesmo esse sofrimento dele, contribuiu para que ele construa coisas belas, faz com que ele construa algo que nenhum outro pode construir. Então eu me identifiquei com isso, mesmo sem ter letramento racial na época, foi o poeta com quem eu me identifiquei.

Quando eu entrei na faculdade de Letras, meio que isso se apagou. Porque aí eu fui conhecer literatura francesa, inglesa... Que foi bom né? Ótimo, porque é bom ter mais referências literárias. Eu tive acesso às Literaturas Africanas, mas era muito mais aula sobre história dos países, de como esses países se libertaram da colonização portuguesa, do que da literatura em si, né? Isso mudou depois, mas na UFRJ, em 2006, eram dois semestres de literaturas africanas de língua portuguesa... Hoje, se eu não me engano, são quatro, né? Então ali foi o meu contato e por eu ter aquelas referências

europeias, no primeiro momento eu não achei que era grande coisa, eu via quase como uma sub-literatura, como boa parte do pessoal, às vezes, ainda vê".

A cultura eurocêntrica colabora fundamentalmente para o apagamento da história, cultura e literatura africana e afro-brasileira, tratando-as como sen fossem um subproduto, as colocando em local de inferioridade frente as obras produzidas pela literatura considerada tradicional. No entanto, as literaturas africanas em língua portuguesa são fonte de aprendizado e valorização da cultura negra, por meio da abordagem de questões relacionadas aos tempos de colonização, a luta pela libertação dos povos africanos, a ancestralidade, a oralidade, a religiosidade, a condição da mulher nas sociedades africanas, a identidade, por tantas vezes apagada, entre outros, a partir dos conhecimentos, vivências, sonhos e anseios relacionados ao continente africano.

Pedro segue trazendo o contexto das literaturas africanas de língua portuguesa:

"E o que me chamou atenção para as literaturas africanas de língua portuguesa foi, depois da graduação, um livro chamado O Cão e os Caluandas de Pepetela a poesia da Noêmia de Sousa, a poesia dela, em geral. Mas, tem um poema, um poema específico, que é o "Súplica". Esse poema aí me chamou atenção, porque falava justamente da questão da Música como resistência e libertação. Como nossa própria essência. Até porque eu guardei uma ligação com a música, né? Eu sempre tive essa ligação com a música. Embora eu nunca tenha aprendido a tocar nada. Foi por influência da professora Maria Teresa Salgado, que foi minha orientadora de mestrado, que me aprofundei nas literaturas africanas. A partir da Noêmia, eu conheci a Conceição Evaristo, primeiro como teórica de literatura comparada, depois que fui descobrir que ela era escritora. E aí eu conheci Carolina mais a fundo, por causa da escola onde eu fui trabalhar que tem a sala de leitura Carolina Maria de Jesus. E aí, a partir daí, eu fui conhecendo. Solano Trindade, com quem eu me identifiquei muito também".

Sobre a questão da identificação, abordada por Pedro Machado, Conceição Evaristo (2020) nos diz que:

> A maioria das personagens que construo se apresenta a partir de espaços de exclusão por vários motivos. Pessoas que experimentam condições de exclusão tendem a se identificar e a se comover com essas personagens. Um sujeito gay se vê nesse texto porque, também ele, vive essa experiência de exclusão. Um sujeito pobre tem a mesma identificação com uma personagem que vive a condição de pobreza. Uma mulher que se cumplicia com as outras

> se sensibiliza ao ler o conto “Maria” ou Insubmissas lágrimas de mulheres. Assim como a escritora ou o escritor ao inventar a sua escrita, pode deixar um pouco ou muito de si, consciente ou inconscientemente, creio que a pessoa que lê, acolhe o texto, a partir de suas experiências pessoais, se assemelhando, simpatizando ou não com as personagens. (EVARISTO, 2020, p. 32)

Pedro Machado segue a entrevista trazendo elementos da sua prática docente e do convívio com os estudantes para os quais leciona:

“Eu trabalho na Vila Cruzeiro. Na Escola Municipal Bernardo de Vasconcelos, que fica na entrada da Vila Cruzeiro no Rio de Janeiro. Lá tem uma sala de leitura que antigamente se chamava sala de leitura Walt Disney. E aí, a escola começou a ter um projeto para a instituição escolar ter mais a ver com território e uma das primeiras ações foi trocar o nome da sala de leitura que passou a se chamar Carolina Maria de Jesus. Quando cheguei, esse processo já havia acontecido. Dentro dessa sala fui responsável pela implementação do Espaço Afro-brasileiro, projeto em que pude trabalhar com os alunos por dois anos, com o apoio e visão pedagógica da coordenadora Angelica Alves. A partir daí fui conhecendo outros atores negros como o Cuti e outros.

Esse contato aliado ao fato da maioria dos meus alunos serem negros, mudou a perspectiva da minha literatura. A minha literatura, até 2021, ela era mais, vamos dizer assim, conceitual, mais ligada a certo padrão do cânone literário. E eu passei a almejar escrever histórias de nós, que meus alunos pudessem entender. Isso, obviamente, sem perder, a complexidade do pensamento. Nesse sentido, Conceição Evaristo me influenciou bastante. É manter a profundidade dos simbolismos, do pensamento, sem necessariamente ter uma linguagem complicada. Às vezes, a linguagem, a simplicidade da linguagem é traz mais profundidade do que algo culto demais, né?”

Nesse sentido, é fundamentalmemte importante trabalhar autores e autoras negras nas escolas, pois isso influencia diretamente em questões como: representatividade, identidade, diversidade, contextualização histórica, empoderamento e diálogo. A literatura negra nos oferta personagens e histórias que refletem as experiências e realidades vivenciadas pelas crianças e jovens negros proporcionando uma sensação de pertencimento e visibilidade.

Pedro em seu relato também aborda conceitos trazidos no capítulo 2 desta dissertação:

"Sobre a questão da literatura afro-brasileira ou negro-brasileira, conceitualmente, cientificamente falando, academicamente falando, negro-brasileira seria mais coerente, como mostra o Cuti em seu livro. A nível simbólico, popular, eu creio que afro-brasileira faz mais sentido porque marca a origem africana, no sentido de origem espiritual e busca civilizatória dessa literatura, a origem dos valores dessa literatura. Quando falo afro-brasileira, acho que isso fica marcado, não é somente brasileira, é afro-brasileira. Então é isso, é uma posição meio ambígua, mas considero que cientificamente negro-brasileira é o que faz mais sentido. Agora também é uma luta por visibilidade, nessa luta por visibilidade na mídia, nos grandes meios, afro-brasileira talvez corresponda melhor a essa divulgação, essa visibilidade ao ideário, porque é isso também, representatividade também tem muito a ver com o ideário, nem sempre é o conceito científico 100%."

Pedro nos mostra a partir da sua primeira experiência de leitura de um livro infanto-juvenil com abordagem sobre o racismo a importância da literatura negra para que as crianças fortaleçam seu autoconhecimento e autoestima:

"Deixa eu falar de uma coisa da infância, da escola, que eu me esqueci. O primeiro livro que eu li que tinha como tema o racismo era o Pretinha Eu, do Júlio Emílio Braz. Foi a primeira vez que eu vi esse tema, eu tinha 9 anos, foi a primeira vez que isso apareceu. Na época era uma novidade, que quase nenhum autor trazia tão claramente como ele trouxe. Mas esse livro também foi o primeiro livro, inclusive, que eu entendi, porque os outros eu não conseguia entender, por ser uma realidade distante, pareciam culto demais, mas esse livro foi o primeiro que eu entendi, do início ao fim."

Pedro aponta como os elementos anteriormente citados e suas vivências foram importantes para a virada de sua literatura:

"O livro Desnudo é o livro de contos que vai marcar virada da minha literatura, nesse livro eu me despojo de um monte de coisas, eu literalmente me desnudo. Tiro da minha literatura várias referências que eram apenas esnobismo, elitismo e vontade oculta de se mostrar mais entendido que os outros. Quando na verdade a literatura não é isso. Quando você às vezes coloca uma linguagem empolada demais, erudita demais,

muitas vezes isso esconde a falta de conteúdo. Quem tem algo a dizer diz da forma mais simples possível. O que o objetivo é esse, as pessoas entenderem e pensarem sobre aquilo. Então o Desnudo vai marcar essa virada.

É o primeiro livro em que eu tenho referências afro-brasileiras e africanas bem marcadas, sem disfarces. Isso não quer dizer que eu joguei fora as referências de grandes autores europeus que eu sempre admirei, pelo contrato, porque ninguém sério propõe isso de jogar fora as culturas europeias. Não, o que nós propomos é expandir culturalmente. Isso é um valor africano, inclusive, você expandir culturalmente, você dialogar com culturas, criar pontes. Essa noção de cultura pura que não depende de nenhum ou outro, isso aí é uma noção do colonizador. Então, eu trago vários referenciais africanos, afro-brasileiros, essa questão da simplicidade da linguagem, mas não simplicidade no sentido do simplório, e sim a simplicidade no sentido de sofisticação da linguagem mesmo. É uma linguagem sofisticada a ponto de dizer o mais complexo com as palavras mais simples.

O que também influenciou esse meu novo meio de escrever foi minha relação com as novas pessoas que eu conheci. Eu estive mais perto de pessoas do meio negro, da cultura negra. A convivência com essas pessoas teve influência determinante na minha obra, tanto quanto a convivência com os alunos. O livro Desnudo inclusive marcou uma ruptura com pessoas que queriam que a minha literatura fosse de um jeito, queriam formatar, queriam que minha literatura fosse um apêndice de literatura europeia. Mas, literatura europeia deixa os europeus fazerem, eu não sou europeu, né? Que os europeus façam a cultura europeia e eu faço literatura afro-brasileira, já que eu sou afro-brasileiro. E, sendo eu mesmo, diálogo com todos, europeus e africanos. Isso marcou uma ruptura inclusive com essas pessoas que queriam que minha arte fosse a imagem semelhança delas."

O relato de Pedro nos mostra a importância de termos referências, de caminharmos ao lado de pessoas com as quais nos identificamos de forma reciproca. As referências negras, nesse contexto, nos trazem a possibilidade de nos vermos refletidos em pessoas com histórias de vida parecidas, bem-sucedidas, reforçando a nossa autoestima, nos inspirando a persistir em nossos sonhos e a desafiar também os estereótipos e preconceitos dentro dessa complexidade que é a experiência negra no Brasil.

Pedro dá continuidade ao seu relato falando sobre a importância das redes sociais para a sua carreira literária e sobre o mercado editorial:

"As redes foram um lugar precioso para mim, porque eu comecei as publicações em uma pandemia. Então, o meu meio de contato com as pessoas, com leitores, eram as redes. Então, pelas redes, eu podia me aproximar mais dos leitores, ouvir o que eles tinham a dizer sobre a minha literatura. Tiveram os saraus online também, como o Que Toda Palavra seja Amor, belo trabalho da Rosana Rodriguez. É importante para o escritor saber qual é o efeito que a literatura dele faz, a quem a literatura dele está tocando.

Quanto à questão do mercado editorial, na minha trajetória, foram muito importantes a Raquel Menezes e o Vagner Amaro.

A Raquel Menezes, da editora Oficina Raquel, que me abriu as portas para a publicação da antologia Encruzilhadas Suburbanas. Essa antologia foi um presente que o Rolé Literário me deu, me chamar para poder organizar uma antologia de contos acerca dos subúrbios do rio. E essa foi a publicação que me deu uma maior circulação nos meios literários até então. Foi a primeira vez que eu pude me sentir livre para falar dessa literatura em grandes eventos como a Bienal do Rio, a Primavera dos Livros e a Flip 2023. A editora Oficina Raquel têm essa questão da diversidade que é justamente o foco que a minha literatura passou a ter. Isso gerou uma grande identificação.

Logo após veio o convite do Vagner Amaro, da editora Malê, que é um grande editor e escritor, que me convidou para escrever os contos que formam a minha obra Primeira Pedra, que será lançada no segundo semestre desse ano. O Vagner incentivou a minha escrita dos contos sobre esse tema que considero de abordagem bem difícil pelo momento político atual, que é essa questão dos conflitos internos e externos dos evangélicos no Brasil. Quanto à parcela da população negra que está nesse contexto, háa questão de uma ancestralidade que está lá latente e, ao mesmo tempo, de uma cultura cristã de base europeia que parece estar alheia ou até hostil a aquela ancestralidade, então há uma ambiguidade ali, um conflito. E eu consegui trazer na literatura esse conflito. A Malê tem esse foco na obra de autores negros, divulgação da literatura negra. A editora de Conceição, que também publicou pela Oficina Raquel, a Malê é também editora da Eliana Alves Cruz, da Cristiane Sobral, do Cuti, do próprio Vagner Amaro, que tem um livro belíssimo de contos sobre masculinidades negras, que

de certa forma, também teve uma influência sobre os meus contos, desse livro que eu vou lançar na Malê, porque esse livro traz bastante sobre masculinidades negras, nesse meio evangélico.

E é isso, o contato com a Oficina Raquel e com a Malê me deu uma nova perspectiva sobre uma literatura livre, em que eu posso me expressar como eu sou, desnudo."

A autora Conceição Evaristo (2020), que já publicou obras nas editoras Oficina Raquel e Malê, duas editoras citadas por Pedro Machado, acredita que uma importante mudança no mercado editorial, foi a descoberta de que existe um público negro leitor, porém, a escritora também aponta para o racismo estrutural, ainda nos tempos atuais, no mercado editorial:

> Hoje, temos uma editora de grande porte publicando Osvaldo de Camargo, Carlos Assunção e, agora, está preparando a publicação da obra de Carolina Maria de Jesus. O que quero enfatizar é o seguinte: se grandes editoras e mesmo as de médio porte pretendem abarcar a diversidade do público leitor, essas editoras precisam urgentemente diversificar o rol de escritoras e escritores oferecido ao público. Além de demonstrar o vasto terreno da Literatura Brasileira, para as editoras também parece ser vantajoso, considerando a demanda de mercado: um público de novos leitores vem buscando literaturas de autoria de mulheres e homens negros, indígenas. O mesmo interesse se observa sobre a literatura de temática homoafetiva, em que a autoria ficcionaliza, muitas vezes, a sua própria experiência. Agradecemos a publicação de nossos e de nossa veterana. O passo inicial foi dado, outras editoras poderão se interessar também na tentativa de recuperar o tempo em que a autoria negra tinha pouquíssima possibilidade de publicação. Chegou o nosso bom momento, achamos ótimo. Carlos Assunção está com 93 anos e Osvaldo de Camargo é um homem que deve ter passado um pouco dos 80; foi um período de longa espera. (EVARISTO, 2020, p. 45)

O escritor retoma sobre a importância do livro *Encruzilhadas suburbanas* para a sua carreira e do Rolé literário para abrir novas possibilidades de pensar o subúrbio e de se pensar suburbano, para além dos esteriótipos que teve contato ao longo de sua vivência. Gonçalves (2015) nos rememora que nos anos 90, a voz oriunda das áreas periféricas se fez presente, agradando a um público específico à procura de uma literatura que buscava diferentes focos.

A autora nos diz que tal acontecimento também contemplou críticos e essa literatura avançou para lugares de visibilidade em livrarias e veículos de divulgação que hierarquizavam a arte e a literatura. Esse movimento trouxe para as autorias suburbanas o status de autores e autoras da periferia que buscam para além do reconhecimento profissional, a divulgação de uma identidade diversa representada a partir de suas

próprias narrativas e não mais pela voz daqueles que vinham de fora.

Segundo Gonçalves (2015):

> Produção da exclusão, indubitavelmente, foi uma identificaçãocorreta até certo tempo, em que o produto cultural dos meios mais carentes só circulava neste meio. Excluídos da mídia, do mercado, com pouco ou nenhum recurso, muitos artistas e escritores estavam alijados do mundo cultural, principalmente, porque já sofriam a segregação social. E mostrar que havia arte nos morros e favela, sem ser o samba poético, era uma proeza. Simplesmente, porque praticamente não havia interlocutor fora da comunidade. Daí que o termo exclusão esteja precisando ser reavaliado, uma vez que as últimas décadas iluminaram a periferia, transformando-a em um lugar político e, por que não, cultural, que deve ser consumido sem incorrer no risco de ser mal visto. (GONÇALVES, 2015 , p. 55)

Para Pedro Machado:

"Estar no Encruzilhadas Suburbanas, como organizador, lendo os contos dos autores, e vendo também a atividade do Rolé Literário, me trouxe uma nova perspectiva sobre os subúrbios, até questão da pluralidade dos subúrbios do Rio, a diversidade dos subúrbios. Então, eu tenho um conto também, nessa antologia que eu organizei, e cada um dos contos traz essas imagens dos subúrbios, essa pluralidade.

E é interessante porque, eu, como alguém que é suburbano, nunca tinha parado para pensar nos subúrbios como um lugar de produção de cultura diversa, para além dos estereótipos, antes de conhecer o pessoal do Rolé Literário.

O Rolé Literário me deu essa visão sobre os subúrbios do Rio, e eu busquei na organização dessa obra, que o Rolé Literário me chamou para organizar, reproduzir isso, no sentido dos contos terem essa diversidade. A obra é dividida em quatro caminhos, formando uma encruzilhada, para marcar também a questão da espiritualidade afro-brasileira nos subúrbios, mas não só, é a questão dos subúrbios como lugares de vários caminhos, não lugar de um caminho só, quem está no subúrbio não serve só para ir até o centro, o subúrbio já é o centro de si mesmo, então é isso que eu busquei passar na organização dessa obra."

Pedro fala também sobre a importância dos *Cadernos Negros* e de ter publicado em três edições:

"Os Cadernos Negros foram essenciais também pra essa minha virada literária, de uma literatura que tivesse mais a minha cara e a cara das pessoas que eu conheci. Tem a ver com a vivência, a vivência negra, né? Eu publiquei os cadernos negros em

43, 44, 45. Em alguns desses poemas eu busquei tratar da questão racial, mas não de uma maneira estereotipada ou panfletária, mas por meio da questão da sexualidade, do prazer, do afeto, então eu trouxe essas questões. Inclusive no último Cadernos Negros tenho poemas dedicados ao meu filho, à minha esposa Luciana. Então, o Cadernos Negros foi essencial pra eu poder aquela virada na minha literatura que se inicia com o Desnudo."

Sobre a publicação *Cadernos Negros* Assis (2020) nos diz:

> Nesse contexto, não é gratuito o fato de Conceição Evaristo ter estreado com seus poemas na coletânea Cadernos Negros 13, de 1990. Dez anos antes, fora criado o Quilombhoje literatura – responsável a partir de então pela vitoriosa trajetória dos Cadernos, série iniciada em 1978 e com publicação ininterrupta até o momento. O nome já anuncia a postura. Ao optarem pela tradição quilombola-quilombista, os membros do mais longevo coletivo de escritores existente no país deixam explícito seu projeto: "quilombo" se coloca como antípoda de "gueto", entendido como espaço forçado de reclusão. Dierentemente do "quarto de despejo" – metáfora carolineana da favela como reencarnação da senzala, e tão presente na metrópole conservadora, apesar de cosmopolita –, o quilombo literário de agora resiste tendo nas mãos o livro – utopia da palavra poética como instrumento de identificação, a inquietar mentes e corações no processo de construção de si mesmos enquanto negros. (ASSIS, 2020, p.80)

Pedro finaliza a entrevista falando sobre a sua visão da literatura e sobre pertencimento:

"O que eu quero trazer como escritor é uma literatura que pra mim pode ser vista de três formas:

A literatura pode ser um espelho. Nem sempre o leitor vai gostar do que ele vê, mas é um espelho! Essa é a literatura que mostra, muitas vezes, na nossa face, aquilo que a gente não queria ver, mas está lá. A literatura também pode ser uma janela. Ou seja, nos abrir ao mundo de fora, ao mundo que está além do nosso quarto. É oportunidade de diálogo com os diferentes, é expandir de visão.

E a literatura também é a sedução. Ela é a sedução no sentido de nos encantar. De encantar e nos levar aos caminhos que estamos destinados a ir. Ao sentido de nos desnudar, no sentido de conhecer nós mesmos, conhecer o outro, em nudez plena, sem véus. Então a literatura é isso também, é a sedução, no sentido de que a literatura atrai o leitor, é quase uma relação amorosa mesmo. Desnuda o leitor, é o escritor desnudado que também desnuda o leitor, e a leitura aí pode ser vista como um ato amoroso.

Pertencimento pra mim é você ser o que você é, não o que dizem que você

deveria ser. É quando você descobre o que você é. Não há como haver essa descoberta sem desnudamento."

Os relatos realizados pelo escritor Pedro Machado nos mostram como o apagamento do ensino da nossa história, arte e cultura também é uma forma de violência, imputada a pessoas negras desde a infância. Pedro tem hoje a oportunidade de ressignificar muitas das questões apresentadas na entrevista, a partir da sala de aula e por meio da sua escrita, trazendo pertencimento para quem tem acesso às suas aulas e às suas obras. Na próxima seção traremos a entrevista com o escritor Fábio Carvalho.

3.3 Fábio Carvalho

"Um terreiro no Jamelão

Tenda Espírita Santo Antônio de Pemba. Jamelão. Complexo do Andaraí. Minhas lembranças infantis. Congá enfeitado, bonito. Amor e caridade. Domingo para tirar mau-olhado e curar espinhela caída. Receita de banhos com ervas milagrosas. Patuá feito. Pontos riscados, pontos cantados: "Minhas almas/ Santas Almas, Olha minha Oração..."

Chegou Pai José. Sábio de Aruanda. Sorriso franco. Olhar bondoso. Abraça as crianças. Aconselha os pais, espalha boas energias. Famílias recebem consolo. Em setembro, dia de Cosme e Damião. Dia de ibejada. Mariazinha, Ritinha, Pedrinho, doce, brinquedo, festa e espiritualidade. Fé suburbana, carioca, brasileira… essa fé, o terreiro e o morro me fizeram gente".

Texto de Fábio Carvalho, extraído do livro *Pequenos Escritos Para Um Andarahy Grande.*

Figura 4 – Escritor Fábio Carvalho



Fonte: Acervo passoal do escritor.

Fábio Carvalho é do Andaraí, zona norte. É mestre em Ensino de História e professor das Redes Públicas Municipais de Duque de Caxias e Rio de Janeiro. Torcedor do Flamengo. No samba, seu coração se divide entre Salgueiro e Flor da Mina. Escreveu dois livros pela Caminhos Editora *Pequenos Escritos Para Um Andarahy Grande* e *Poetrix e poemas avulsos* e participou da coletânea *Encruzilhadas suburbanas*, pela editora Oficina Rachel e *Poética da resistência* da Editora Apheratz, livro organizado por mim e por Pedro Machado.

Conheci Fábio Carvalho inicialmente a partir das redes sociais e de amigos em comum, posteriormente nos conhecemos pessoalmente na inauguração do Espaço Literoetílico Suburbano no Bar do Papa, em Cascadura que se tornaria o "QG cultural" do Rolé Literário. Em seguida, realizamos juntos a curadoria do Quintal Literário do terceiro Viradão Suburbano do Rio de Janeiro, Fábio na época nomeou as nossas atividades de acordo com as obras de Lima Barreto, do qual é um grande admirador e era o grande homenageado no Viradão daquele ano, dessa forma ele é o padrinho do Sarau Vingando Isménia, que eu organizo, criando esse nome a partir da personagem Ismênia do livro *O triste fim de Policarpo Quaresma.*

Segue a entrevista do escritor Fábio Carvalho, realizada de forma online:

"Oi, eu sou o Fábio Carvalho, eu tenho dois livros publicados, na verdade quatro, dois solo e duas participações nas antologias Encruzilhadas Suburbanas e

Poética da resistência, os meus dois solos são pela Caminhos Editora, é o Pequenos Escritos para o Andarei Grande e o outro de poesia chamado Poetrix e Poemas avulsos.

Bom, vamos começar aqui pela primeira pergunta, papel das redes sociais, eu sou muito ruim trabalhando com a rede social, eu tenho uma dificuldade grande de trabalhar com a rede social, mas a rede social é muito importante nos dias de hoje, e não é à toa que tem uma quantidade muito grande de pessoas fazendo literatura pela internet, os insta-poetas, as pessoas que apresentam seus livros, o pessoal que faz resenha de livros de outras pessoas, enfim, é muito interessante, é muito importante e no meu caso em específico, por conta do Rolé literário, foi o primeiro lugar que eu senti desejo, vontade, capacidade para colocar os meus escritos, então eu comecei publicando prosa, depois eu fui criando poemas e publicando no Facebook primeiro, depois no Instagram, mas o meu trabalho nas redes é muito pequeno, eu não levo jeito, eu gosto muito mais do tete a tete, do olho no olho, então pra mim é um pouco difícil, preciso melhorar isso."

As redes sociais na atualidade são essenciais para escritores independentes, pois permitem que esses escritores alcancem um publico diversificado, aumentando a visibilidade de suas obras, conexão com leitores e outros escritores e escritoras, além da promoção e divulgação e o retorno das pessoas que nos lêem.

Fábio Carvalho fala sobre o mercado editorial, a partir da sua experiência como escritor independente:

"Sobre o mercado editorial, eu acho que o mercado editorial, falando aqui enquanto um escritor independente, hoje é muito fácil você publicar um livro, eu acho que nesse ponto é muito parecido com gravar um CD, um álbum, hoje é uma coisa relativamente fácil se você tem algum dinheiro pra investir e no caso dos livros você tem várias formas de suporte, além do livro, você tem as plaquetes, você tem as zines, onde as pessoas conseguem ver o seu trabalho, a música ela tá no formato de áudio, então talvez seja um pouquinho mais restrito, mas ainda assim hoje é muito mais ampliada essa possibilidade, o problema é que a gente não consegue atingir o grande público, é muito difícil você quebrar uma bolha, você sair daquele teu grupo de seguidores, daquele teu grupo de outros escritores e pessoas que seguem esses outros escritores, isso você só consegue fazer com muita grana, o marketing é muito difícil,

poucos são os que conseguem, é um pouco de sorte, embora hoje no mercado você tenha uma abertura para novas narrativas, essa abertura ainda é muito tímida, ela tá ainda, para algumas pessoas furaram essa bolha, alguns escritores negros chegaram, mas são sempre os mesmos, para dizer que tem, então ainda não é um mercado amplo para a gente, é um mercado que a gente ainda tá tentando galgar, tá tentando chegar, enfim."

Infelizmente autores negros independentes seguem enfrentando desafios específicos diante do mercado editorial. A falta de representação ou a visbilidade reduzida em algumas editoras traz a dificuldade em alcançar um público mais amplo. A falta de representação e diversidade, resulta na falta de compreensão do público negro e na perpetuação de estereótipos e preconceitos. Além disso, como citado pelo autor, existe uma saturação do mercado, com autores estabelecidos, constituindo, dessa forma, uma competição acirrada no meio. Por último, as expectativas limitadas sobre temas e estilos de escrita , comprometem também às oportunidades de mercado.

Nos trechos a seguir, o escritor traz um pouco das memórias de sua infância e do local onde cresceu:

"Eu me toquei na pergunta anterior que eu esqueci de dizer onde eu cresci, né? Eu cresci no Morro do Andaraí, ali pelos anos 90. E esse morro é narrativa assim, constante na minha vida, né? Na minha forma de contar histórias, de observar os tipos das pessoas, na poesia, nesse entrelace com samba subúrbio, né? O Andaraí é um bairro que muita gente não lembra que existe, né? É um bairro que tá ali e na chamada Grande Tijuca. Então todo mundo lembra da Tijuca. Talvez do Grajaú, de Vila Isabel. O Andaraí é só lembrado pelo morro, que é ligado na nossa cidade a uma história de violência, e é um hospital público que é ligado a uma ideia de que o público não funciona."

Pinheiro (1981) elabora a questão de que Vila Isabel, Grajaú, Tijuca e Andaraí, bairros citados anteriormente por Fábio Carvalho, são, hoje, habitados em grande parte por camadas médias da população. Vila Isabel, Grajaú e Tijuca seguem no imaginário e representados como bairros nobres e residenciais na Zona Norte do Rio de Janeiro,, enquanto em relação ao bairro do Andaraí existe a ideia de identificação do passado como um "bairro operário, demarcado a partir de características negativas, que no Brasil são atribuídas desde o período de escravização, às classes trabalhadoras, que muitas

vezes são vistas como classes perigosas, que convivem com malandros e marginais.

Fábio a seguir, trata da sua formação , trazendo a importância das oportunidades de estudo para as pessoas negras dos subúrbios. Tal fator é necessariamente fundamental para a redução das desigualdades raciais e promoção de inclusão social e redução das desigualdades:

“Eu sou formado em História pela suburbana e extinta Universidade Gama Filho. Ganhei uma bolsa lá e decidi que seria professor. Mais tarde, já trabalhando, fiz mestrado em Ensino de História pela FFP/UERJ.

Minha mãe era empregada doméstica e meu pai operário. Estudaram pouco, mas colocaram em mim todo o desejo que eles tinham de "vencer na vida pelos estudos". Sempre me ajudaram e estimularam. Minha mãe, durante alguns anos trabalhou na casa de um professora. Eu ia pro trabalho com minha mãe. A patroa achou que eu era muito educado e soube que eu gostava de ler. Me levou até o quarto do filho, já um adulto, e me apresentou a biblioteca. O primeiro livro que lembro de ter lido ali foi Viagem ao Centro da Terra, do Júlio Verne. Daí, fui ler os outros do autor. Na escola, eu era amigo das professoras que ficavam encarregadas das salas de leitura. Lia tudo. Até Enciclopédia Barsa, que Deus a tenha. Kkkk A gente tinha que se virar pra não ficar entediado no mundo antes do digital. A galera de hoje não sabe o que é isso.Meu vício. Mas nunca me identifiquei ou sequer pensei em mim nas histórias. Fosse como personagem, fosse como escritor.

No Ensino Médio, isso mudou. Devo muito à professora Cláudia Marques, que me deu aula de Literatura. Foi ela quem me trouxe um letramento racial literário. A minha mãe me deu o prático. Toda mãe de menino preto o ensina como deve se portar na sociedade pra não morrer de bobeira. E também pra fazer sempre o melhor e se destacar pra não ser pisado por ninguém. A professora Cláudia me deu o letramento literário. Me mostrou que havia uma Literatura Negra e que poderia me ver e acreditar como personagem ou escritor nesses momentos. Foi aí que Lima Barreto entrou na minha vida. Primeiro como romancista mas eu descobri que a face que mais gosto dele é a de cronista da cidade.E nele eu me inspirou demais pra contar as história/memórias do meu lugar.

Com a professora eu descobri também que os sambas que ouvia na vitrola do meu pai também eram literatura. E das boas!”

Os depoimentos dos escritores entrevistados reforçam a importância da escola nesse processo de letramento literário iniciado ainda na infância, do cumprimento da lei 10.639/2003. Cabe ressaltar também a importância das culturas perpetuadas em nossas famílias, e como as músicas e sambas que escutávamos nas vitrolas da nossa casa desde os tempos da infância, podem se transformar em importantes elementos de aprendizagem na sala de aula.

Fábio Carvalho prossegue a entrevista ressaltando os estigmas do bairro onde cresceu e falando dos conceitos abordados no capítulo 2 do presente trabalho, a literatura afro-brasileira, a negro-brasileira, as escrevivências e da sua apreciação por narrativas curtas:

"É um bairro cheio de estigmas, que as pessoas andam se recusando a dizer que moram nele, né? Então eu escrevo exatamente pra manter viva a memória desse bairro e dos sua gente. Eu faço questão de dizer que eu sou do Andaraí por isso. E aí eu já aproveito e entro na segunda questão, né? Literatura, esses conceitos de literatura negro-brasileira, literatura afro-brasileira, escrevivências, tá muito dentro do que eu faço. Eu primeiro escrevo da forma que pessoas que me formaram, sem nem saber que estavam me formando, falam. Eu procuro fazer uma narrativa curta, uma narrativa que em poucas palavras eu consigo montar imagens, seja na poesia ou na prosa, eu falo das vivências, né? No bairro do Andaraí, de quando eu era criança, eu falo das miudezas, né? Hoje tá muito em voga você falar disso, né? E eu falo como as pessoas me ensinaram.

Procuro trazer sempre a linguagem do terreiro, a linguagem do samba, e enfim, eu acho que esses conceitos, sõ importantes, né? E eu tinha muita dificuldade de me entender como escritor por conta disso, né? A partir do momento que eu passei de ser simplesmente o cara que gosta de escrever, pro cara que trabalha a escrita, né? E aí sim, me tornando o escritor, no caso de alguém que burila palavras, que corta palavras, que faz um burilamento do seu texto, e estuda e lê outros, procura se inspirar, procura trazer pra sua escrita melhorias. Eu acho que foram fundamentais, em especial, os conceitos de escrevivência.

As escrevivências me fizeram alguém que poderia acreditar no seu potencial de escritor. Não sei se me fiz entender, mas quando eu cheguei na conceição Evaristo. Eu vi que, caramba, é possível, sabe? Isso aqui tem poder, isso aqui tem força. E quando

eu cheguei na Carolina Maria de Jesus, a mesma coisa. Então, cara, esses conceitos foram fundamentais pra que eu me visse como alguém capaz de produzir literatura. Antes deles, eu não me sentia capaz, eu não achava que tinha qualidade o que eu escrevia, entendeu?"

Sobre o conceito de escrevivência, Salgueiro (2020) nos diz que:

> De forma paralela, ao enfatizar e trabalhar aspectos como "oralidade", "ancestralidade" e "atemporalidade" como alguns dos elementos constituintes de sua escrevivência, Conceição também aproxima sua escrita – e a de outro/as afro-brasileiro/as – da tradição ancestral dos escravizados forçados a vir para o Brasil. Conceição Evaristo trabalha em sua escrita e deixa cunhado um conceito dentro da Teoria da Literatura. Entre outras relevâncias, a possiblidade de uma leitura/análise crítica com base afrodescendente, a partir de conceitos e aportes teóricos afro. (SALGUEIRO, 2020, p.101)

Fábio prossegue e finliza a entrevista falado sobre pertencimento e o legado que gostaria de deixar:

"É uma coisa, né, o conceito de pertencimento, né, pra mim, nossa, pergunta, pergunta bem difícil, né, mas eu acho que é você não ter vergonha de onde veio, entendeu, é você conseguir perceber dentro de si os seus lugares, né, a linguagem do seu povo, a linguagem dos seus amigos, a linguagem da sua comunidade, os jeitos do subúrbio, por exemplo, né, que é o nosso caso, então acho que pertencimento tá muito ligado a isso, você não ter vergonha das suas origens e você gritar por elas e querer a preservação disso, né, como eu sou professor de história, né, a narrativa, né, ela é considerada o início da história, a narrativa escrita e isso é bem problemático, a gente sabe, né, mas é simbólico quando você registra a história dos seus, né, de maneira escrita, você meio que talha, né, pra eternidade isso, então, pertencimento é isso, você não ter vergonha de onde veio, você falar dessa sua origem com orgulho e buscar perpetuar essa forma de viver para que outras pessoas conheçam, sabe, elas entendam você a partir desse lugar, isso pra mim é pertencimento.

Então como escritor o que eu almejo? Eu almejo mais espaço. Acho que os nossos espaços ainda são muito tímidos. Almejo que haja, hoje a gente tem uma distribuição melhor de livros, mas eu almejo que existam cada vez mais projetos e formações para mediadores de leitura. O que eu vejo é isso, a gente tem muito livro bom, mas você não tem o cara que vai levar uma população que não está acostumada a ler a ler. Então eu enquanto escritor gostaria muito de ter espaço maior em editais e no mercado editorial, mas eu também gostaria muito que ocorressem formações, boas

formações e que houvesse estímulo a tais formações de mediadores de leitura para que a gente possa aproximar nossa população do livro. A gente tem boas obras, a gente tem bons escritoras, bons escritores, mas a gente não tem alguém que vá fazer esse meio campo, pessoa-livro. Então eu almejo muito que isso chegue até os dias que a gente está. Eu queria muito que isso fosse realidade o mais rápido possível. Eu acho que é uma coisa tão simples, acho que basta ter vontade. A gente sabe que aqui pouca gente tem vontade de ter uma população que leia, que seja crítica, enfim, vou chover no molhado quanto a isso. O que eu queria deixar de legado? Bem, eu enquanto um homem negro, professor, eu gostaria muito de deixar como legado, especialmente, e aí eu não sei dividir bem, né? Se professor ou escritor, o que vem primeiro, né? É o dilema de Tostines, mas eu acho que o professor e o escritor se unem, né? O professor ainda paga as contas do escritor. Então eu gostaria muito de deixar como legado a memória dos lugares esquecidos do Rio. Eu trabalho muito com crônica, né? E a crônica está ligada a isso, a memória. Então o que eu queria deixar como legado era a memória do Andaraí, era a memória suburbana, falada por um suburbano, por um bairro, entendeu? Que, obviamente, eu não represento o bairro como um todo, eu represento uma parte dele. Então que mais gente, a partir das minhas narrativas sobre o Andaraí, fale do Andaraí. Assim como isso inspire o meu camarada lá de Irajá, pra falar de Irajá, e aí inspire o garoto na Parapedro, a falar do Parapedro, né? E o outro falar do Dendê, entendeu? Eu quero isso, eu quero realmente que o meu legado seja o de através da literatura trazer para a cidade do Rio de Janeiro uma visão mais heterogênea de carioca, de carioquice, de cidade, né? Que vá além do estereótipo. É isso. Obrigado aí pela oportunidade."

O escritor Fábio Carvalho, dentre outras questões que permeiam a sua existência, nos traz a importância, do lugar de onde viemos na construção de memórias, identidade, e hoje para a sua escrita influenciada pela sua experiência enquanto suburbano e pelos seus atravessamentos enquanto homem negro que ressignifica sua vida por meio da escrita. Na próxima seção traremos a entrevista com o escritor Flávio Braga.

3.4- Flavio Braga

"Ser e tornar-se algo é um fruto que se colhe coletivamente, a partir de fundamento, proceder, comunhão e afeto. O processo de sorrir, de resistir, de viver, de não morrer é tecnologia ancestral que baila no tempo para que a gente não perca a reverência e a referência, para que ambas nos ajudem a construir o hoje,sonhando com o amanhã.

Em um mundo em que cada vez mais se conjuga os verbos e os triunfos na primeira pessoa do singular, se faz ainda mais necessário o uso do "nós". Não haverá futuro (para a cidade, para o país, para o mundo!) sem enxergar essa constatação. Que o senso de coletividade que habita o espírito do suburbano seja o responsável por tirar as vendas dos olhos da Humanidade, inebriada por seu ego, que flerta com o apetite pela destruição – a sua própria e de tudo que a rodeia.

Que os que se acham centro de tudo se curvem aos subúrbios do mundo. É nele que está nossa salvação. Quando dizem que o suburbano precisa ser estudado, é por isso." - "Sou Porque Somos"!

Texto de Flávio Braga sobre coletividade e espírito suburbano publicado em seu blog.

Figura 5 – Escritor Flávio Braga



Fonte: Acervo pessoal do escritor

Flavio Braga é escritor, músico, mestre e professor de História (SME-RJ e SEEDUC-RJ). Mantém, desde 2007, o Um Blog de Nada (atualmente na plataforma Medium), com crônicas semanais. É vocalista e baixista da banda Outros Caras. Milita em prol da literatura, história e cultura suburbanas, fazendo parte dos coletivos Mutirão Cultural Rolé Literário e Engenhos de Histórias. É autor do livro de crônicas *Lá de onde venho* (2022, Caminhos Editora). Coautor e um dos idealizadores da obra *Encruzilhadas suburbanas* (Oficina Raquel, 2023) e coautor das seguintes obras: *Trajetórias docentes - Professores de História narram suas histórias na profissão* (E-Papers: 2019), *Educação inclusiva na contemporaniedade* (Autografia, 2020), Um grande Meier de histórias - Heranças, caminhos e lembranças dos subúrbios cariocas (Kliné, 2023), *Além do espelho - Estórias para João Nogueira* (Deriva dos Livros Errantes, 2022), *Olé 90! - Um elogio extravagante ao futebol dos anos 1990* (Deriva dos Livros Errantes: 2023).

Assim como o Fábio Carvalho, conheci o Flávio Braga inicialmente a partir das redes sociais e hoje seguimos construindo juntos no Rolé Literário.

Seguem abaixo os trechos da entrevista do escritor realizada de forma online:

"Eu sou o Flávio Braga e atualmente tenho 37 anos, nasci e fui criado nos bairros da Zona Norte do Rio de Janeiro, principalmente os bairros de Piedade, Engenho de Dentro e Encantado. Atualmente moro em Quintino, que também é próximo da mesma região e foi por aí que eu fui forjado, dentro desse pedaço da cidade do Rio de Janeiro que eu fui criado, que eu fui forjado, que eu adquiri minhas experiências, inclusive as literárias, embora não tenha estudado na região.

Eu estudei numa escola tradicional na Tijuca, o Instituto de Educação, que também foi muito importante pra minha formação, eu dou créditos até os dias de hoje a educação que eu que eu tive acesso no Instituto de Educação apesar de todas as dificuldades de escola pública e tal, foi uma infância legal e tranquila, assim eu costumo falar, que até pra para uma criança tímida eu digo que eu aproveitei muito, de jogar bola na rua, de soltar pipa , de fazer uma série de amizades .

Desde criança eu fui apresentado à leitura, principalmente pela minha mãe, e em menor proporção pelo pai. Me lembro que enquanto ele morava com a gente ele tinha uma coleção de revistas em quadrinhos, de gibis, tipo "Conan". E aí depois que meus pais se separaram, eu devia ter entre três, quatro anos, eu e minha irmã, com a minha mãe.

A minha mãe sempre incentivou a leitura, fazendo o maior sacrifício pra comprar aquelas enciclopédias do círculo do livro, livro infantil. Em relação a esse lance de se reconhecer em histórias quando pequeno, eu nunca me liguei muito nisso. De me reconhecer nas histórias, isso daí só foi uma construção que eu tive a partir do momento que eu li Capitães da areia quando eu devia ter uns doze anos mais ou menos. Acredito até mesmo que se o autor Jorge Amado não fosse às vezes tão descritivo dos personagens, eu me colocaria ali no meio, porque a gente acaba vendo as crianças que são abandonadas, em situação de vulnerabilidade, em sua grande maioria das vezes são negras e pardas.

Foi aí que eu tenho quase certeza, né? Eu não me lembro de outro livro antes disso, que eu tenha me reconhecido. E a partir daí foi criada uma semente. Porque nessa depois, eu ainda na adolescência, no início da adolescência tipo quatorze quinze anos, eu comecei a me amarrar em ler, e eu sempre me identificava muito com o Lima Barreto, principalmente por conta dos lugares que ele colocava nas histórias dele. Eu ficava assim, caraca pô eu acho que eu conheço esse lugar e tal, eu acho que é aqui perto não sei quê né? E esse conhecimento ele só veio mais na adolescência.

Mas, aí também foi por outro lado um caminho sem volta. Eu acho que a partir daí muita coisa que eu passei a ler até mesmo na vida adulta ela precisa passar um pouco por esse reconhecimento desse conhecer, de poder se envolver um pouco mais, de se ver naquela história, de sentir aquela história como no caso era do Lima Barreto. Quando ele falava de um espaço geográfico que eu também conhecia, então era um reconhecimento além do que era também espacial também.

Eu acho que foi a partir daí do Jorge Amado e posteriormente do Lima Barreto, na adolescência que eu comecei a me reconhecer nas coisas que eu lia. Antes disso era uma parada que eu nem me ligava. Mesmo sendo uma criança, a minha mãe, pô, não é nenhuma ativista negra e tal, né? Mas, ela sempre colocava um papel muito importante nos nossos estudos, falando aquela frase clássica de mãe que causa muitas questões nos nossos, de que a gente precisa ser dez vezes melhor do que do que os brancos, entendeu?

Isso envolve um certo letramento, dentro do possível, né? De sensibilidade de observação do mundo dela, então ela sempre ela se colocou nesse papel e nos ajudou a fazer isso, a ter essa consciência, tanto eu quanto a minha irmã. Mas, isso sempre me

foi muito caro desde quando era eu era criança, mas confesso que as coisas que eu li enquanto criança… Isso não me fazia diferença, não me fazia falta. Isso só foi ser criado a partir da adolescência, do início da adolescência.

E na adolescência eu confesso que o contato com autores negros, ele foi muito limitado e eu como um moleque preto, assim um homem preto se formando, eu sempre vi que a questão do homem negro e a arte, né? Essa expressão é muito mais orgânica, sabe? E foi a partir do envolvimento, principalmente com a cultura hip-hop de escutar as músicas, de prestar atenção nas letras, de buscar as referências dos caras, que começou a ser um letramento. Entendeu?

E esses foram os meus os meus autores… Racionais, MV Bill e o 2PAC, são alguns assim que me deram alguma bagagem, porque sempre foram muito ricos em referências nas suas letras e essas letras elas me ajudaram a abrir leques no mundo literário eu sempre costumo dizer que foram eles, por exemplo, que me apresentaram Veríssimo e o Drummond. Não foi o contrário, sabe? Porque quando eu vi assim cara pô os caras têm um estilo muito diferente, é muito rico, é muito detalhe né? É vivo aquilo que eles cantam né? Será que que tem gente que escreve também livro com essa parada? Nessa pegada e tal né? E sem necessariamente ser com uma realidade muito crua e dura como rap muitas vezes mostra né?"

Sobre as múltiplas vozes que emergem a partir da arte, Gonçalves (2011) nos diz que:

> Cinema, música, teatro e literatura são formas artísticas que, mesmo timidamente, têm se reciclado, no embalo de uma nova tendência que pode ser definida como "deixa o excluído falar". Sobretudo no campo literário, percebe-se uma enorme transfor-mação: o personagem de antes tomou o lugar do autor. Agora, é ele quem decide como será o enredo, quais serão os personagens e o que merece ser revelado. Ao autor – canônico – coube, ape-nas, aceitar e se refugiar noutras áreas menos violentas, menos perigosas. Quem manda agora é o personagem cansado de ser expectador da sua história. Se é o mundo cão que interessa, então que ele seja narrado o mais fidedignamente possível. Que falem os favelados, os funkeiros, "os sem cultura", os sem reconhecimento! (GONÇALVES, 2011, p.179)

Gonçalves (2011) nos aponta também para a importância do hip hop como um movimento aglutinador:

> Há que se destacar o Hip hop como um grande fenômeno aglutinador. O movimento conseguiu, em um momento em que ainda não era comum

> ouvir a voz da periferia, atrair a classe mé-dia, acostumada com sons importados, feitos por jovens muitas vezes sem nenhum compromisso social, a, se não se engajar no movimento, pelo menos, cruzar fronteiras e permitir-se ouvir uma batida e um lamento novos, o que já representava um grande feito, uma vez que aqueles grupos sociais mais abastados apenas co-nheciam a vida miserável por via da mídia.Racionais MC'S, o grupo da periferia paulista, foi o que maior alcance teve entre a garotada da elite. Sem contar com a mídia – só algum tempo depois, sucumbiu à MTV – e mesmo com uma poesia virulenta demais para os ouvidos embalados por sons mais amenos, o grupo já lotava casas de shows, vendia CDs produzidos por um selo alternativo, a Zimbabwe Records, e espalhava pelas grandes capitais, o som contundente dos negros das periferias brasileiras. (GONÇALVES, 2011, p.179)

Flávio segue o relato falando de suas primeiras referências poéticas:

"E aí eu fui me amarrar em coisas mais poéticas, tidas como mais poéticas, mais leves, um pouco, sei lá. Mas ao mesmo tempo assim, que era um fruto de pessoas muito observadoras do mundo, sabe? Eu acho que o Carlos Drummond de Andrade ele tem muito disso de ser uma pessoa incrivelmente observadora, que ele tem diversas fases enquanto escritor né? O Veríssimo embora sempre tenha aquela nuance assim com uma certa graça, uma certa leveza, ele sempre traz uma observação comportamental e das pessoas sabe? Ele põe certa graça nisso né? E não deixa de ser crítica também porque também é.

Eu acompanhava as crônicas semanais dele assim e sempre tinha alguma crítica tinha no que estava falando. Mas assim, os autores principalmente na adolescência, não foram os autores né cara? Foi a galera principalmente do rap que é preta né? Que foi acionada pra mim porque era onde eu me via, era onde também estava mais perto de mim. Né? Mesmo eu tendo uma trajetória sendo leitor desde criança, mesmo sem esse sentido racial, eu via que ainda tinha certa barreira, né?

Falar assim pô preto, livro, será que a gente escreve mesmo? Ah gente, aí eu ficava meio balançado assim e foi o Lima Barreto que, pra mim foi praticamente o primeiro e demorou anos até eu se apresentado alguém assim que me arrebatasse de tal forma e que eu me identificasse racialmente, socialmente, no mundo do livro, no mundo da literatura. Da maneira mais engessada possível, é demorou anos muitos anos…"

Lima Barreto é uma expoente fundamental da literatura brasileira, especialmente para escritores negros e escritoras negras dos subúrbios. Lima retratou a vida nos subúrbios cariocas de forma real e crítica, como por exemplo, nas obras *Triste fim de*

Policarpo Quaresma (1915) e *Clara dos anjos* (1922), obras que criticam o racismo e a exclusão social no Brasil. O autor foi um dos pioneiros no que tange o reconhecimento nacional de autores negros, abrindo caminhos para outras autorias negras dos subúrbios.

Flávio prossegue falando do lugar de onde veio, de suas vivências e da importância de contarmos as nossas próprias narrativas:

"O lugar que eu venho pra mim é tudo, as minhas vivências assim do subúrbio carioca pra mim são tudo. E eu me sinto muito orgulhoso, por exemplo, em ter feito um livro falando desse lugar. E simplesmente colocando o nome dele de Lá de onde eu venho, sabe? Porque é pra mim é muito sensível, é engraçado às vezes, né? A cabeça de escritor né? De artista, que às vezes eu andando aqui na minha rua posso como eu ando aqui há vinte anos pelo menos da minha vida, e eu vejo às vezes poéticas, semanais sabe? Coisas assim que eu não tinha observado de uma forma poética: pô caraca isso dá uma crônica sabe? Isso dá um conto e de conseguir enxergar isso em forma de arte, sabe?

Essa observação de forma de arte né? Então pra mim é muito sensível e especial esse lugar que eu falo da cidade, né? É mostrar que ele tem esse apelo inspirador que não é só da dor, né? Porque muitas vezes quando a gente está falando de literatura preta a gente muitas vezes parte de uma de uma coisa assim de escancarar as dores da gente, né? E eu não e assim, e eu acho isso importante e sempre será. Enquanto, enquanto as coisas forem contra a gente, sempre será importante. Mas eu acho que não é a única coisa que a gente tem pra contar.

Acho que tem outras coisas que nos inspiram que são que a gente pode mostrar pra nós mesmos e também pras pessoas que nos cercam né? E racialmente, familiarmente, culturalmente, geograficamente, de que essas nuancem do lugar onde nós estamos ela também pode ser carregada de uma série de humor, de uma série de leveza, de uma série de poesia, de inspiração, além de única e exclusivamente da denúncia da dor, sabe? Eu acho que assim as minhas crônicas quando eu falo assim do subúrbio do Rio de Janeiro, embora sempre tenha alguma crítica, alguma denúncia diante sabe do abandono do estado das dificuldades que a gente passa das Desigualdades eh sempre tem aquele tom, eu sempre tento dar um um tom mais leve, mais poético assim que vai aquecer o coração. Que a pessoa fala assim sabe aquelas coisas que a gente fala assim, meu irmão isso daí é um negócio complicado. Pô mas

tem a sua graça, mas tem a sua poesia sabe? Descer a rua, com sol nascendo porque você tem que chegar cedo ao trabalho que é do outro lado da cidade, mas por um e cinco segundos você observa assim fala assim pô o sol está bonito pra caramba hoje.

Hoje o dia vai ser lindo e eu de repente eu estou desperdiçando um dia da minha vida tendo que trabalhar pra um sujeito que me desrespeita. Mas olha o sol, olha esse pôr do sol . Não é só lá na praia que se tem uma inspiração. Na natureza, nas pessoas e também é o nosso lugar, ele é importante pra isso."

Dando prosseguimento à entrevista, o autor fala de seu livro solo, das motivações e referências que o trouxeram até aqui e das redes sociais:

"Bem, o meu livro ele foi lançado no final de 2022. Mas, é um projeto, é uma gestação de pelo menos vinte anos. Porque desde a adolescência é motivado principalmente pelo rap e e também pelas crônicas do Lima Barreto e do Veríssimo. Foi a partir do meu momento com quinze, dezesseis anos e também pelas garotas obviamente, né? Porque eu também escrevi minhas poesias, não sou bobo, que eu comecei a escrever. A escrita fez começou a fazer ainda mais parte da minha vida e eu sempre tive uma produção, nesses vinte anos, nesses mais de vinte anos que eu escrevo, eu sempre tive uma produção e ela sempre foi voltada principalmente pro mundo da internet, onde tive blog e tal.

Atualmente eu também tenho um espaço onde eu coloco crônicas semanais, então a internet ela foi ela foi o lugar onde esse projeto de escritor foi gestado por vinte anos. Porque a gente sabe que a gente esbarra numa questão de que os livros têm um preço, um preço elevado pra serem feitos. Se não tivesse apoio de amigos, provavelmente esse primeiro livro não teria saído, ou ao menos não teria saído no momento que ele saiu.

Eu ainda o mercado no geral muito restrito, muitas vezes pra mostrar a nossa arte é muito, é muito difícil a gente encontrar um espaço onde a gente consiga ser autossuficiente com a nossa arte né? Tem as alternativas. Por exemplo, eu tento encontrar essas alternativas escrevendo semanalmente tendo um programa de assinaturas que eu pensei durante muito tempo e agora está fazendo uns dois meses que está engatinhando ainda, mas que isso sempre vai encontrar alguma pessoa interessada em tá ali ajudando.

E a gente precisa se desdobrar, né? Porque muitas vezes eu falo, eu falo com

outros escritores, se a gente ficar acreditando que a nossa arte se vende… Mas, gente como a gente né? Preto, periférico né? A gente a gente vai cair numa armadilha enorme, a gente não vai saber como sair. Então infelizmente a gente precisa tentar dominar o máximo de todos os processos possíveis né? Que vai desde a produção intelectual da nossa obra passando também em aprender como divulgar, como fazer as coisas, encontrar maneiras de como de como você tirar dinheiro daquilo que você tem um talento e que você acredita."

Sobre o mercado editorial Flávio Braga aponta que:

"Porque o mercado editorial ele ainda vê a gente muito como o Token sabe, assim como muito como um totem né? Ah eu vou pegar essa galera preta aqui, eu vou pegar essa galera aqui suburbana porque vai vender muito livro. Isso no final das contas não acaba sobrando muita coisa pra gente né? Mas a gente acaba colocando dinheiro no bolso de pessoas que se acharam o máximo da inclusão pelo fato de apoiar um livro de uma pessoa suburbana, de uma pessoa periférica, entendeu? E aí você vai olhar no catálogo muitas vezes é como quando a gente está na universidade à gente muitas vezes se vê como pontinho preto.

E quando a gente está no mercado editorial muitas vezes nas prateleiras, nós a gente também nós somos o pontinho preto né? E olha que essa situação está muito melhor hoje, imagina vinte anos atrás. E assim eu estou falando, eu sou uma pessoa que me considero um leitor voraz desde a minha infância, eu só fui apresentado as primeiras referências de representação positiva de uma representação que me inspirasse, na adolescência através de uns, dois ou três livros mas me vi muito mais na música do que na literatura e só agora eu estou me vendo como fazendo parte do mundo da literatura porque eu vejo que tem outros semelhantes né? Mas é muito difícil. A gente ainda é um é o pontinho preto né? Nas editoras, nas prateleiras das livrarias então nem se fala, das grandes livrarias nem se fala."

Apesar de avanços como editoras especializadas, crescimento de autores negros e autoras negras publicados (as), movimentos literários que promovem aquilombamento, além de premiações e homenagens para escritores e escritoras tidos (as) como referências, ainda vivenciamos um processo de subrepresentação nas editoras e nas listas de melhores vendas. Dessa forma, o acesso ainda nos é restrito, dificultando, por exemplo, o acesso a recursos, mentorias e redes de apoio para além dos nossos

meios de convívio.

Sobre as teorias abordadas no capítulo 2 desta pesquisa, Flávio elenca a importância da escrevivência em sua vida e escrita:

"Olha eu confesso assim que eu não eu não tenho tanta entrada teórica a respeito das influências de literatura negro-brasileira, afro-brasileira né? Mas por outro lado, eu acredito e a escrevivência é a coisa que mais me toca. Desde adolescente quando se escuta quando eu escutava um rap, quando eu escuto um samba hoje né? E assim como eu vejo livros dos meus dos meus amigos de coletivo e também de fora dele, o quanto isso me ajuda a me situar e que eu vejo que no caso da escrevivência é lugar onde eu me encontro. Que eu não estou sozinho, que tem a Carolina de Jesus, que de certa forma tinha o Lima Barreto, mas também tem o André Gabeh, sabe? Tem o tem o Leandro Leal, entendeu? Que pô, que são, que também são escritores que eu encontrei nessa caminhada, sabe?

Que outros né? Pô, ainda mais os meus amigos de coletivo do Rolé Literário, que a internet ela é foi fundamental pra essa reunião né? Porque facilitou muito no sentido de conhecer trabalho de outras pessoas que não tem tanto reconhecimento, mas que eh aprenderam a se organizar, a se reconhecer como um grupo minimamente coeso né? Porque se identifica além da literatura, não é só a literatura, ela é um detalhe.

A escrevivência ela acabou e nos aproximando e eu acredito que ainda mais assim a galera que não é muito ligada no sentido acadêmico da literatura, ela vai falar assim o que é, assim como eu vai falar o que sente o que o que tem de experiência sabe? É porque a gente vê que a escrevivência ela toca o coração de todo mundo, porque as pessoas elas se identificam, as pessoas se inspiram a partir disso. É muito legal você escutar as pessoas falando assim cara, uma aula, inspirou outras crônicas, sabe? Né? Porque as pessoas se identificam mesmo sem saber conceitos. Sabe? E quando a gente menos se vê a gente está ali eh envolvido numa caixa né de literatura afro-brasileira, essas coisas todas e eu enxergo mais ou menos assim, eu confesso que eu não tenho muito cabedal teórico pra ficar falando de influência e de literatura afro-brasileira, mas assim a escrevivência pra mim e me foi e ainda me é muito fundamental em todo esse processo de inspiração, de fortalecimento da minha arte e tudo mais."

O autor encerra a entrevista falando de pertencimento, coletividade e legado:

"Pertencimento pra mim… Tem uma tem uma comparação que eu sempre gosto

de fazer né? Tem um bairro que eu amo de paixão que é o Engenho de Dentro, um lugar onde foi o primeiro lugar aqui que me serviu de residência e algumas ruas do Engenho de Dentro, elas me fazem eh por um raro momento, para um homem preto, abaixar a guarda. Porque você sabe que está no seu lugar, você sabe que pertence aquele lugar, mesmo que as pessoas elas, necessariamente não te reconheçam. E pertencimento pra mim é isso, andar, estar em um lugar mesmo que sozinho, com a guarda baixa sem se preocupar se você vai ser agredido, se você vai ser parado a polícia, se você vai levar uma bala perdida, se você vai ser assaltado, né? Se vão te perguntar de onde você é? Porque você está leve, você se sente à vontade no espaço.

E essa comparação com o Engenho de Dentro eu faço, porque para mim é no mesmo sentido de estar numa literatura suburbana, numa literatura de escrevivência. É um lugar onde eu me sinto à vontade em estar, né? Assim como eu me sinto muito à vontade de estar do lado das pessoas que se parecem comigo sabe? Eh porque eu acredito que quando elas estão também do meu lado e também do lado de outras pessoas como a gente é o momento de guarda baixa né? Então pra mim pertencimento é isso, é andar de guarda baixa. É andar numa completa paz e segurança né? Isso pra um homem preto no Brasil, isso pra uma pra população preta no Brasil é um é um bem precioso e raríssimo.

O que eu almejo é reconhecimento como escritor. Eu acho que não tem não tem muito, além disso. Eu sonhava, por exemplo, até há pouco tempo em escrever pra jornais crônicas, mas uma companheira de coletivos suburbanos, a Raquel Lima, me mostrou uma parada. Falou assim, pô Flávio, você já escreve semanalmente, você tem um público né? Será que você precisa de jornal, de escrever pra jornal? Fica aí a questão, eu fiquei meio inquieto a partir disso sabe?

Eu almejo é um pouco também de sonho não só de escritor como também de sonho de professor, porque eu sei que muitas vezes a escrita, dependendo da situação é meio truncada né? As histórias, às vezes as pessoas não se reconhecem, as pessoas acham chato, as pessoas não se identificam com aquilo dali, que você tá falando de coisas que muito distantes, enfim. Eu quero ser reconhecido como um como um escritor que tem uma leitura, daquelas leituras que quando as pessoas param de param pra ler um, por exemplo, um livro meu que fala assim caraca eu nem vi o tempo passar porque sua escrita é muito leve, é muito boa, é bem fluída Eh eu quero esse tipo de

reconhecimento né? Isso tem a ver também com incentivo a leitura porque às vezes o povo, as pessoas falam pra mim chega pra mim assim pô Flávio eu nem gosto de ler, mas eu me amarro nas coisas que você escreve. Aí eu estou sentindo, eu estou atingindo dois objetivos entendeu?

O primeiro é estar chegando a uma pessoa né de falar assim pô o Flávio é maneiro. Outro é fazer com que de repente eu coloque uma sementinha naquela cabeça de que ela pode que ela tem condições de ler outras coisas, de gostar de outras coisas. Sabe? Eu não preciso estar na ABL, né? Mas eu posso com a minha escrita chegar a mais pessoas, se mais pessoas se identificarem com as coisas que eu escrevo, com as coisas que eu sinto e que e que isso serve também como instrumento pra que as pessoas também encontrem o seu lugar no mundo. E assim, não só de pertencimento, de identidade, mas também de capacidade.

Quando as pessoas me falam que gostaram de ler um negócio meu, mas não leem em outra coisa ou fala que e que ler é difícil, eu quero provar pra essa pessoa que não é isso que se ela tiver um tempinho pra se exercitar essa leitura ela vai poder ler e vai poder entender o que ela quiser, é isso que eu almejo então é além dum sonho de sabe? É um sonho praticamente de professor, de professor alfabetizador, entendeu? Eu fico muito contente que a minha escrita sirva como uma abertura de horizontes pras pessoas. Eu torço muito pra que os meus textos eles sirvam pra isso. E eu trabalho muito pra que pra que a partir dele esse tipo de abertura seja possível.

Eu acho que esse é o esse é o meu maior legado. Sabe as minhas coisas inscritas aí e as pessoas olharem e falarem assim pô o Flávio é igual o Maurício de Souza, igual os quadrinhos do Maurício de Souza, porque eles convenceram as pessoas de que ler é divertido, de que ler é legal né? De que ler é um bom Passatempo sabe? O Maurício de Souza eh com os quadrinhos dele é isso. O Ziraldo com os com os livros dele de infância é isso. E eu quero ser isso. Eu quero ser isso de certa forma. Eu não estou querendo me comparar ao Maurício de Souza, ao Ziraldo, por exemplo, mas eu quero deixar isso minimamente de legado sabe? De que ler é bom, ler é divertido, ler é gostoso, ler é um é um exercício que de autoconhecimento e assim por diante."

Flávio Braga nos traz, dentre outros apontamentos importantes o lugar de onde vem como o lugar em que mesmo em meio as armadilhas do racismo, ele enquanto homem negro pode "baixar a sua guarda". O autor também nos aponta para o direito ao

sonho, que cruelmente é negado a pessoas negras, através das violências e falta de oportunidades ocasionadas pela estrutura que reproduz diariamente o racismo. Na próxima seção traremos a entrevista com o escritor Philippe Valentim.

3.5- Philippe Valentim

"Subúrbio é terra de dois, terra de dois irmãos

Chama os Pedrinhos, Mariazinhas, Zezinhos, Crispins, Aninhas, Margaridinhas e Douns.

Toca pra Dois-Dois. Taca fogo no fato! Joga suspiro pro alto.

Quem manda nos jardins floridos, nos campos do Humaitá sem guerra, nas beiras das praias é Ibeijada! Deixas as quianças brincar, vibrar e bagunçar.

Nós galopes dos cavalos de Ogum e ventos de Iansã, as traquinagens dos erês governam os mundos sonhados e possíveis. Entre doces brancos e guaranás quentes de doer a barriga os miúdos bagunçam e mudam num rabo de foguete.

Que sejamos Mariazinhas balançando as saias

Pedrinhos escondidos na mata & Zezinhos cavalgando cavalos do mar (como ele gosta de chamar).

Abre as porteiras das casas e bota a menozada pra correr atrás de doce. 7 qualidades brancas e um preto pra adoçar os que se perderam.

Deixa os Enzos e Valentinas se encantarem pelas ruas. Enfeitarem as ruas de gargalhadas e bagunças. No Aye e no Oruún a quiançada brinca, sacode e saracuteia.

Que nossas ruas, becos e vielas doces e saborosas como o primeiro saquinho de doce de um 27 de setembro.

Qual é o dia de Cosme e Damião? 26 ou 27?

Aquele que pegou o cavalo de meu pai só pra passear escolheu brincar 27. Saraivada de suspiro pro alto! Copo de guaraná quente, que a Ibeijada guarde a doçura e coragem.

Na tradição resistente onde a flor ou brota do asfalto ou não tem chão. Todo setembro os campos de pedra e dureza borbulham de futuros sonhos, gêmeos que não existem e sorrisos adocicados.

Meu credo mal rezado é versado na patota de Cosme e batucado por Damião,

seu irmão.

Sagrado é sorrido da menozada e brincadeira de Ibeijada no terreiro. No avesso do morro onde as infâncias são roubadas por rajadas de fuzil, o sonho de todo mês nove é um saquinho cheio e farto de guloseimas.

A rua é da Ibeijada! De vez em quando eles emprestam só pra distribuir gargalhadas depois.

Amor, paz e alegria! Quitandinha de Erê.”

Texto de Philippe Valentim.

Figura 6: Foto de Philippe Valentim



Fonte: Acervo Pessoal

Philippe Valentim tem 37 anos, é suburbano de Marechal Hermes, no Rio de Janeiro. Professor, historiador, escritor, assistente editorial na editora Oficina Raquel, agitador de bagunças culturais e contador de causos. É idealizador do Rolé Literário e do Viradão Cultural Suburbano. Idealizou e participou como escritor da coletânea *Encruzilhadas suburbanas.*

Conheci Valentim no ano de 2017 e não foi por meio da literatura, e sim através da Pós-Graduação em Ensino de História da África, na unidade do Colégio Pedro II, no

Centro do Rio de Janeiro. Nesse período nem poderíamos imaginar o quanto a literatura nos uniria e fortaleceria os nossos laços. Meu ingresso no Mutirão Cultural Rolé Literário, se fez a partir do seu convite, em 2021, porém logo na criação do movimento, o mesmo já havia me convidado para os encontros, porém a carga de trabalho na época não me permitiu participar. Mas, as encruzilhadas da vida trataram de promover essa aproximação e parceria.

Segue abaixo a entrevista do autor:

"Olá, bom dia! Tudo bom Janaína? Respondendo né? O meu nome completo é Philippe Valentim de Araújo Malízia artisticamente uso o Philippe Valentim tenho 36 anos sou nascido e criado na zona norte do Rio de Janeiro, mas precisamente nascido e criado em Marechal Hermes e atualmente habito Oswaldo Cruz. E a minha trajetória? Vamos dizer com a literatura ela se perpassa por dois aspectos, três aspectos que eu acho que muitas crianças e muitos meninos suburbanos se confundem.

Ele é o primeiro alguém em casa lendo e no meu caso era minha mãe, minha mãe era uma fã da literatura, lia coisas como Sabrina, como Júlia, mas também lia Machado de Assis, Jorge Amado. Isso me marca muito, sobretudo Jorge Amado que eu acho que é meu autor preferido. E segundo aspecto é o livreiro de rua, em Marechal eles tinham dois livreiros né um com uma literatura mais adolescente, então coleção Vagalume e essas outras coleções mais voltadas pra jovens e adolescentes, leituras escolares e num segundo aspecto havia a troca então tinha um livreiro que tinha uma barraca muito grande então ele permitia a troca."

Valentim retrata a importância da obra de Jorge Amado, um dos principais autores brasileios do século XX, que ao longo de suas atividades, trouxe personagens negras em várias de suas obras, promovendo a reflexão sobre a diversidade étnica da Bahia e do Brasil.

Valentim nos conta sobre a importância do incentivo à leitura, transmitido por sua mãe e da importância do acesso às bibliotecas escolares, para crianças e jovens. Além disso, nos traz um importante debate sobre a colocação do livro e leitura como um lugar de castigo, na educação básica:

"Eu lembro que minha mãe desde muito novo me incentivava a fazer a troca então eu cresci com esse universo da troca de livro. O terceiro aspecto da leitura pra mim se dá num lugar um pouco mais complexo que é a escola. Então eu encarei a sala

de leitura, a biblioteca como um lugar do castigo. E eu acho que isso é uma trajetória sempre muito negativa pra todos os meninos e meninas pobres né? Todo mundo que nasce dentro da pobreza porque você encara o livro como um chicote né? O livro ele acaba tendo um peso de um tapa, tendo peso de um castigo quando na verdade livre é libertador e dentro dessa lógica do castigo na sala de leitura eu passei a ler.

Então dado momento eu forçava algumas idas a sala de leitura. Ainda nesse primeiro estágio das salas de leitura das bibliotecas eu me lembro que um dos um dos meus primeiros livros novos foi se eu não me engano Iracema. É isso mesmo Iracema, que um professor de língua portuguesa passou ali sétimo ou oitavo ano talvez e eu não conseguia acompanhar a leitura né? Não tinha muita concentração eu ainda não tinha percebido como minha concentração pra literatura toda se desenhava e me deixa muito estarrecido né porque ele a partir daquilo cometeu um ato de racismo, um ato de aporofobia, né? Dizendo que eu não conseguia lei, que eu não seria nada.

Aquilo me violentou de uma maneira muito grande, tanto que é um livro que eu nunca consegui retomar a leitura. E eu sigo no Ensino Médio, continuo leitor, eu brincava que eu lia, eu brinco né falo sobre esse assunto que eu lia escondido, né? Porque estava ali na adolescência, descoberta da sexualidade e dos afetos e muito dessa posição masculina e homem não lê. Então rechaçava muito essa minha predileção, esse meu sabor leitura, né? Então eu era um que era envolvido com o movimento político na escola, fui envolvido com outros grupos e articuladores dentro de uma escola técnica muito grande e também muito brigão.

Então a literatura ela não tinha um espaço social, eu passo a me ver e escrever e como alguém que escreve já um pouco mais tarde na minha fase adulta. Eu chego à academia pra cursar história, tendo ali a literatura como algo muito transversal na minha vida e no meu pensamento, mas eu chego a pensar no pulsar literatura, mas esbarro na língua portuguesa, né? Não que eu seja o contrário a língua portuguesa, as normativas, acho que isso compõe a nossa constituição do conhecimento científico. Mas ali naquele momento eu muito jovem eu me sentia muito inseguro pra me dedicar à literatura, eu me sentia muito sem condições de encarar uma universidade de língua portuguesa.

Então eu vou pra história porque era um lugar que eu me sentia mais seguro dentro da pesquisa, dentro da leitura e dentro das interpretações de texto. Tudo isso vai

me construindo como alguém que gosta da literatura e chega a fase adulta como alguém que escreve mas muito mais por paixão, por tesão, por prazer do que é propriamente dito por uma obrigação, ou um sonho de uma carreira no campo da escrita, isso chega um pouco mais tarde na minha vida e ainda talvez eu esteja muito bem definido, mas a minha trajetória acadêmica é muito atravessada pela literatura, sobretudo em momentos que eu ficava muito travado e aí eu tinha que recorrer a literatura ou a minha própria escrita de alguma forma pra poder fazer um download daquele lá esvaziar um pouco e seguindo a minha trajetória intelectual."

Esse trecho da entrevista, ratifica que, infelizmente, a literatura brasileira, historicamente foi marcada pela exclusão e marginalização das vozes negras, refletindo em subrepresentação, perpetuação de estereótipos, invizibilização das histórias e experiências negras e apropriação cultural por parte de autorias não negras, que levam elementos da cultura negra para suas obras, sem a devida compreensão ou respeito.

Valentim prossegue falando de suas maiores referências literárias e da descoberta de escritores negros em sua adolescência:

"E como eu falei anteriormente, uma das minhas principais influências é o Jorge Amado. Ele me influencia muito intelectualmente, ele me influencia muito por essa coisa muito urbana, por essa escrita que perpassa a violência, que perpassa o sexual, que perpassa as coisas que eu via mesmo não sendo baiano, mesmo não sendo alguém que está inserido naquele contexto da Cidade Alta de Salvador, no contexto do interior da Bahia, mas eu sempre tive um sabor muito grande por ler o Jorge Amado porque eu acho que ele escreve coisas da gente.

Depois eu vou encarar eh os contos do Machado, já um pouco maior. Tive aquela passagem pela série Vagalume, que eu acho que todo mundo teve. Mas, eu descubro uma pessoa de literatura do primeiro ano, os contos de Machado de Assis. E aquilo é mágico, aquilo é mágico porque eu me vejo lendo um, entre aspas, né? Não comparando, mas eu me vejo lendo um Jorge Amado. Mal sabia que eu mal sabia né? Que eu gostava na verdade era de uma literatura urbana.

Uma literatura que desse conta da urbanidade, eu sou um fã da cidade, como aquele que vive na cidade, aquele que transita na cidade e aí eu vou pro Jorge Amado que transita na cidade depois eu descubro o Machado que constrói o imaginário de cidade do Rio de Janeiro e ainda fui saber que Machado é preto né? Isso é muito

marcante na minha cabeça, porque eu descubro que o Machado é preto acho que já no final do meu ensino médio E tem um outro autor que me surpreende também que é preto porque o primeiro livro que eu depois é que eu tenho um livro, que eu furto de uma dessas salas de leitura e não foi num momento de castigo, foi uma sala de leitura em que eu frequentava, que é o livro do Cruz e Sousa. E aí eu queria o livro de poesia pra poder dar em cima das meninas, mal sabia eu que estava levando Cruz e Sousa e eu me apaixono por um poema chamado "Cárcere das almas" e esse poema chamado "Cárcere das almas" é um poema que eu carrego muito, talvez seja um dos poemas que eu conheço, que eu não digo que eu consigo recitar de cabeça, mas que eu conheço bem e aí um dado momento eu estou na faculdade estudando alguma coisa e eu vejo uma referência como o Dante Negro ou Cisne Negro ao Cruz e Souza e aí eu acho bonito.

Fico com aquilo, em um momento que eu falei assim caramba é o livro que eu tenho, é o Cruz de Souza, é o "Cárcere das almas", é o cara que escreveu aquela coisa que eu acho linda, me balança, que me bagunça, né? O "Cárcere das almas", uma poesia que é muito intensa pra mim. E eu falo caramba, esse cara é preto! E ninguém me contou que esse cara é preto, ninguém me contou que o Machado era preto. Ninguém me contou que o João do Rio era negro, que o Lima… E aí eu vou lendo coisas, eu começo a encarar na escrita desses caras o racismo que me afligiu, mas eu só conseguia também entender porque eu já sabia o que era racismo e no momento também ninguém me disse que homens negros né, podiam escrever tão belamente como Cruz e Souza, podia escrever coisas tão apaixonantes e tão intensas quanto o João do Rio e isso mexe muito na minha cabeça, mas já num numa segunda etapa da minha existência.

Até então, eu acho que meu ódio pela literatura, o meu o meu desmazelo, ódio não porque eu nunca tive, mas o meu certo desmazelo pela literatura, porque aquilo era uma coisa que não estava acessível à aos meus amigos, aos meus parentes, aos meus familiares que era o fato de sermos negros. Né? Então negros não escreviam, negros não tinham essa sutileza, não tinham essa beleza, não tinham esse encantamento de escrever um livro. No máximo uma música, né? Um livro grosso, como as crianças pensam, não tinham."

Nos trechos seguintes o autor relata a importância da literatura negra feminina em sua vida e na importância de ter autores que fazem parte do seu círculo de amizades

como referências de literatura negra na contemporaneidade, para o fortalecimento da sua autoestima e reconhecimento de si mesmo como escritor dentro desse contexto:

"E aí eu me deparo com essas pessoas negras que vão escrevendo e depois eu encontro Maria Firmina dos Reis em Úrsula e acho que é uma coisa muito mágica na minha vida, que é perceber essas outras pessoas, esses outros sujeitos como escritores, como pessoas de direito. E isso mexe muito com meus afetos, com o meu gosto pela literatura. Porque eu passo a me encarar como escritor encarar outras pessoas negras contemporâneas como escritores. E dizer isso pra eles , dizer isso pro Leandro, pro André, pro Flávio, pra tantas pessoas, porque eu acho que a gente falta, muitas vezes não um auto-reconhecimento, mas a gente precisa desse afago, porque é necessário também, né? Ser afagado, ser abraçado, ser acarinhado e imaginar quanto que eu poderia ter sido acarinhado por esses sujeitos que embora não presentes de corpo, mas presentes em suas obras,

Acho que ter o autor negro, o homem negro e que escreve com uma beleza, com afeto, com afinco, com tesão grande, é muito bom, né? Acho que descobrir isso tardiamente não foi positivo, mas foi o jeito que deu, vamos dizer assim."

A seguir, o autor trata da questão do lugar da escrita e das influências dos lugares de onde viemos nas nossas narrativas e do nosso lugar na construção do imaginário social:

"Eu acho que o lugar da escrita ele está muito centrado num primeiro momento, a partir daquilo que você lê e num segundo momento, a partir daquilo que você vê. E eu acho que a leitura, ela me permitiu, por exemplo, usar muito a piada, o pitoresco, o bem humorado nesse lugar que a crônica e o conto nos entregam enquanto escritores e iniciantes, né? Que são as narrativas mais curtas, que são as narrativas mais lentas. Olhando pra um segundo momento e aí voltando na questão das influências territoriais, de como o espaço influencia eu sempre acho um exercício muito abstrato quando veja o escritor que escreve sobre um outro país.

Eu acho a ficção científica dificílima, complicadíssima, embora a ficção científica ela sempre coloca alguns países, alguns lugares, no centro de toda a guerra intergalática. Quase sempre os Estados Unidos, mais recentemente a China aparece. Mas eu acho que o lugar que a gente está influencia muito pro negativo e pro positivo, né? Eu acho que às vezes a gente transita, sobretudo quando a gente é do subúrbio,

das periferias a gente transita muitas vezes entre um lugar muito belo, muito lírico e talvez entre um lugar muito violento, é como se houvesse no lirismo que dá também uma um certo estado de bestialidade né? De quem assiste aquilo, como de quem assiste todas as mazelas da vida em forma muito blasé é uma coisa muito Zé Carioca, mas também quando se coloca sobre a égide da violência a gente está sendo formado, enquanto autor, enquanto intelectual da literatura, enquanto intelectual da escrita, enquanto quem pensa o mundo a partir da escrita, enquanto quem escolhe o mundo pra própria subjetividade por meio da escrita.

Porque poderia ser a música, poderia ser as artes cênicas, as artes circenses, a pintura, a escultura, mas nós escolhemos, talvez por uma maior facilidade, maior dinamismo é literatura. E muitas vezes você é bombardeado o tempo inteiro por uma série de ideias pré-concebidas, né? Previstas, o subúrbio, a Zona Norte, Zona Oeste, Baixada, Periferias elas só aparecem pela violência, nessas violências cotidianas e a gente fica o tempo todo sendo porque também nós somos o tempo todo e bombardeados por uma ideia de que onde nós habitamos ou escolhemos ou nascemos somos atravessados pela violência."

Valentim nos fala dos estereótipos fortalecidos por meio so audiovisual e da literatura, a respeito das pessoas que vivem nos subúrbios e periferias e sobre o lugar que as nossas vivências enquanto escritores e escritoras nascidos nesse lugar subjugado ocupam:

"E aí há um não vou dizer um compromisso, mas é certa ideia de que é preciso também romper com essa lógica imagética e subjetiva. A lógica de um suburbano está sempre gritando, a gente vê isso muito na televisão e no cinema brasileiro. Mas também uma lógica de que tudo ali é violência. Não é tudo Cidade de Deus, não é tudo Os Farofeiros, há um meio de caminho, há o casamento, há o batizado, há a festa, há a morte, Há todas as nuances, que todas as pessoas possuem no seu cotidiano.

E aí eu acho que o subúrbio inspira por isso, né? Inspira pela paisagem. Eu por um longo momento da minha vida a minha paisagem era a paisagem ferroviária. Então observar a paisagem interna do trem e externa me entregava muito prazer pela escrita, me entregava muitas histórias, eu passo depois a escrever sobre subúrbio, sobre uma lógica menos observadora e mais de vivência. Então eu trago muito mais os meus afetos pro subúrbio, eu trago muito mais daquela escrita, eu trago muito mais daquilo

que eu vivenciei, da minha cara de subjetividade ou às vezes aquilo que eu pude haver então me entrego muito mais à fabulação sobre subúrbios.

Então isso me entrega um outro um outro lugar da escrita, mas eu sempre falo que eu sou um instrutor que sou nascido e criado no subúrbio, então as minhas ordenanças, as minhas observações, as minhas histórias centrais elas vão passar por muitas e por muitos ícones desses subúrbios, né? Talvez ícones observados e já predeterminados como suburbanos e talvez ícones menos predeterminados, então tudo isso precisa ser amarrado na nossa cabeça.

Eu acho que eu passo a notar, eu passo a sentir essas influências, nos últimos anos, acho que a partir do Rolé Literário. Um coletivo de escritores que se propõe num primeiro momento ser um lugar de escritores e perceptivelmente um lugar de escritores pretos e num segundo instante esse lugar da escrita ser muito construída a partir desses territórios negros, eu acho que isso vai construindo a literatura. Eu acho que essa influência da literatura negro-brasileira ela é muito importante. Sobretudo pra mim, tinha esquecido de citar o Nei Lopes como um uma inspiração, como um farol dentro da literatura, dentro daquele negro que pensa as possibilidades literárias, vamos dizer assim, que pensa não né? Que na verdade Nei, ele faz as histórias se desmancharem, pra ele é uma coisa bonita, então ele se debruça sobre tudo aquilo que vem do subúrbio de uma forma muito corajosa, muito forte, muito intensa."

Valentim prossegue, trazendo a importância e a responsabilidade que possuímos na produção de uma literatura negra brasileira, diante do fato de estarmos inseridos dentro de um conjunto de autorias, onde temos pessoas que abriram esses caminhos e seguem produzindo literatura e a importância desses referenciais para as novas gerações de escritores e escritoras:

"Esse é o Nei Lopes na minha, na minha concepção, intenso na literatura dele e visto isso é sempre bacana pensar que o não é o conceito que talvez me influencia mas a percepção de estar nesse lugar, eu acho que o conceito ele vem depois de entender onde eu estou, depois de entender a categoria. De como essas escritas, de como essas vivências que se desdobram pras escritas elas vão ficando muito latentes dia após dia e que muitas vezes se tornam, tem um peso de um fardo, né? Você pensar que escreve uma literatura negra brasileira que você está inserido naquele conjunto. Às vezes é um pouco pesado né? Porque a gente está falando de Lima Barreto, está falando de

Conceição Evaristo, Maria Firmina dos Reis, de Cidinha da Silva, Machado de Assis, Nei Lopes, né? A gente está falando de diversos nomes importantes da literatura

Mas, de um outro lugar é muito acolhedor porque mostra que tem uma trajetória, que tem uma gíria que já foi iniciada né? Que esse xirê não é novo e não sendo novo é muitíssimo prazeroso estar nele né? Porque se ele se ele já existe há um tempo significa que muita gente pisou nesse chão, dançou nessa roda colocou a sua energia vital, colocou os seus afetos, os seus prazeres os seus sorrisos as suas lágrimas nesse lugar Então a influência ela é da história do como eu quero narrar a periferia, os subúrbio, o homem negro, a mulher negra mas é por um outro lugar muito interessante saber que há uma série de pessoas que já estavam pensando aquilo nem pensava ou quando nem tinha nascido ainda. Então essa influência ela é ela não é tão, na minha cabeça ela não é tão conceitual. Ela é talvez não banalizando o termo, mas ela é um pouco mais espiritual. O espírito não nos Tido religioso, mas no sentido anímico. No sentido de uma compreensão metafísica daquilo que eu produzo. Então digamos que na minha cabeça a metafísica da literatura pra mim está nesses lugares da literatura negra, na literatura aquilo que eu acredito sem ver é acreditar que há uma linhagem daquilo produzida e que continua existindo, que continua produzindo novos atores e novos autores né? Pra essa literatura.

E é bom, você olha você vê Geovani Martins, né? A gente vê uma série de novos autores que são pertencentes a essa linhagem, a essa massa coletiva que produz a literatura dentro de um país profundamente racista, mas também produz uma literatura potente forte influente e bonita, uma literatura que denuncia e essa influência ela é muito forte, mas, uma literatura também que se propõe a ser esteticamente bonita né? Ver que alguém descobre Machado de Assis em 2024 enlouquecido com Brás Cubas, aí você fala assim cara Machado não morreu, Machado está mais vivo do que muito vivo isso é uma influência muito grande né porque não é só o conceito, é esse conteúdo espiritual que de alguma forma paira, mas que também perpassa né? Toda negro-brasileira e toda literatura afro-brasileira."

O autor nos traz reflexões importantes sobre as mudanças promovidas na cadeia do livro e da leitura por meio das redes sociais e sobre o mercado editorial:

"Sobre o papel das redes, eu acho que o primeiro papel da produção, as redes sociais esses esse novo esse novo modelo de humanidade que nós temos. Com redes

com lugares de escrita que dá um pouco mais de autonomia, mas não necessariamente democratizam porque a gente está orientado por uma série de algoritmos. Essa palavra do momento essa palavra da modernidade, então a gente passa a produzir outras coisas, produzir cenas mais cotidianas mais rápidas, pá pum, pá pum, pá pum, desculpa o termo, mas é aquela coisa muito do dia a dia e as redes sociais elas de alguma forma dão um pequeno impulso né? Não um grande impulso, mas aquela coisa de uma bolinha de papel atirada pra frente por uma criança, ela não vai longe, mas ela vai pra frente então acho que a acabam muitas vezes dando essa possibilidade e cria uma rede que eu acho uma segunda rede que eu acho muito bonita que é do amigo admirador né? Aquela pessoa que convive há muito tempo com você, mas que não sabe que você tem esse talento tem esse dom, tem essa paixão pela escrita e bacana porque você não é só visto por um terceiro, você é visto por alguém que lhe é próximo. Isso é um um lugar bem diferente que eu acho bonito, né?

Por outro lado tem ideia da aceleração, das histórias serem mais curtas, mais rápidas, mais ágeis e que não é uma verdade única. A gente vem acelerando desde o advento da televisão, sobretudo da televisão a cores. O advento da fábrica torna o tempo do homem a venda né? Então a gente se pune por escrever e se pune por ler. Porque tempo é dinheiro, Time is Money.

Mas a rigor a gente vem perdendo o direito ao ócio, o direito ao subjetivo, o direito ao autoconhecimento que vai se dar por vários fatores inclusive o sentar e ler ou o sentar e escrever. Esse é um grande problema, o outro é que essa tese que as redes sociais aceleram que é pessoas desejosas de escrever mais rápido e mais rápido digo escritas mais rápidas da leitura e escrever mais rápido em quantidade, o que não necessariamente produz uma literatura mais plural, muitas vezes uma literatura extremamente repetitiva e aí quando a gente vai pro mercado, essa grande essa grande mão invisível da de todas as coisas invisíveis que está ao nosso redor.

O mercado ele vê a literatura de periferia e literatura negra sobre dois aspectos. O primeiro aspecto acha tem que ser uma literatura de sofrimento e da dor. Então mesmo em 2024, com mais de cem anos após a emancipação dos negros nesse país ainda é necessário ter uma literatura do grilhão, ainda é necessário ter uma literatura da chibata, ainda é necessário ter uma literatura da dor. Uma literatura que não é escravista né? Mas é uma literatura de ares escravocratas.

Então a gente precisa meio que colocar o negro, o periférico nesse papel da dor, esse papel do Grande sertão veredas, nesse papel dos Sertões, né? O homem que é forte, mas tu vai morrer de fome aos trinta anos. Então isso ainda é um processo que a gente precisa maturar sobre que tipo de história a gente quer e que tipo de história e que tipo de subjetividade sobre os corpos periféricos e negros exigimos ter. E a outra literatura é a literatura do pitoresco. É como se aquele corpo da periferia ele tivesse que entregar entretenimento, entretenimento barato, entretenimento rasteiro como se fosse pra rir e somente rir pelo deboche, somente rir pelos estereótipos pré-marcados daquele grupo. Que foram muitas vezes demarcados por outro grupo que não vive aquela realidade.

Então o mercado ele fica nesse lugar, e óbvio ele impulsiona escritores tanto em começo de carreira quanto em meio de carreira a escreverem sobre aquele modelo, escrevendo sobre aquela perspectiva. Isso é extremamente tenso, porque os autores precisam de alguma maneira, as pessoas precisam de alguma maneira se adequar ao que o mercado quer, se ele quer estar numa prateleira, se ele quer estar numa vitrine. Isso problemático porque não está só determinando quem vai estar, está determinando o que vai estar. E eu acho que esse é o papel mais complexo do mercado. Ele precisa vender obviamente, mas ele não se espelha ou não se esmera pela diversificação do produto narrado ou da história narrada.

Não há um incentivo, é como se não pudesse haver o amor, o casamento, a separação, a desilusão amorosa, a brincadeira entre crianças e não uma brincadeira talhada pela pobreza, uma brincadeira talhada pelo brincar. É como se toda subjetividade negra e periférica tivesse obrigatoriamente que está sobre a dor ou sobre o pitoresco né? Ou é aquela dor que eu já imagino que aquele corpo sinta ou é o pitoresco que algum momento entendi que aquele corpo uma vez livre e uma incapacidade de refletir sobre si joga pra dentro da própria subjetividade.

Então esse é um ponto que eu acho que o mercado editorial ele gera prejuízos na construção da subjetividade brasileira. Ele não ele não abre o espaço pra outros modelos de história e claro o autor, o escritor ele deseja estar no espaço que é um espaço de maior glamour né? O autor como qualquer artista ele é carregado, impregnado de vaidades e precisa ser carregado impregnado de vaidade e ao ser carregado, impregnado de vaidades ele acaba muitas vezes se debruçando, se

colocando, se permitindo escrever sobre essa mão não tão invisível no mercado, mas porque a gente sabe que essa mão ela é racista, essa mão ela é aporofóbica, ela não gosta de um pobre, né? Amarra assim todo um conjunto de estereótipos que precisam estar nessas histórias por nós narradas."

Valentim encerra a entrevista realizando pontuações importantes no que diz respeito ao pertencimento e sobre legado, numa perspectiva focada também no nosso tempo presente:

"Acho que pertencimento é uma palavra que ela se tornou muito banal nos últimos tempos aqui no Brasil, se banal para alguns grupos específicos da sociedade brasileira, sobretudo aqueles que vêm buscando um aumento de direitos, entrar no rol daqueles cidadãos de direitos e deveres não apenas de deveres, mas acho que pertencimento está um pouco implicado na minha resposta anterior né sobre o mercado e sobre esses aspectos, porque quando a gente fala sobre a pertença, a gente está falando sobre o lugar que eu me vejo e sobre como eu me enxergo nos aparelhos e aparatos subjetivos, nas artes como um todo.

Nessa coisa de que a vida existe, a arte existe porque a vida não basta. Ela não é só uma realidade, mas ela é uma essencialidade da vida humana. O ser humano se produz objetivamente, mas se reproduz subjetivamente. Desde as primeiras pinturas rupestres, desde as primeiras das dos primeiros modelos de escrita. Não raro em guerras, homens vão escrever todas suas subjetividades em diários. Que é outro relato dos conflitos que não obedece aos cânones. Às ordens e construções para a posteridade, está feito ali no calor do momento. E eu acho que o pertencimento é ver histórias onde a gente possa se perceber, se perceber não só pertencente, mas participante, não como um observador que está sob a procissão, mas como alguém que está dentro de uma procissão ou como alguém que está dentro de um xirê. Né? Como alguém que está dentro daquele espaço.

Quando alguém faz uma narrativa né? Sobre um amor dentro de uma lógica suburbana, periférica e eu percebo que aquela narrativa vem do subúrbio, você na verdade sente um certo afeto, um certo quente no coração. Acho que o pertencimento é isso, é a generosidade é a percepção do olhar e uma história que não que não se torne pro leitor ou que não se torne praquele que está ouvindo um surrealismo, não um surrealismo do Salvador Dali, mas um surrealismo de que aquela história jamais se

passaria naquele território ou que jamais passaria naquele lugar ou que seria impossível ter um personagem com aquelas características absurdas, né? Demasiadas, né? Personagem que grita o tempo todo, que é malandro o tempo todo, que é bobo o tempo todo, tudo isso é impossível existir da vida.

Mas, muitas vezes o subúrbio, a favela, a periferia é na rádio como coisas impossíveis de acontecer na vida. Como se não houvesse ternura, como se não houvesse a diferença de humor, acho que o pertencimento ele está nisso. A pertença é me ver como participante pelo menos pra mim é se notar como alguém que vive aquele lugar, alguém que vive aquela realidade, alguém quando lê aquela realidade ou quando escreve está escrevendo a partir de um princípio factível. Sem perder o subjetivo, sem perder o artístico, sem perder o literato. Mas sobre lugares possíveis, sobre lugares corriqueiros.

Acho muito interessante quando eu leio Lima Barreto e ele muitas vezes coloca o centro como o lugar, a cidade né? Ir à cidade. E meu pai tinha essa narrativa , quando ele ia trabalhar na cidade, quando ele trabalhava com o preposto de uma empresa, ele falava ir à cidade. Então ele saía do subúrbio então tinha essa ideia de urban e de sub urban, então é isso eu me sinto contemplado, me sinto pertencente.

Então tudo isso são aspectos que muitas vezes passam desapercebidos, digamos, de um leitor que não está naquele estágio de vivência com aquele lugar Então ele lê como o cara que está vendo a procissão de cima e que muitas vezes não entende a procissão. Eu acho que o pertencimento ele está muito mais naquele sujeito que consegue entender aquele chão pisado pela literatura e que ele também pisa. Eu acho que é muito disso. Pertencimento está muito ligado ao chão, está muito ligado da onde eu vim e onde eu estou.

Confesso que eu acho que eu nunca tinha pensado na ideia de legado, até porque eu acho que eu nunca tinha pensado na ideia de escritor, até cerca de cinco, seis anos atrás. Então, pensar um legado ele é um pouco, não vou dizer que soa absurdo, mas soa um pouco distante. Mas vamos a esse exercício… mas acho que o legado ele já está, eu acho que ele vai sendo construído dia após dia né? Ele é construído quando pessoas se debruçam sobre essas novas literaturas periféricas, quando pessoas levam pra roteiros de televisão e cinema, outras possibilidades, outras imagens dos subúrbios e periferias brasileiras que não carregados dos estereótipos

daqueles que não foram criados ou que nunca vivenciaram os subúrbios e as periferias do Rio de Janeiro, do Brasil, vamos botar de uma forma mais ampla.

Então acho que esse é primeiro ponto, acho que legado já está acontecendo, ele já está sendo costurado, e eu acho que não só a ideia de um reconhecimento individual, mas um reconhecimento do valor daquilo que está narrado, do valor daquilo enquanto literatura, não é uma literatura de subúrbio, não é uma literatura negro-brasileira ou afro-brasileira, é literatura. Literatura produzida por pessoas da periferia, produzida por pessoas pretas, produzida por pessoas que talvez sem recurso amplo do livro e da leitura. sem políticas públicas do livro e da leitura se pré-dispuseram a se ver subjetivamente a olhar o mundo subjetivamente e a construir uma interpretação crítica também da sociedade a partir da literatura ou seja daquilo que de alguma maneira eles foi negado.

Ou seja, é alguém que tem um direito muitas vezes negado, mas que resolve discutir esse direito. Não apenas pela pauta legal, mas pela pauta da produção. Olha, eu tenho o direito de produzir, e a história não é essa história que você está interessada, a história vai ser dessa maneira assim também. A história vai ser construída, vai ser pensada, vai ser observada dessa forma também. A partir desse dessas estruturas, desses estamentos que eu e meus pares estamos produzindo. Então, eu acho que não sou reconhecimento do indivíduo, mas o reconhecimento do valor daquilo que ele produz e de uma ruptura de um determinado imaginário daqueles grupos.

Acho que romper com os imaginários a partir da literatura né? Que é algo que é muito mais perene do que uma música, por exemplo, é algo que é muito interessante. eu acho que esse reconhecimento daquilo que faz ele é mais grandioso, ele é mais urgente e ele é mais necessário do que o reconhecimento do indivíduo. E aí eu acho que o legado se encontra justamente nisso, o reconhecer o que está produzido entre o legado, mas não o legado que vai ser objeto de estudo pra daqui a vinte, vinte e cinco, trinta anos.

Um legado pra aqueles que estão vivendo esse tempo, porque a gente sempre pensa num legado num futuro e eu acho que o que a gente está legando enquanto riqueza, enquanto espaço necessário de admiração, né? Pensar no naquilo que é deixado é pro hoje. Né? Como diz o Paulinho da Viola, meu mundo é hoje, então essa

produção é pro hoje, o legado vai ficar porque ele é produzido o tempo todo, Mas não com um legado memorial. Algo que vai ficar pra gerações futuras né? Algo que a ciência histórica exige uma distância. O legado está sendo feito agora porque ele precisa ser produzido pra quem está nesse mundo agora, não é um legado pra amanhã.

Não é um legado que um determinado sujeito é reconhecido pós-morte. Não! É um legado pra agora, pra esse sujeito ser reconhecido pelos seus pares, ser reconhecido por gente que amassou e pisou nesse chão como ele. Então acho que é um legado do hoje, talvez subvertendo essa lógica eurocêntrica do legado como algo produzido para o futuro, produzido para gerações futuras, produzidos por aqueles que vêm depois da gente. O senso de urgência dos negros e periféricos brasileiros ele é muito grande, ele também se reflete na sua produção artística.

No nosso caso na literatura, então eu que não sei por N formas de violência estatal se estarei vivo amanhã, eu não posso imaginar que eu vou estar produzindo algo hoje para daqui a vinte, trinta, quarenta, cinquenta anos e o que é produzido hoje ele é pro hoje, ele é pra ser devorado hoje. A boca que devora tudo, ela também devora legado produzido por hoje. Comida boa é comida fresca, é comida quente.

Eu acho que esse é o grande ponto quando a gente pensa legado, acho que é o grande desejo dos autores. É entender que essa comida que está sendo preparada hoje ela é pra ser devorada hoje, porque amanhã vai ser produzir outro banquete, amanhã vai se produzir outros alimentos. Que essa literatura é viva e de tão viva, é muito mutável. Então ou se devora que está sendo produzido hoje ou amanhã não tem o mesmo sabor acho que é a grande ideia é essa né? É ter o reconhecimento pelo hoje, ser percebido pelo hoje e sabendo que amanhã pode ser feita outra coisa."

Valentim nos traz relatos comoventes de sua infância e juventude, onde o livro e a leitura sempre encontraram um lugar especial, desde as idas para biblioteca como castigo, aos poemas para os primeiros amores. O autor nos apresenta uma ideia de legado que também é produzido no tempo presente e que consequentemente também traz o reconhecimento por meio daquilo que é percebido no hoje.

Considerações Finais

Ijexá

Águas sagradas que me movem
Calmas ou revoltas
Se transmutam em nascente ,
curso ,foz e desaguar...

Renovação!
Que me transforma
Na essência do ser
Seiva nutritiva
Que me enche de vida

Lágrimas
Que transbordam,
Ofertando limpeza
É cura das dores e do banzo
Abebe que glorifica
E também protege

Estratégia que me mantém viva
Nessa violenta diáspora
O brilho intenso
Que se traduz
No meu sorriso
Revestido de ouro e alegria

É amor que não cessa
Minha maior força e proteção
Bailar que encanta
Mel que me conserva a doçura

É feitiço é força
Revestida de ternura

Oxum é o poder
Que guarda segredos
Na barra de sua saia
Meu exemplo,
Minha centelha divina
Abram caminhos
Que mesmo pisando em brasas
A Yalode vai dançar seu Ijexá !

Ijexá é um poema escrito por mim em 2022 em homenagem a minha mãe Oxum, que fala de fé, renovação, caminhos, proteção e o amor que me sustentam em meio às agruras e aos bons momentos da vida e por isso o escolhi para abrir as últimas considerações desta pesquisa. A religiosidade, como vimos a partir dos relatos do escritor Pedro Machado e de Conceição Evaristo (2020) é um aspecto importante, no âmbito das nossas escritas negras e periféricas.

O proposta para o presente trabalho emergiu a partir do meu percurso como muher negra, periférica, candomblecista, escritora, poeta, pedagoga, professora, ativista e articuladora cultural. Falar sobre literatura e pertencimento e das trajetórias e influências dos escritores negros dos subúbios do Rio de Janeiro é também falar sobre a minha trajetória e as encruzilhadas que me trouxeram até aqui.

Ao longo deste percurso de dois anos de mestrado, publiquei livros, mediei mesas e também conflitos, fui aprovada em um concurso público, tomei posse me tornando servidora pública, renasci para Orixá me iniciando no candomblé de tradição Efon, fui terreno fértil e parideira de ideias e tantas outras construções.

A ideia da pesquisa que surge a partir da minha prática pedagógica no CIEE e se tornou projeto em meio a pandemia da COVID – 19, tomou corpo e se transformou em realidade com o objetivo geral de analisar os processos de construção, ao longo dos anos, das literaturas produzidas por pessoas negras, por

vezes chamadas de literatura afro-brasileira (DUARTE, 2010), literatura negro-brasileira (CUTI, 2010), escrevivências (EVARISTO, 2020) dentre outros termos, investigando de que modos têm sido construídas as trajetórias de escritores negros dos subúrbios do Rio de Janeiro, que carregam as temáticas negras e periféricas no DNA de suas escritas na contemporaneidade.

Em relação aos objetivos específicos me debrucei em identificar escritores negros dos subúrbios do Rio de Janeiro, descrevendo suas produções literárias, levantando informações sobre suas trajetórias, verificando as influências das literaturas de autorias negras em suas caminhadas. Também realizei uma abordagem sobre redes sociais, mercado editorial, pertencimento e legado.

Até chegar a finalização (ou seria um novo início?) desta pesquisa, trilhei caminhos metodológicos que passaram pela revisão bibliográfica sobre questões relacionadas à raça, racismo, branquitude, educação, presença negra na literatura brasileira, presença de escritores dos subúrbios do Rio de Janeiro. Na segunda fase, parti para a pesquisa de campo com nove escritoras negras e escritores negros dos subúrbios do Rio de Janeiro, por meio de entrevistas semiestruturadas.

Nesta pesquisa trago quatro destes escritores: Pedro Machado, Fábio Carvalho, Flávio Braga e Phillipe Valentim, pessoas que para além da experiência enquanto homens negros, periféricos e escritores, possuem como ponto das encruzilhas que os aproximam, a educação e a ligação com o Mutirão Cultural Rolé Literário, do qual eu também faço parte.

As discussões teóricas e as entrevistas presentes neste trabalho, para além de trazer relatos comoventes sobre as trajetórias e experiências dos autores enquanto homens negros que produzem literatura nos subúrbios e possuem vivências com as quais nos identificamos, ratificam a relevância deste trabalho dentro de um mestrado interdisciplinar em Relações Étnico-Raciais e para a nossa sociedade, nos mostrando a importância de se evidenciar essas trajetórias, de rememorar autorias que abriram esse caminho literário para que as escritas negras contemporâneas existam, e a importância do pertencimento por meio de uma literatura onde crianças, jovens e adultos se identifiquem.

É extremamente necessário democratizar a leitura e a escrita. Acredito que o processo de descolonização, do tornar-se sujeito, passa pelo processo de olhar

para si mesmo, de realizar um mergulho nas próprias dores, de contar nossas histórias a partir das nossas próprias narrativas, de ler autoras negras e autores negros, mas também passa pelo olhar para o igual com mais afeto, do pensar e realizar coletivamente.

Nossas narrativas são atravessadas pela dor, pelo racismo sofrido a cada dia, mas não se resumem a esses elementos. Nossas histórias também se atravessam, promovendo cura pessoal e coletiva através de assuntos e experiências diversas. Espero que este trabalho contribua para o reconhecimento da importância dos pontos abordados, na motivação de novos escritores e escritoras e na construção teórica de trabalhos acadêmicos sobre a temática.

A literatura nos inspira e nos mostra ao longo dos anos que podemos ser e escrever sobre várias temáticas, em diferentes estilos literários, sem estarmos presos a padrões pré-estabelecidos e a caixas nas quais a sociedade tenta a todo tempo nos aprisionar. As armadilhas coloniais seguirão existindo, mas as nossas reinvenções e estratégias de sobrevivência, seguindo na contramão das narrativas hegemônicas, também. Como diz o provébio africano: “A união do rebanho obriga o leão a deitar-se com fome”.

Referências

ABRAMOAVAY, Miriam Rua, and Maria das Graças. **Violência nas escolas.** 2002.

Ações afirmativas e combate ao racismo nas Américas. Brasília: Ministério da Educação/UNESCO, 2005. (Coleção Educação para Todos).

ALMEIDA, Sílvio. Racismo e Ideologia. (in) ALMEIDA, Sílvio **O que é Racismo Estrutural?** Belo Horizonte: Letramento. 2018.p. 45-64.

Anti-racista: Caminhos Abertos pela Lei Federal 10639/03. Brasília,Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

BAKHTIN, Mikhail; FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristóvão. **Para uma filosofia do ato** (1919-1921). Tradução: FARACO, CA, 1993.

BAKHTIN. Mikhail. **Estética da Criação Verbal.** São Paulo: Martins Fontes: 2003.

BERND, Zilá (Org.). **Poesia negra brasileira.** Porto Alegre: AGE/IEL, 1992.

BERND, Zilá. **Introdução à literatura negra**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BERND, Zilá. **Negritude e literatura na América Latina**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Raciais e para o Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.**

BROOKSHAW, David. **Raça e cor na literatura brasileira.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

CAMARGO, Oswaldo de. **O negro escrito.** São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura-Imprensa Oficial, 1987.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade: A construção do outro comonão ser como fundamento do ser.** Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2023.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. Companhia das Letras, 2022.

CUTI. **Literatura negro-brasileira.** São Paulo: Selo Negro Edições, 2010.

DALCASTAGNÈ, Regina, "**A personagem do romance brasileiro contemporâneo : 1990-2004", Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n° 26, Brasília, jul.-dez. 2005, p. 13-71.

DA NOBREGA FERNANDES, Nelson. **O rapto ideológico da categoria subúrbio: Rio de Janeiro, 1858-1945**. Apicuri, 2011.

DA TRINDADE, Azoilda Loretto. **Valores Civilizatórios Afro-brasileiros na EducaçãoInfantil.** São Paulo: Futuro, 2005.

DE SOUZA SOUTO, Stéfane Silva. Aquilombar-se: insurgências negras na gestão cultural contemporânea. **Metamorfose, v. 4,** n. 4, 2020.

DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo.** Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

DUARTE, Eduardo de Assis (coord.). **Literatura afro-brasileira: 100 autores do século XVIII ao XX.** Rio de Janeiro, Pallas, 2014.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Por um conceito de literatura afro-brasileira**. Terceira Margem, Rio de Janeiro, n.23, jul./dez. 2010, p. 113-138.

EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) contemporânea. In MOREIRA, Nadilza e SCHNEIDER, Liane (Orgs.). **Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora.** João Pessoa: Ideia, 2005.

EVARISTO, Conceição. **Escrevivência: a escrita de nós. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo.** DUARTE, Constância Lima. Rio de Janeiro : Mina Comunicação e Arte, 2020.

FANON, Frantz. **"Os condenados da terra".** Tradução de Lígia Fonseca Ferreira e Regina Salgado Campos. São Paulo: Zahar, 2022.

FERNANDES, Florestan. **O Negro no Mundo dos Brancos**, são paulo: Difusão Europeia do Livro. Negro no mundo dos brancos, 1972.

GOMES. Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: Uma breve discussão. In: **Educação Antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03.** Brasília: MEC, Secretaria de educação continuada e alfabetização e diversidade.

GONCALVES, Rôssi Alves. Rodas Culturais- a arte nas praças cariocas. **Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, v. 8,** p. 441-450, 2014.

GONCALVES, Rôssi Alves. Resistência e empoderamento na literatura urbana carioca. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, v. 01, p. 183-202, 2016.

GONCALVES, Rôssi Alves; NERCOLINI, Marildo. A cultura urbana periférica: silenciamentos etáticas. **Revista Soletras**, v. 1, p. 34-50, 2018.

GONCALVES, Rôssi Alves. A persistente inscrição da fala da periferia no Movimento Literário Brasileiro. Pragmatizes - **Revista Latino Americana de Estudos em Cultura,** v. 4, p. 19, 2013.

GONCALVES, Rôssi Alves. **Arte e rua: o direito à escrevivência.** 2021. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).

GONCALVES, Rôssi Alves. **As falas que extrapolam a periferia**. CONTEXTO (UFES) , v. 19, p. 5-12, 2011.

GONCALVES, Rôssi Alves. Cabeças da periferia: Jessé Andarilho. **A escrita, a cultura e o território.** 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2020. V. 1.

GONCALVES, Rôssi Alves.. **O momento do "deixa o excluído falar".** Artefactum (Riode Janeiro), v. NI, p. 21-26, 2009.

GONCALVES, Rôssi Alves. O território como protagonista da narrativa contemporânea. **Revista Alere, v. 2**, p. 53-60, 2010.

GONCALVES, Rôssi Alves. Que isso, periferia? **Revista do Arquivo Geral da Cidadedo Rio de Janeiro, v. 6**, p. 207-214, 2012.

GONCALVES, Rôssi Alves. **Subúrbio sem pudor- a construção coletiva do subúrbio na página "suburbano da depressão".** 2021. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).

GONCALVES, Rôssi Alves.; CARVALHO, F. **O corpo na rua: a linguagem das performances nas Rodas Culturais.** Artefactum (Rio de Janeiro), v. 1, p. 1- 12, 2014.

GONCALVES, Rôssi Alves. **'Quem está falando?' - autoria e legitimação em processo na Literatura brasileira contemporânea.** GLAUKS (UFV), v. 11, p. 5-14, 2011.

HALL, Stuart. Identidade cultural e diáspora. **Comunicação & Cultura**, n. 1, p. 21-35, 2006.

IANNI, Octávio. A racialização do mundo. **Revista Tempo Social,** USP, São Paulo, maio de 1996, p. 1-24.

IANNI, Octávio. Dialética das Relações Raciais. **Estudos Avançados**, São Paulo, 2004, p. 21-30.

JESUS, Fernando Santos. O " negro" no livro didático de história do Ensino Médio e a Lei 10.639/03. **História & Ensino**, v. 18, n. 1, p. 141-171, 2012.

DE ARAÚJO MAIA, João Luis; DE LA TORRE CHAO, Adelaide Rocha. - **Subúrbio carioca: conceitos, transformações e fluxos comunicacionais da**

cidade- Conexão- Comunicação e Cultura, 2016 - ucs.br.

JÚLIO, Ana Luiza dos Santos. **Sobre o sentimento de pertença: um passeio pela negra identidade.**

JÚNIOR, Raimundo Magalhães. **Machado de Assis desconhecido.** Rio de Janeiro: civilização Brasileira, 1957.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano.**

Editora Cobogó, 2020.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo** (Nova edição). Editora Companhia das letras, 2019.

LOPES, Nei. **Enciclopédia brasileira da diáspora africana.** Selo Negro Edições, 2014.

MACHADO, Pedro. Org. **Encruzilhadas suburbanas.** Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2023.

MANZINI, Eduardo José. Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros. **Seminário internacional sobre pesquisa e estudos qualitativos**, v. 2, p. 58-59, 2004.

MATTOSO, Rafael. Um novo olhar sobre os entornos da cidade: A depreciação da categoria subúrbio, um conceito historicamente construído (1870-1930). **O impacto lingüístico da chegada da Família Real ao Rio de Janeiro**, p. 23, 2009.

MOMBAÇA, Jota. **A Plantação Cognitiva.** Disponível em: https://masp.org.br/uploads/temp/tempQYyC0FPJZWoJ7Xs8Dgp6.pdf4

MUNANGA, Kabengele ; GOMES, Nilma. Lino. **O negro no Brasil de hoje.** São Paulo: Global, 2006.

MUNANGA, Kabengele. As ambiguidades do racismo a brasileira. (In) KON, Noemi Moritz; SILVA, Maria Lúcia; ABUD, Cristiane Curi (Orgs). **O Racismo e o Negro no Brasil: questões para a psicanálise.** São Paulo: 2017, p. 33-44

MUNANGA, Kabengele. Identidade, Cidadania e Democracia: Alguma Reflexão Crítica sobre os Discursos Antirracistas no Brasil- **A Cidadania em Construção**. São Paulo, Cortez, 1994.

MUNANGA, Kabengele. O antirracismo no Brasil. In: MUNANGA, Kabengele (Ed.). **Estratégias e políticas de combate à discriminação racial**. EdUSP, 1996.

MUNANGA, Kabengele. Por que ensinar a história da África e do negro no Brasil de hoje? **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros,** Brasil, n. 62, p. 20– 31, dez.

2015.

MUNANGA, Kabenguele. Uma abordagem Conceitual das Noções de Raça, Racismo, identidade e Etnia. **Cadernos PENESB.** Número 5. Niterói. EDUFF, 2004, p.15-35.

NASCIMENTO, Beatriz. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. **Revista Afrodiáspora**, v. 3, n. 6-7, p. 41-49, 1985.

OLIVEIRA, Dennis. Capitalismo dependente. (In) OLIVEIRA, Dennis. **Racismo Estrutural: uma perspectiva histórico-crítica.** São Paulo: Editora Dandara, 2021.

DE SÁ OLIVEIRA, Leyla Beatriz; JÚNIOR, Henrique Antunes Cunha. A importância da lei federal 10.639/03. **Revista África e Africanidades,** v. 16-17, p. 50, 2012.

PINHEIRO, Paulo Sérgio. Violência e cultura. In: LAMOUNIER, Bolivar; WEFFORT, Francisco; BENEVIDES, Maria Vitória (Orgs.). **Direito, cidadania e participação.** São Paulo: TA Queiroz, 1981.

Philosophy of the act. Austin: University of Texas Press, 1993.

PROENÇA FILHO, Domício. A trajetória do negro na literatura brasileira. In: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 25. (Org. Joel Rufino dos Santos),1997.

PROENÇA, Wander de Lara. 2007. Escravidão no Brasil: Debates Historiográficos Contemporâneos. In Anais eletrônicos da XXIV **Semana de História: "Pensando o Brasil no Centenário de Caio Prado Júnior".** Gráfica UNESP, Assis –SP.

SANTOS, Sales Augusto dos. A Lei nº 10.639/03 como fruto da luta antirracista do Movimento Negro. In BRASIL. **Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03.** Brasília.

SAYERS, Raymond. **O negro na literatura brasileira.** Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1958.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil.** 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras.

SILVA, Ana Célia. A desconstrução da discriminação do livro didático. In: MUNANGA, Kabengele (Org). **Superando o racismo na escola.** 2. Ed. Ver. (Brasília, DF): Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

SILVA, Nelson Fernando Inocêncio da Africanidade e religiosidade: uma possibilidade de abordagem sobre as sagradas matrizes africanas da escola. In.: **Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal no 10.639/03.**

Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília, p. 121130, 2005.

SOARES, Lissandra Vieira; MACHADO, Paula Sandrine. ―Escrevivências" como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social. **Revista Psicologia Política,** v. 17, n. 39, p. 203-219, 2017.

SODRÉ, Muniz. **Claros e Escuros: Identidade, povo e mídia no Brasil.** Petrópolis: Vozes, 2000.